







ENSOLARAR VIDAS

ANA REGINA NOGUEIRA

2017

Copyright © 2017 Ana Regina Nogueira da Costa

Irdin é uma editora sem fins lucrativos

Projeto gráfico e diagramação

Cláudio Rocha

Fotografias

Ana Regina Nogueira

Agradecemos as fotos de: Alice Keiko Taira: p. 59, 96, 122; Juliana Saldanha: p. 130

Mary Pradatzky: p. 37, 118, 150, 158; Mike Gordon / Creative Commons: p. 107;

Tatiana Figueiredo: p. 202

Fontes

Adriane Text (textos) e Pépala Pro (títulos), gentilmente cedidas por Marconi Lima

Revisão

Equipe de voluntários da Associação Irdin Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Nogueira, Ana Regina

Ensolarar vidas / Ana Regina Nogueira — Carmo da Cachoeira: Irdin, 2017

220p. : il

ISBN 978-85-60835-94-2

1. Ensaios. 2. Fotografia. 3. Natureza. 4. Vida Espiritual. 5. Reinos. 6. Animais.
7. Vegetais. 8. Voluntários. 9. Centro Espiritual. I. Título

CDD:636

Direitos reservados

ASSOCIAÇÃO IRDIN EDITORA

Cx. Postal 2, Carmo da Cachoeira, MG, Brasil, CEP 372225-000

Tel: (55 35) 3225-2252 — Fax: (55 35) 3225-2616

www.irdin.org.br

Impresso na Artes Gráficas Formato Ltda., em sistema offset, papel 115 g/ m²

IMPRESSO NO BRASIL

ÍNDICE

- 9** Apresentação, por Trigueirinho
- INTRODUÇÕES PASSOS FECUNDOS**
- 13** O livro: encontro de almas
- 17** Nós, dos reinos
- 1ª PARTE NASCER E RECONSTRUIR PARA RENASCER**
- 25** Um convite: bandeira branca no coração
- 29** Hoje, ontem, depois, amanhã
- 35** Visita à mata
- 41** Pomares, santuário para aves
- 45** Os deusas e as podas
- 49** Generosidade vegetal
- 55** Um jardim rural
- 61** O mundo acaba, e as braquiárias ficam?
- 65** Café, uma planta frustrada, e matas em extinção
- 71** O nada
- 75** A fúria de uma queimada
- 79** Diálogo de gente sobre cobras e lagartos, rãs, pererecas, aves, plantas e eutanásia
- 85** Vou te guardar, filho, calma
- 89** Tirar pedras do caminho de cães
- 93** Unido ao Universo
- 97** Desafios e sinais dietéticos
- 101** Encaminhar um ser vivo
- 105** Esquecer-se de si pelo bem do próximo: atendimento gratuito
- 109** Jamais desanimar
- 111** Quati, algo dele na gente
- 115** Cavalos renascidos
- 119** Bois, o despertar
- 123** A real necessidade das aves
- 127** Três tucanos, nada vem separado
- 131** Corujas, seres simbólicos
- 133** Onofre, o pato-ganso
- 137** Pica-pau, ser mãe e pai de todos
- 141** Uma casa para almas animais
- 147** A colaboradora fiel
- 151** Viajantes ou as almas errantes
- 155** Um golpe na pureza infantil
- 159** Três oportunidades
- 163** Retiro, um convite do silêncio
- 2ª PARTE AMAR, ETERNO AMAR**
- 169** O setor Eu Sou
- 175** Matrimônio, união com o que nem se imagina
- 181** O risco do paraíso pessoal
- 185** Sítio dos Reinos
- 191** Terras da Unidade
- 197** Olhos do coração: Casa Esperança
- 203** Sítio da Estrela
- 207** Um futuro áureo
- 211** **3ª PARTE AS VIDAS ENSOLARADAS**

*O meu lugar é o não lugar. Não sou do corpo, não sou da alma.
Sou do Amado. Sigo a cantar e a buscar sempre o Um.*

Sufista Djallal Ud Din Rumi

*Não pertenço a nação alguma, a sociedade alguma, mas ao Divino.
A Ele entreguei tudo, a vontade, a vida, o eu. Para Ele estou pronta
a dar meu sangue, gota por gota, se essa for Sua Vontade, com uma
alegria total. A Seu Serviço nada poderia ser um sacrifício, pois
tudo é perfeita felicidade.*

Mirra Alfassa, A Mãe



Apresentação, por Trigueirinho

Este é um livro de dois autores: aquela que o escreveu, e o olhar dos animais nele fotografados. Esses olhares confirmam que o Reino Animal por enquanto é um mistério para o homem, porque ainda não sabemos distinguir quando, em um desses nossos "irmãos menores", já existe uma semente de Alma e quando a Alma está para começar a nascer.

Em alguns a semente é bem viva e busca dar-nos um recado, como se vê nas fotos das páginas 83, 88, 103, 104, 118, 121, 122, 132 e 136. Outras vezes a presença dos nossos pequenos irmãos, que frequentemente vivem solitários, mostra-nos quanto precisam ser amparados. Vejam um deles em uma rua deserta, na página 146.

Convido-os a contemplar também um grupo de aves emigrando, buscando um melhor lugar para viver, na página 40; e a ave, sozinha, porém sob a energia de vida d'Aquele que a criou, na página 150.

Não pretendo me estender para não influir na energia pura que este livro transmite. Às vezes, a autora expõe claramente sua Alma humana, cheia de compaixão

pela vida que o Reino Animal desenvolve aqui na Terra como nosso instrutor e servidor; porém, quase sempre, como uma espécie de refém diante da indiferença humana.

Entretanto, também existem seres humanos que são exceções como, por exemplo, a senhora segurando amorosamente um pé de couve, na página 50; aquelas duas amigas que, com muito cuidado, aliviam um cão, na página 168; o senhor sensível, na página 114, que marca o início do capítulo "Cavalos renascidos"; finalmente, Mene, no Sítio dos Reinos, conversando com um cão, e o animal escutando-o atento. Vejam-nos nesse momento feliz, na página 184.

Bom trabalho a vocês, caros leitores.

*José Trigueirinho
Junho de 2017*



INTRODUÇÕES
PASSOS FECUNDOS



O livro: encontro de almas

Minha viagem começa: imersa na contemplação da paisagem coberta de morros e mais morros tingidos de matizes terrosos e verdes, cruzamos trilhos de trens e mata-burros sobre córregos. Ora avistava casarões de fazendas, ora extensos cafezais. Aqui e ali, eucaliptos em fila ou ilhotas de araucárias e matas preservadas como reserva legal. Pelas encostas, extensões de solo vermelho arado seriam semeadas nas primeiras chuvas, previstas para dali a dois meses. Arbustos retorcidos e cinco brilhantes lagoinhas arrepiadas pela brisa beiravam o caminho. Ou vacas, bois, bezerros. Por vezes, um cão correndo seguia um trator.

Este é um livro sobre servidores que, em grupo, põem tudo o que são em tudo o que fazem. Suas mãos tocam sem temor o pelo, a pele, a pena, o pano. Trazem vida às mais corriqueiras ações. Segundo a segundo buscam, no ínfimo, o infinito que se oculta em espaços de si e do outro. Ao tocarem o mínimo, a flor, a garça silvestre, mãos ou patas urbanas, chegam ao todo. Alegres, de sorriso puro e olhar incandescente, igualmente curam feridas abertas na carne e no íntimo de animais, na casca da árvore, nos cactos. E no todo brilha a nobreza de seus dons.

Uma nova humanidade está surgindo para construir o almejado futuro sem guerras nem fronteiras, sem materialismo ou ganância. Em busca do Grande Mistério, milhões de seres humanos despertam em vários pontos do planeta para uma vida generosa. Entregam-se à poderosa corrente dos que aspiram a manifestar ideias e virtudes cristalinas de profundas repercussões transcendentais.

Fui convidada a trazer à tona a inovadora história tecida pelo grupo que, unido a uma comunidade de

outras almas, busca o reino do Único – reino em que todos inevitavelmente se encontrarão um dia. Palavras e fotos espelhariam a experiência e o conhecimento germinados no convívio fraterno com tudo e com todos.

Semeador da vida pacífica, um casal atendeu a um chamado interior. Pouco a pouco, Mene Abdo Meni e Hayla Nogueira Alves Meni abdicaram da vida pessoal para coordenar o Setor Reinos, que religa elos de amor entre homens, animais, plantas. O setor é um ramo da Casa Luz da Colina. Essa associação sem fins lucrativos, de natureza filantrópica e beneficente, é um prolongamento da Comunidade-Luz Figueira, uma obra de transformação da consciência. Ambas são filiadas à Fraternidade-Federação Humanitária Internacional, criada para auxiliar a transição planetária por meio da instrução espiritual-filosófica, da vivência grupal e do serviço abnegado. Distribuídos por vários países, parte dos membros se consagra à vida comunitária em Centros de Amor. Outra parte, também de fiéis colaboradores, constrói um novo padrão de conduta em suas cidades.

O grupo de voluntários brasileiros e estrangeiros do Setor Reinos conduz um trabalho sem afetação. Graças a ações simples, todavia árduas, vem amenizando a dor física e interna de milhares de aves, répteis, mamíferos, árvores, gente. Os números variam segundo a chegada e saída de animais, mas, em média, são guardiães de 150 animais resgatados e atendem 400 a 600 ao mês.



Cada planta e cada animal acolhido, cada um, é chamado de *filho, filha* pelo espírito paternal dele e pela ternura maternal dela. A ensolarar pequenas vidas, seu trajeto alivia corações e aquece noites espirituais e emocionais.

Para gestar um livro vivo, nossas três almas teriam de se unir, como fora anunciado por Trigueirinho ao encomendar a obra. O casal doaria sua história assim como doa sua existência.

Marcamos nosso primeiro encontro em Carmo da Cachoeira, cidade mineira de estreitas calçadas sem árvores. Ele e ela me guiariam rumo às Terras da Unidade, ofertadas para o resgate dos Reinos da Natureza. Antes de prosseguir, passamos pelo Sítio dos Reinos para eles examinarem um gato recém-atropelado. Os dois sítios, Terras da Unidade e Sítio dos Reinos, mais a Casa Esperança, uma residência na cidade, formam a radiante base trina do Setor Reinos.

Carmo da Cachoeira

O município acolhe um trabalho espiritual-filosófico transformador. Dizem que o grande coração de Minas Gerais se doa ao Brasil, às Américas, ao planeta e a todos atrai e abarca no seio maternal. Os mineiros têm a característica de, ao confiar, abrir as portas para ofertar o melhor de si: uma alma bondosa. Que segredos ocultam montanhas do sul do estado para ter recebido tão vasta obra?

Após percorrermos pequeno trecho da rodovia interestadual, entramos em uma estrada rural de terra batida, em curvas e sobe e desce. Plenos! No colo ela levava um tesouro, uma corujinha cinza expulsa do ninho pela mãe, que só aceita criar até três filhotes por vez. O automóvel trepidava por ondulações da pista. Para onde vamos?

Sigo-os em um turbilhão de poeira. Param. Ele vem sorrindo, como sempre. Orienta-me a permanecer distante de sua caminhonete para me livrar do pó, pois ainda faltam uns dez quilômetros para chegar. Apona duas árvores altas e esguias. Contra o horizonte, formam a figura de um monge orando de mãos postas ou a imagem de uma mãe com o filho no colo, assim vista por outros. O arquétipo eterno ressurgue de infindas maneiras aos olhos de gerações e mais gerações. A cada passo nos deparamos com uma miríade de símbolos que aguardam ser decifrados. É um encantamento ler, em um fulgor, o significado de algum. Clareia o lusco-fusco que turva nossa visão.

Diz-se que a chuva é uma graça vinda dos céus. Mal voltamos a rodar, uma imprevisível cerimônia se revela: um chuvisco umedece o cenário. Salpicada por gotículas, a poeira baixa. O aroma de terra molhada e a bendita água batizam nossa comunhão. O gesto gentil simboliza as boas-vindas e um compromisso: *a natureza vai abrir caminhos para o relato desta preciosa história de amor pela vida, inspirada por montanhas sem fim.*



Mene, o coordenador, pondera: Os reinos nos redimensionam. Entendemos agora que são representantes grandiosos do Universo, e os humanos apenas uma de suas partes. Antes julgávamos ser o centro do planeta. Descobrimos quem verdadeiramente somos: um morador a mais, nem maior, nem menor do que outro ser vivente. Essa revelação transforma nossa consciência. Cada criatura se torna um irmão que precisa evoluir. Em certo momento entendi como sou pequeno e como cada espécie é tão importante quanto a espécie humana. Enxerguei como exploramos, dominamos, nada entendemos do sentido da vida e ainda precisamos aprender sobre o amor.

Nós, dos reinos

Óh, mistérios! A abelha, a árvore majestosa, a rocha que se eleva, um coral ou uma baleia nos mares, um pavão, um anjo ou uma criancinha existem no palco do mundo visível ou sutil para conviver e colaborar um com o outro.

Para construir uma História e um Plano só conhecidos pelo Criador, a princípio Ele mesmo lançou no Cosmos átomos de Sua consciência. Essas essências passaram a trafegar por rotas traçadas pelo amor universal. Por éons e eras, as gotículas da Luz Maior seguem pelo sempre eterno. Galgam patamares evolutivos até, terminada a trajetória, retornar à Origem. E o Criador as recolhe em Si mesmo.

As criações se subdividem em reinos mineral, vegetal, animal, humano, elemental, dévico e espiritual. Esses são os mais conhecidos na Terra. Com vidas entrelaçadas, uma imensidão de essências aqui se reveste de incontáveis formas e cores terrestres e aquáticas.

Mas quantos outros reinos se esparramam pela assombrosa quantidade de estrelas e galáxias conhe-

cidas e ainda por descobrir? A cada reino o Altíssimo entregou uma tarefa oculta e certas qualidades. Quando os seres finalizam sua aprendizagem em um, transferem-se enriquecidos para o seguinte. E prosseguem, de reino em reino. Do concreto a muito além do espiritual, até atingirem a não forma.

Contemplar a natureza, servir a ela e simplificar a vida nos conduz por uma via correta. É uma das escolas do despertar humano.

Os primeiros contatos com a beleza da Mãe Terra nascem através do olhar. Mudos, nossos olhos penetram nas nervuras de uma folha, no cair da tarde, nas pupilas do cão perguntando: *O que você quer de mim?* Em gesto humilde, as pontinhas de nossos dedos sentem as águas livres, areias, pétalas, escamas. Eis que um dia estendemos as mãos para alimentar a terra, conduzir uma rama delicada, colher uma fruta, ensaboar pelos de animais. Mãos silenciosas – de seda, ásperas, severas ou suaves – aliviam dores. Mãos impregnadas de magnetismo emanam vibrações amorosas ao acariciar, limpar, tratar.

Pela caminhada vamos assistindo surgir, bem lá dentro de nós, o que não se vê mas está presente. Sentimos secretos fios invisíveis tecerem mistérios transparentes entre nós e as raízes, nós e as minas de pedras preciosas, nós e a vida aquática. Passamos a ter caridade pelas criaturas da Mãe-Terra e da Mãe-Mar, que nos povoam à medida que aprendemos a amá-las.

Irmana-se com a natureza quem, ternamente atento, observa reações de cada criatura. Transforma-se, à medida que nela descobre chaves de bondade, alegria, inteligência. Palmo a palmo, aposento após aposento, segue pelo luminoso castelo interior, que aguarda ser desvendado. Vai umedecendo o coração seco até se tornar mais intuitivo e íntimo de Deus.

Desconectados e sem tempo para enxergar, ouvir e tocar, passamos acelerados. Quem tem olhos para ver sabe quanto os animais ensinam a consciência do serviço. Quanto as plantas são abertas a se comunicar conosco, quanto conseguem perfeita unidade entre suas espécies e nos ensinam sobre a humildade: no desprezado capim habita a mesma vida majestosa da árvore madura. Quanto o reino mineral é o maior símbolo de poder dos reinos, o suporte da existência material, o substrato do planeta. A água, as rochas e os compostos químicos são a base de todas as formas concretas. E ainda nutrem organismos vivos.



Perguntas eternas pairam em nossos pensamentos: *Quem somos nós? De onde viemos? Para onde vamos?*

Em busca de decifrar questões sobre o imenso e o misterioso, há décadas milhares de buscadores vêm sendo atraídos por instruções luminosas que os impulsionam a se transformar. Que os levam a um

viver fecundo. Que os ensinam a criar raízes sutis. Florescer. Semear. Suas ações e orações ressoam na sofrida consciência planetária, enquanto aprendem a servir ao outro em nome da humanidade.

Uma das propostas deste grupo vinculado à Fraternidade-Federação Humanitária Internacional é amenizar a dor da natureza e colaborar com sua evolução. Para tal foi criado o Setor Reinos, que funde a vida prática a conhecimentos técnicos e científicos e, ainda, a verdades ocultas.

O casal a ele consagrado reflete: *O Setor Reinos faz o que pode, um mínimo diante da necessidade geral. Em retorno, é imensamente trabalhado pelos animais e plantas. Na verdade, são eles que constroem a ponte até nós, por serem mais espontâneos para expressar o amor. Perdemos a conexão com certas qualidades que brotam da alma, como a pureza original, neles intacta.*

Para compreendermos o percurso dos que trabalham no Setor Reinos, gravamos horas de conversas com alguns colaboradores, uma residente da Comunidade-Luz Figueira e, sobretudo, com o casal. A maioria se deu enquanto cuidavam, com leveza, dinamismo e reverência, das incessantes tarefas cotidianas.

Tratam cerca de 40 espécies animais, da garça ao boi. Limpam suas moradas a cantar e a conversar com cada criatura, chamando-a pelo nome, educando-a, observando minuciosamente suas necessidades. Sempre a

orar molham o jardim e a horta, plantam, colhem, cozinham, consertam. Com alegria amparam animais e moradores da comunidade e da região.

Além disso, participam da intensa vida comunitária. Deslocam-se de caminhonete por 25 km para assistir a mais de dez palestras mensais de seu instrutor que, com extraordinária abrangência, transmite mensagens planetárias e cósmicas, coligando as almas de irmãos humanos e não humanos. O casal sempre está presente nas aparições dos Mensageiros Divinos aos videntes da Ordem Graça Misericórdia, outro braço deste trabalho. Ainda assim, chamado pelo fazendeiro vizinho, dá uma paradinha no meio do caminho para atender a uma ave ferida.



Cada espécie vegetal ou animal é um universo. Ao estender as mãos, o Setor Reinos adquire novas percepções através de incessantes resgates. Diz a coordenadora. *Das microflorezinhas até as altas montanhas, cada reino vive em um mundo desconhecido de consciência. Ao nos relacionarmos com eles dia após dia, alguns aspectos passam a se descortinar. Eles percebem nosso comportamento e nos aceitam do jeito que somos. Querem se comunicar conosco. Parecem chamar: “Venha, venha, eu o acolho, eu preciso de você. Fique perto, cuide de mim, me põe ao sol. Descubra este tipo de beleza, ou aquele outro tipo. Você pode contatar o que habita na pedra ou no raminho acarinhado pelas águas do rio.”*



Ela indica meios de cura além dos prescritos por médicos: *Podemos nos curar enquanto admiramos a harmonia do voo das aves, um réptil serpentear entre rochas, ao contatar a quietude da coruja. Confidencia: Sou uma criança aberta a aprender. Meu exercício de contemplação, o momento em que minha mente se acalma, é quando entro em sintonia com o lado interno de plantas, animais, da terra e das pessoas.*

Em meio a reflexões, relatam histórias como a do mico dentro de uma arapuca chutada por meninos como uma bola de futebol. Um mico pretinho em uma gaiolinha quadrada. A arapuca se abriu, e ele fugiu justamente para um pé de acerola da casa de uma protetora. Ela o resgatou e logo pediu ajuda ao

O mico Intin

Pequeninho e frágil, demonstra força e coragem para reverter sentimentos de medo, nos ensinando a atravessar a ponte entre duas fronteiras: a rude hostilidade e a esfera da amizade. O dócil animalzinho é um símbolo de perdão. Ao voltar a confiar no ser humano, que tanto o maltratou, abre-se para viver uma nova união. Por isso transmite aos que o observam uma mensagem de esperança, alegria e vontade de persistir.

Setor Reinos. Gravemente ferido, o primata de longo rabo felpudo fora conduzido às mãos certas.

As crianças tentaram buscá-lo. Saíram assustadas diante da advertência: haviam cometido um crime ambiental, e a polícia poderia ser chamada.

A maior ferida do bichinho era interna, o trauma, o medo, o desamparo, que veio a demonstrar ao se perceber seguro. Agachou, tampou os olhos com as mãozinhas e, por um longo tempo, chorou. Soluçava como uma pessoa. Por certo de tristeza; quem sabe de alívio por estar a salvo. Comovido, o filho da protetora se pôs em lágrimas. Nem sequer sabia que animais choram.

O miquinho foi batizado de Intin. Animal arbóreo, ágil na natureza, movimentava-se com a lentidão de um bicho-preguiça devido aos anos preso no espaço mínimo. Estava subnutrido.

Como o Setor Reinos é acompanhado por profissionais, recorreram aos conhecimentos de uma bióloga. Ao saber quanto os macacos se parecem com gente, apreciam a privacidade e gostam de contemplar a natureza, ele ganhou uma casinha de madeira com varanda em um viveiro ambientado com galhos e brinquedos para subir e descer. Aos poucos se recuperou. Hoje, de olhar mais brilhante, aceita cafuné e se tornou muito amigo de uma maritaca, que gosta de conversar com Intin.

Os pacientes dedos do coordenador seguram uma fatia de banana. Do outro lado, o miquinho a prende com seus dedos finos, enquanto a mordisca.

Os animais têm a virtude da devoção e nos enxergam como seus deuses. Ao ser maltratados é como se perdessem Deus. Ele explica: *A maior tristeza de bichos violentados é perder a confiança em nós. Se trazem excessivo medo de relações com humanos, é raro termos uma segunda oportunidade de lhes causar uma boa impressão. Dá trabalho desfazer um trauma, ajudá-los a se sentirem seguros, reconhecerem que só queremos apoiá-los. É lindo quando nos perdoam, resgatam a confiança em nós. É sua maior cura.*

O grupo persiste com calma, na esperança de ajudar cada animal torturado a dar um passo evolutivo. Quando isso acontece, reflete na alma-grupo da sua espécie. É um trabalho infinito o de reconstruí-los até eles reencontrarem seus deuses, nós.

Animais e plantas esperam ser contatados pelo idioma do coração. Maus-tratos, crudelíssimas matanças diárias para a alimentação humana, experiências genéticas e alterações neles realizadas em laboratórios empobrecem o planeta. Diante de tais aberrações, é possível colaborar com os sofridos Reinos.

Uma maneira de preservar as maltratadas essências da vida natural é constatar: *Naquele cafezal está a dor de Cristo, no rio quase morto está a dor de Cristo, naquele lagarto ferido está a dor de Cristo.*



1ª PARTE

NASCER E RECONSTRUIR PARA RENASCER



Um convite: bandeira branca no coração

Perguntas...

Por que sabemos tão pouco? Por que não recebemos uma instrução interna, uma resposta do que fazer com aquele animal, aquela flor? Nada escuto, mas há videntes que sim e até falam com seres angelicais... Devo estar muito surda. Hayla, a coordenadora, reflete e conclui que, hoje, a comunicação é a do dia a dia. Basta reverenciar e agradecer: Bom dia, flor, como você está perfumada e linda! Mais que articular elogios, é preciso vibrar em compaixão. E ler a linguagem silenciosa do olhar baixo de tristeza, exultante de alegria, pedinte de afeto. E aprender o digno idioma do frescor: Bom dia, irmã árvore! Obrigada por esta sombra. Esse é o contato real, o resto entregamos para Deus. Por vezes um sonho apresenta uma lição. Não, não precisamos ser videntes.

Neste ano, no próximo e no ano seguinte, mãos ágeis picam legumes e frutas para animais e humanos, nutridos de um em um. Do próprio seio da ação sem fim brota o convite singelo e puro de quem sacraliza o cotidiano e o entrega à condução divina:

Quem quer trabalhar pela paz? Todos podem colaborar. As portas da natureza estão abertas. Quem tem a bandeira branca no coração é bem-vindo. Quem oferta um olhar de amor é bem-vindo.

A jovem plantinha de um microapartamento ou a esplendorosa senhora árvore da alta montanha são nuances de uma mesma vida. Eu sou uma nuance da vida, você é outra. O peixe ou a corça são nuances. Cada semente é uma das infindas nuances do Criador. Tudo O contém e n'Ele somos um, entretecidos em comum unidade. Para Ele temos todos o mesmo valor. Infeliz de quem se julga isolado, separado do conjunto, da Vida Única.

Quer chaves? Ilumine o rosto com os raios do sol e da lua em órbita entre o azul, as nuvens, as estrelas. Sinta a brisa brincar com seus cabelos.

Olhe bem o que faz. E agradeça. Planta feijão no campo? Agradeça à terra generosa. Alguém lhe dirige a palavra? Agradeça. Bebe um copo d'água? Agradeça em favor da paz.

Plante ervas, a pimentinha linda, vermelha, cheirosa, protetora. Vá ao parque fazer contato. Árvores ofertam beleza. Toque uma, dê-lhe amor. Contate a que cresce na esquina. Sua terra está bem?

Admire as florações da primavera. Acompanhe o voo das aves. Ouça as melodias diurnas e as vozes noturnas, o farfalhar das folhas.

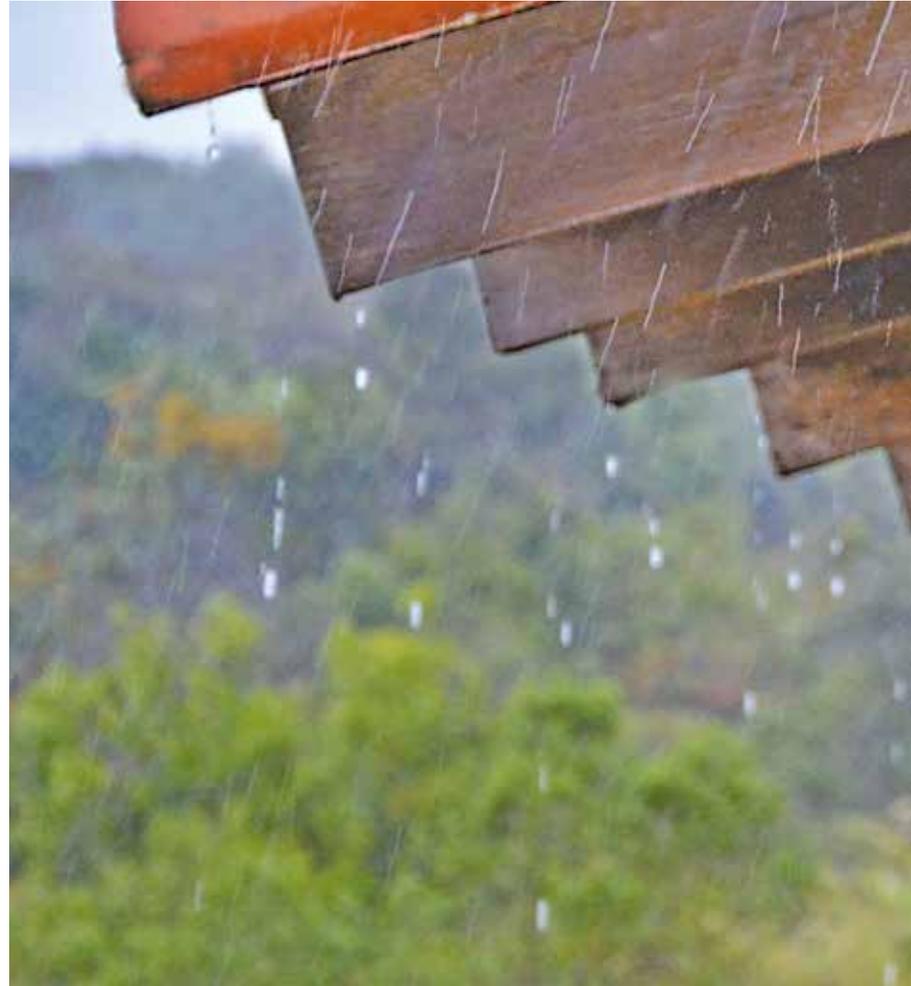
Aprenda a dar bom-dia ao alvorecer, boa-noite ao anoitecer e um sorriso para o animal da rua que você não pode levar para casa. Isso é trabalhar para os reinos.

Lembre-se do reino humano. Cultive um jardim florido dentro do próprio coração. E envie flores para o coração da criança que sofre, do soldado na guerra. Eles aceitam. Sinta leves fragrâncias em corações vizinhos.

Se tiver alimento, ofereça-o ao andarilho. Se não tiver, reverencie a vida desse irmão. Isso é um trabalho para os reinos.

Vá à feira. Leve a criança para conhecer as frutas. E fale da fruta, seu aroma, de suas cores, do pé onde nasceu. Isso é um contato com os reinos.

Tome banho de chuva e louve a água pura que vem do céu. Isso é comungar com o infinito.







Hoje, ontem, depois, amanhã

Continuo refletindo... O pouco é um milagre. Um ato de amor humano cura a asa ferida da coruja, isso se vê. Porém, há o lado oculto da mesma história: de forma misteriosa, a vida interior esparrama gotículas de luz na consciência grupal de todos os seres daquela espécie. Chispas de amor doadas a uma serpente iluminam todas as serpentes, pois qualquer expressão de vida é uma célula de um só organismo. Nada é uma unidade isolada; o feito em um ressoa em todos. É animador cooperar com uma única rosa ou um único ipê e, através deles, unir-se a todas as rosas e ipês do planeta. O trabalho no mundo concreto é uma amostra mínima diante da necessidade geral. Mas o poder interno confere plenitude às ações anônimas. Ela diz: *A grandiosidade do Criador permite que o amor seja infinitamente multiplicado.*

O vento bate em janelas e acaricia pelos e penas daqui, dali. Anuncia a hora do despertar. Ainda está escuro, mas, fiel aos reinos, o cotidiano rural dá *bom-dia* antes mesmo do sol surgir na montanha à frente das casas. E o labor diário das Terras da Unidade tem início: ela acorda em oração contínua, oferece o dia ao Alto, conversa com seu anjo da guarda, estica os lençóis, arruma o quarto onde a cada noite dormem os gatos – por vezes seis – e cadelas idosas, Brisa, Vida, Flora e Peace: *Ó Vida, você é corajosa, não tem medo de dormir com gatos!*

Sorrindo, atravessa a porta que se abre para dentro do gatil adornado por uma trepadeira com buquês de rosinhas resgatadas de uma casa em demolição. Varre, passa panos cantando, alimenta e ensina os bichanos, de conversa em conversa com cada um dos quinze: *Bom dia, Lavanda!* Miados e ronrons respondem. Ela aponta de felino em felino com ardor: *A mais carente é Alfazema, a cinza é Suri, a que vem do Sol. Esta é Jasmim. A gata albina é Ângela, de orelhas cortadas por ter tido câncer de pele. Que menina mais linda, não fique ao sol!*

Enfim, o céu reage, sai da penumbra e se colore de púrpura. Seguindo leis do Universo, o passaredo celebra a alvorada em uníssono. O Sol rubro despon-ta esplêndido. Doura de tinta diáfana a paisagem, as raras nuvens, as casas, as matas e as pupilas ardentes. Súbito, tudo mergulha em majestoso silêncio a fim de se reconectar com o poder da vida. Assim como os suricates do deserto, os humanos adoram o Sol, se embevecem ao assistir a seu espetáculo até, no primeiro ruflar de asas em voo livre, retomarem à labuta renovados pelo fogo nascente.

O casal, junto com uma residente da comunidade e uma colaboradora, ambas argentinas, divide-se pelas múltiplas tarefas. Unidos por elos suprafísicos, relacionam-se sem discórdias. Ali, o ritmo diário é intenso: sempre em oração, cuidar das casas, do jardim, da horta, do pomar, tratar os animais, cozinhar, acolher quem chega para retiros espirituais. O casal ainda acompanha o movimento da Casa Esperança e o do Sítio dos Reinos, onde vive uma colaboradora e trabalham dois funcionários.

No tempo do orvalho matutino, os animais se animam ainda mais. Ao retirar a capa do primeiro viveiro, ele escuta o oi puxado da jandaia: *Ooooi*, e responde puxando o oi: *Ooooi, filho*. Já ela, limpa a casa de Onofre, o inteligente pato de estimação de trânsito intestinal rápido, que vai sujando por onde passa. Irrequieto, grasna ofegante e se delicia com as

chuvas. É Onofre quem autoriza a entrada de estranhos no gatil, pois se considera o guardião dos felinos, que o amam, e a branquíssima Jasmim sempre abraça seu longo pescoço branco que ondula, ondula.

Agora ela chega ao pátio e se aproxima do refeitório, seguida por cachorros de diversos tamanhos, cores, idades, abanando o rabo. Agasalha no peito a jandaia Zoahr, apelidada Zozô, que significa Esplendor ou Jardim de Deus. Da gaiola ao lado da pia da cozinha, Judith, a outra jandaia, solta a voz estridente. Mais dóceis e menores do que os papagaios, são reconhecidas pelas cabecinhas amarelas. Silêncio e Azul, as maritacas verdes, criam um duo melódico, enquanto o quarteto de papagaios faz o alarido matinal para chamar atenção: Fellow imita o soar de um telefone, Star, João e Lilás repassam seu repertório de palavras humanas.

A linguagem acústica relata a vida local: a água jorra da torneira, cai no balde, a vassoura esfrega o chão ensaboando a lavanderia, a espuma escorre por baixo da porta. E ela vai cantando em meio ao vozerio: *Assim que o dia desperta, adorar a luz interior, agradecer, e persistir no caminho com alegria viva no coração*. Então deixa de lado o pano de chão. Como uma contente mãe humana, me apresenta duas recém-nascidas de cadelas resgatadas, uma atropelada e a outra com um tumor venéreo: *Deram à luz e nos encheram de alegria*. Cada mãe cria seu filhote em um cômodo separado,



pois é comum cadelas matarem os filhos umas das outras. De Esperança nasceu a pretinha lustrosa Life, com olhos ainda fechados. Já Amira, que em árabe significa Amor de Deus, é mãe de primeira viagem. Encantada com Milagros, não sai de perto da filha que, por ser única, não precisa competir com irmãos para mamar. *Que nenê lindona!* ela exclama.

Vai preparar o desjejum ao cântico de vozes angelicais de um coral de Mont Serrat. A música eleva o ambiente a um estado contemplativo, enquanto a água entoa tons líquidos. Jorra na vasilha. Colocada ao fogo, vai mudando de estado. Miniborbulhas brotam do fundo da panela. Crescem e explodem na superfície. Frenéticas, entram em ebulição, o vapor subindo aos ares. Assim como as chamas transformam a água, o coração tocado pelo fogo imaterial troca de estado, passando aos poucos do denso para o sutil.

Três badaladas soam para anunciar a refeição aos que trabalham pela área. Aves piam cumprimentando a residente da comunidade que traz da horta um carrapicho no cabelo. O papagaio dá uma risada bem humana quando o cuidador entra carregando mandiocas e três cachos de banana para os bichos e as pessoas. Sobre a mesa, o alimento fresco. No fogão, o quente.

Com o respeito que se deve ao sagrado, os devotos curvam as cabeças e, por momentos, retiram-se das atividades físicas. Saem a viajar pelo abstrato em busca da Fonte: *Vamos nos unindo ao trabalho da Mãe de todos os seres, a Mãe do Mundo que abraça os reinos com Seu manto e sempre está conosco. Que Ela nos conduza. Agradecemos Sua presença nos alimentos. Que o alimento chegue aos famintos de espírito e de comida. Em união a toda a vida planetária e a todos os reinos, gratos Senhor e Senhora, por quanto nos dão.* Ela finaliza: *O desjejum está servido.* E o chá de feijão guandu, que substitui o café, é despejado nos copos.

A louvar a variedade de vidas manifestadas na matéria, até 9h45 tratam 70 animais. Ele, após cuidar dos alados, do mico e do cágado, segue para a horta onde a residente está a plantar novas mudas. De volta à beira do fogão, ela cantarola ao chiado da panela de pressão em processo de cozimento de arroz integral: *“Vida e forma devem unificar-se, e o novo homem nascer na luz das estrelas criado. Escutai o chamado, prenúncio da*

nova humanidade.” Sem parar de picar legumes, explica o benefício de viver sem geladeira: Isso nos faz mais atentos ao aproveitamento do alimento do dia, para não estragar nada. Isso é bom, faz com que retornemos ao mais simples.

Discorre: Uma das alegrias da tarefa com os reinos é a lida no concreto. Arregacem as mangas, levantem os braços! A maior oração é feita por mãos a trabalhar. Mas não é um trabalho glamoroso. Requer um ritmo bem marcado. Levantar cedo para cuidar das plantas, limpar a área, as moradias dos animais. O verdadeiro ritual é com a pá e a vassoura, a pá que mexe a terra e limpa as fezes, a vassoura que varre e recolhe folhas. A beleza e a chave é fazer isso para o Alto, como uma oferta de caridade ao próximo.

Meio-dia. Com o almoço bem temperado com o ingrediente do amor, ressoam outras três longas badaladas. Ligeiros, reúnem-se em torno da longa mesa os que habitam a área e, eventualmente, colaboradores temporários ou quem está a fazer um retiro espiritual. Aguardam: Espere aí, gente, vou pôr um pouquinho de água na ervilha... Calado, o grupo vai suavemente fechando os olhos para um encontro interior e, antes de servir a refeição, volta a agradecer as bênçãos recebidas da Mãe Natureza.

No meio da refeição, Life, filhote de Esperança, dispara a ganir. Em perfeita prontidão, ela deixa o garfo no prato e vai: Calma, bebê, estou chegando. Logo

retorna com a notícia: Esperança se sente cansada, mas educa bem a nenê e lhe dá limites, porque ela só quer mamar o tempo todo. É quando ele complementa: Nos primeiros dias de vida, filhotes de cães podem falecer por hipotermia caso fiquem separados da mãe por muitos minutos. Como ainda não adquiriram homeostase, não conseguem regular a fonte própria de calor.

O casal passa a se lembrar dos sete cãezinhos retirados do lixo com cordão umbilical e uma doença terrível: parvovirose. Foram mantidos vivos lhes dando leite molhado no algodão de hora em hora e aquecendo-os, muitas vezes junto ao próprio corpo. Depois os filhotes tiveram cinomose, outra doença gravíssima. Alguns vieram a falecer. Alegria, cega de nascença, morou com eles por dezesseis anos.

O Sol trafega pelo azul tão azul. Raras vezes os dois se lembram de si mesmos. Mas, naquele dia, partiriam às 15h para assistir à palestra do filósofo instrutor do grupo em uma fazenda a meia hora de distância. Ela lamenta: Ai, ai, preciso trocar de roupa... queria ter, como os pássaros, um vestido clarinho de penas que nunca se sujasse.

Já noite, antes de retornarem para as Terras da Unidade, dão uma parada em uma das casas da comunidade para pegar frutas e pão integral. Só então retomam a estrada sacolejante, com a caminhonete lotada. Ela leva ao colo uma caixa com um pica-pau de topete vermelho achado no solo de um bosque.

Mal chegam, ele pousa a caixa com o pica-pau em uma mesa. Dá início a uma aproximação lúcida e extremamente delicada com este tipo de ave com que nunca lidaram, logo batizada de Michael. Enquanto ele avalia o porquê das pernas paralisadas e como melhor auxiliá-lo, ela vai dar outras doses de remédios a animais em tratamento. As jandaias tagarelam.

Ela prepara chá de pelargônio com alevante e esquentada a sopa de cenoura do jantar. Invocam o Pai e comungam do alimento ponderando sobre os possíveis ferimentos do pica-pau. A ofertar conhecimento, educam os seis cães que rodeiam a mesa: *Vocês já comeram, agora deixem a gente se alimentar.* Até sopa de pedra o animal gosta de comer perto do tutor e o imita, como fazem as crianças. Se um cachorro não gosta de frutas, podem verificar que o tutor também não.

Certa época seus dez cães viveram contentes, por mais de três meses, só de mandiocas cozidas picadas, bananas e cenouras em rodinhas, que deixaram os pelos mais sedosos. Ela explica: *A ração é um condensado da carne moída de milhões de bois e vacas misturada com farinhas. É uma homeopatia da morte.* Para os animais que precisam ser fortalecidos, como as grávidas e as fêmeas amamentando, usam de discernimento e oferecem carne e ovos cozidos como medicamento.

Bení, o bendito, é a festa do refeitório. Simpático, mas urina nos móveis: *Controle-se, Bení, deixe de ser inconveniente. Para fora! Um, dois, três.* Mas Bení não lhe

obedece, só a ele, a quem adora e respeita sem medida. Basta um gesto dele, e Bení sai sem nenhuma vontade pelo portãozinho que separa a cozinha da varanda. De fora, desata a ganir queixumes e lamentos. *Bení é um ancião moleque, muito levado, um eterno carente,* ele esclarece. *É simples, gosta da pior ração da casa, a mais barata: rejeita a de qualidade.* Em geral, os anciãos são mais sábios, mas os dois baixinhos, Bení e Rafael, um leão marinho disfarçado de cachorro, inesperadamente se lançam ferozes um contra o outro. Uma luta se desencadeia por ciúmes. Cada um morde o corpo do outro, e os tutores têm de intervir rápido para ninguém sair machucado. Apesar de terem perdido dentes com a idade, podem se ferir. Ainda estão em processo de aprendizagem sobre a vida grupal. Rafael, o brigão, foi resgatado de um quintal onde, além dele, havia mais outro cão, galinhas e um pato. Mesmo estando vários dias sem alimento nem água, o cãozito amarelo não comeu as aves. *Óbvio, Rafael é vegetariano,* ele afirma.

É hora do boa-noite, durma com os anjos. Ela sobe com quatro cadelas a escada do gatil para entrar no quarto. Os felinos que escolhem pernoitar entre almofadas e cobertores quentes já a aguardam no alpendre. Em calmas boas noites, ela pode, no breu, tratar de corujas. Para vencer o medo do desconhecido, desde criança treina andar no escuro, entregando as trevas a Deus. Vai, vai sem se repetir, sem tédio, assim como a vida que tanto brilha na obscuridade.



Diferentes vias de resgate são ofertadas para desvendarmos o melhor de nós mesmos. Uma é através do reino vegetal, que nos guia ao cerne do amor. O solo de nosso jardim interior é adubado e semeado enquanto nos encantamos com uma árvore, nos maravilhamos com as flores, contemplamos uma ramada que perde as folhas ou socorremos um vegetal. O encantamento, o maravilhamento, a contemplação e o serviço são vias de diálogo com o reino vegetal: emanções físicas dos pensamentos, do olhar e do toque das mãos ressoam nele. Em troca, nosso coração vibra. Ao ir sendo restaurado, irradia e distribui os sutilíssimos frutos da comunhão entre nós e as plantas. Elas sentem. Em silêncio, ficam ainda mais belas.

Visita à mata

Bela... bela é a paisagem vista do alpendre do quarto de retiro. Cercada e protegida por uma extensão de serras e matas, o sol poderoso ou manso, as nuvens e o vento transmutam a roupagem do cenário com rapidez imprevisível. Ora fazem brilhar uma imensidão de detalhes, ora o lançam em esparsas sombras enquanto um tucaninho passa.

Ao pé da colina, a mata atrai. Fica no profundo, abaixo das casas. Parece um lago revestido de copas verdes salpicadas de copaíbas rubras se acobreado. Nela corre um riacho de águas puras que, no tempo das chuvas, se faz caudaloso.

Pouco adiante, um pé de palmeira demarca a divisa com o vizinho cuja lavoura de café, queimada por recente geadas, mancha o quadro de cinza e preto. Conjuntos de árvores ondulam a linha do horizonte lá longe. Dizem que, em um, se vê a forma perfeita de um cavalo. Vi um elefante de tromba alta.

É setembro, é primavera. Uma força arrebatadora acende as cores das pétalas e das plantas, no mo-

mento atenuadas por nuvens baixas. Saímos para o campo. Ele, à frente, pousa os pés de mansinho. Descemos pela trilha à borda do plantio de mandiocas até deixar o descampado. Cruzamos um alto portal de galhos e folhas, pedindo licença para penetrar na mata úmida banhada de luz difusa.

Pelo tapete de folhas da alameda, embrenhávamos em mistérios de um templo natural povoado de vidas visíveis e invisíveis. No ar, o odor da terra e dos troncos encharcados por chuvas recentes. Em introspecção, seguimos para o rumor abafado do córrego.

Antes do início das construções nas Terras da Unidade, surgiu a proposta do grupo dos reinos fazer orações semanais dentro da mata. Cada um levava algo para se assentar no solo, e a coordenação oferecia frutas, pão e chá para uma refeição silenciosa ao final. Nunca mais queriam sair dali. Foi quando observaram que não havia nem um passarinho, nenhum chilreio ou pipilo.

Prosseguiam fielmente os encontros semanais até, certa vez, seis anus-brancos, de longas caudas, se avizinharem. Na alegria da reconciliação, ainda se acercaram micos e quatis em resposta ao poder da oração. A todos ofertavam frutas. Afinado à postura, ao amor e à sintonia do grupo, o reino dévico reagira ao chamado sutil, passando a atrair a fauna, a repovoar a mata e a região.

Daí em diante há aves nos ares, nos jardins, na casa, aves nas janelas, aves de toda cor a piar. Uma veio, pousou por dias sobre um viveiro até lhe abrirem a porta: entrou, e dele não mais quer sair. Em harmonia com o invisível, basta tocar uma nota, e ele responde.

Seguimos em meio a ramos abraçados por líquens, samambaias e bromélias. Ele sussurrava, pois o poder vegetal abaixa o tom das vozes: *Aqui há peculiaridades e locais totalmente diferentes uns dos outros. Alguns têm árvores mais separadas, apresentam a conformação de um “parque”. É a parte mais jovem, com a força e o vigor trazidos por sementes das árvores antigas, que se concentram na área da mata de vegetação fechada até por cipós. Ainda há uma grotta, como uma ilha entre dois córregos.*

Na mata de transição, há espécies do Cerrado e da Mata Atlântica, como as palmeiras macaúbas, jussara, licuri. Ele aponta a árvore capoeira branca, cujos frutos são tóxicos para pessoas, mas um alimento valioso para aves. *Copaíba!* encanta-se. *Aquela é a árvore sagrada da qual se extrai um óleo regenerador, cicatrizante, muito usado por índios antigos. Conta-se do ritual para os guerreiros que retornavam das batalhas: em seus corpos, passavam óleo de copaíba para protegê-los e cicatrizar suas feridas e os defumavam com sua casca para afugentar os maus espíritos trazidos das lutas.*

Avançávamos em direção ao centro do bosque onde a roda-d'água gira cantando. Por este motivo ele viera: retirar as folhas e os galhos trazidos por ventos



fortes do temporal da madrugada, que impedem o fluir da água até as caixas.

Enquanto uma cigarra começa um chiar longínquo, ele prossegue: *Veja a grande colmeia de abelhas europeias no oco do tronco daquele jatobá. Nas orações feitas aqui com grupos maiores, as abelhas participaram harmoniosamente. Isso demonstra que não precisamos ter preocupações excessivas com elas. Observe o jatobá bem na borda da grota. Há cinco anos achamos que cairia, mas se autoequilibrou, jogou raízes profundas para se segurar, fez crescer galhos do lado oposto à grota e lançou fora uma rama pesada que poderia derrubá-lo. Ajeitou-se. A sabedoria do reino vegetal agiu. E que elevação tomou!*

Ele desceu uma escada de troncos e atravessou uma pontezinha, também de troncos, até chegar à rodad'água para iniciar a limpeza. Estávamos próximos da primeira mina de água descoberta no ecossistema das grotas, profundas fissuras na terra onde a mata se recompôs. Benditas minas de água, tesouro cada vez mais almejado!

Assim que o grupo ali chegou, a mata fora pesquisada passo a passo antes de se instalar o sistema de captação de água.

Uma senhora da comunidade, guardiã das águas, liderou a busca. Descobriu várias minas e intuiu: *Terei de retornar, mas, desde já, seleciono esta para abastecer as casas. Escolho na fé, depois envio a água para análise laboratorial.*

De volta, comentou que a mina escolhida está quase na mesma altura de outra existente junto a um pequeno templo em homenagem à Mãe Divina, na Colina das Aparições. No local sagrado do Centro Mariano de Figueira, acontecem aparições em que Maria, a Mãe de Jesus, transmite mensagens para três monges videntes. *É muita coincidência para ser coincidência*, ponderou. Esse vórtice energético fica a 4 km dali, em linha reta. Lá se chega pelo asfalto ou por uma trilha difícil entre morros e matas fechadas por cipós. Além disso, o aspecto químico da água dos dois lugares é idêntico: *uma água perfeita, inclusive para veganos, por conter bastante ferro*.

Com as mãos, a guardiã das águas desenhava um círculo aéreo tentando explicar o que percebia: *O solo daqui é leve, sutil até na matéria, e reflete um poder interno que pode ser facilmente quebrado*.

Percebia o poder da Criação, o quanto a água, o solo e as plantas interagem entre si, fazem-se companhia, mesmo cada qual tendo seu propósito evolutivo e diferentes tarefas. Tiveram muito cuidado para não perturbar a harmonia nem a comunhão entre esta rede de vida, entre as plantas e a água, plantas e outras plantas, as plantas e a terra. A canalização da mina até as caixas-d'água foi construída de forma menos prática, no entanto segura para as relações naturais.

Ela só dera partida para a obra após instruir os trabalhadores sobre o necessário respeito pelos

reinos vegetal e mineral, para não provocar consequências remotas. *Começemos!* Foi trabalhoso, mas se criou um sistema que jamais falhou.



A mata e as árvores guardiãs irradiam, protegem e restauram o campo energético da região e de seus habitantes.

Ele segue refletindo: *Mesmo se não estivermos bem, ao entrar mata adentro nosso estado de ânimo se transforma. A presença dos reinos toca nossa parte mais pura, capaz de sentir alegria. Aqui nos redimensionamos, nos deparamos com a nossa pequenez diante da Criação. Sentimos júbilo por participar de algo tão grandioso*.

Paramos. Ele olha em torno, e prossegue: *Dizem que os reinos mineral, vegetal e animal são nossos irmãos menores... Creio serem irmãos bem maiores e mais maduros do que nós em certos aspectos, visto estarem intimamente unidos entre si. Constantemente nos convidam a nos irmanarmos a eles. No entanto, dependem de nós para alcançar o mundo espiritual, pois somos a ponte entre eles e o Alto. A própria natureza cria certas vias para nos ajudar a ascender, sobretudo em ambientes como o da mata, onde somos conduzidos a espaços mais profundos*.

Tomados pela reverência nos retiramos bem devagarinho do úmido santuário de copas densas. Protegíamos a chama verde que nos acendera o coração, um toque da mata em nossa alma.



Árvores são guardiãs

Árvores ligam o céu com a terra: através das raízes, transferem energias aéreas para o subsolo. As Terras da Unidade estão protegidas pelo campo energético de árvores próximas ou longínquas.

A mata ao redor é uma grande família de árvores. Há copaíbas, que dão bagas semelhantes aos olhos do tucano, que aprecia o sabor forte. Há jatobás e marolos. Há ipês luminosos, cada vez mais solitários pelos morros. Antenas cósmicas do topo do sistema, as araucárias guardam a consciência original. São grupais como os eucaliptos, que beiram estradas em filas ordenadas, como guerreiros. Sua seiva é um precioso alimento para tripulantes de naves. Negam a crença popular, pois, na verdade, atraem águas profundas até seus pés.

Além das árvores nativas, prosperam oliveiras ou uma da Etiópia, que dá frutos dourados. E a generosa moringa, árvore mágica da Índia e do leste da África, cujas folhas têm mais cálcio que o leite de vaca, mais ferro que o espinafre, mais vitamina A que a cenoura, mais vitamina C que a acerola e mais potássio que a banana. Suas sementes trituradas reagem na água turva e a deixam clara e potável, pois atraem os sedimentos e bactérias para o fundo do recipiente.



Pomares, santuário para aves

Os melhores frutos dos pomares e os recebidos como doação de supermercados e verduras ficam para os animais. Os pomares são ofertados para alimentar os pássaros e estudar suas preferências alimentares. As livres picam as frutas, e ele tenta educar os jacus: *Não furem todas nem as derrubem. Deixem para as galhas azuis!* Diante de um belo cacho na bananeira, uma pessoa advertiu: *Colha, senão as aves bicam.* Todavia lhes deixam os melhores frutos, pois praticam o exercício altruísta de pensar primeiro nas aves. Caso alguém pergunte: *Tem banana hoje?* e ouve: *Só para as aves,* parte grata por lhes ser oferecido o melhor. Tal prioridade está instalada nas consciências. Acontece de algumas vezes, sem demora, chegar um visitante trazendo bananas para gente e bichos. As leis do equilíbrio e da manifestação são um mistério.

Nossos passos ressoam nos pedregulhos que ladeiam a Alameda da Paz. As aves pairam no céu e convidam: *Voem, voem alto!*

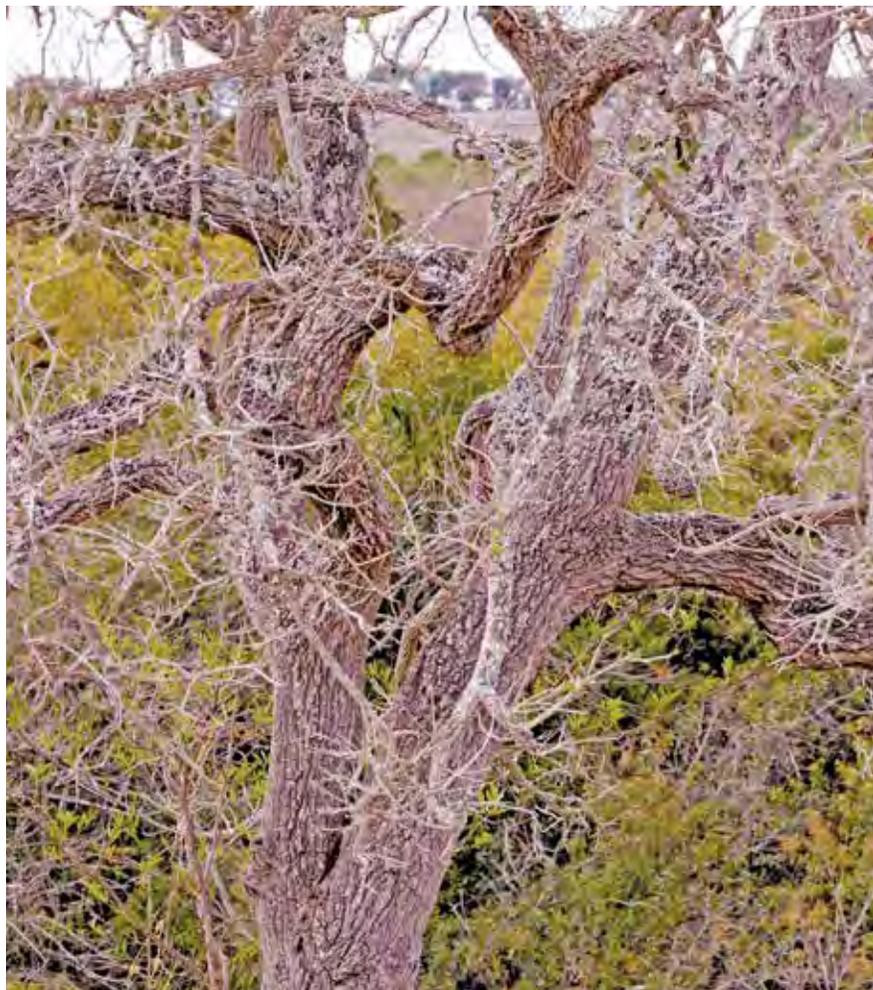
Ele observa: *Os pássaros estão voltando.* Consomem muita fruta e estão a passar grande fome por causa da derrubada de seu habitat e das monoculturas. Esta é a proposta: pensar primeiro nos animais e colocar as pessoas em segundo plano, como coadjuvantes.

Em torno do terreno telado que abriga as casas das Terras da Unidade, há quatro módulos de jovens pomares. No patamar logo acima das construções foram plantados três. No abaixo, o bananal. O primeiro módulo é coberto por frutíferas nativas: pitanga, jambo, jabuticaba, jambolão, goiaba. Também pelas de origem asiática: manga, mexerica, laranja, limão e ainda pelo mamão, das regiões tropicais da América. São entremeadas à vegetação do cerrado: lobeira ou fruta do lobo, barbatimão, assa-peixe, alecrins, copaíba. As árvores convivem bem entre si, o que nega o padrão arcaico de eliminar a vegetação nativa antes de plantar frutíferas.

No segundo módulo estão plantadas 400 bananeiras, *yes, nós temos bananas*, pois quase todos os pássaros comem a fruta atlante descascada sem faca e plena de potássio.

Paramos para observar as linhas do olival, os troncos retorcidos e as copas luzidias de folhagens verde-cinza-prateadas. Apesar de passarinho não comer frutos de oliveira, ao ganharem as 80 mudas, plantaram o terceiro módulo que, em um gesto simbólico, foi chamado de Horto das Oliveiras. As árvores sagradas são veneradas por diversos povos e citadas muitas vezes na Bíblia. Além de produzir azeite e azeitonas, o óleo de seus frutos suaviza dores de feridos e pode iluminar noites escuras. Há, em Portugal e Israel, oliveiras com mais de 2500 anos de idade. Mas aqui, como a experiência é recente, não se sabe se as longevas árvores darão frutos. Segundo a ciência, cujas afirmações são sempre relativas, além de necessitarem estar a pelo menos 800 metros de altitude, e estão, precisam de choques térmicos entre o dia e a noite. No inverno a região chega a fazer 3°C nas noites mais frias e 20°C a 30°C durante o dia. Aguardemos.

Em um nicho junto a ciprestes cresce o quarto módulo do pomar, com outras frutíferas nativas específicas para as aves da região: guariroba, araçá, cereja do campo, caju do campo, fruta de sabiá, pequi, marolo, goiaba, uvaia, pitanga. São plantadas segundo chegam doações das mudas, sinal de que pássaros as aguardam.



Dado que, de modo geral, as aves apreciam frutas desidratadas, e os cães as preferem assim a *in natura*, desidratam quase todas, exceto abacates, com os quais o processo não funciona.

O vento cresce, constante. Que segredos traz do Cosmos para a Terra? Faz dançar a copa frondosa de uma aroeira da beira do caminho, que veio a se desenvolver com rapidez ao se sentir amada. Mesmo

Marolo

Parece morto, seco. Sem uma folha, com galhos tortuosos, tronco de casca grossa e fendada, parece sem vida durante o inverno. Está vivo! É o marolo do Cerrado, árvore em extinção. Na primavera rebrota vigoroso até, na Páscoa, os frutos alcançarem mais de 15 cm de diâmetro e 2 kg de peso. O fruto maduro é o cântico do marolo, a pura natureza doando-se, um símbolo do renascimento. Nele se reconhece o trabalho permanente dos elementais. Guardião da horta, ali cresce um marolo. A residente se tornou grande amiga dele, fez uma oração e lhe encomendou um trabalho. Pediu que lhe ensinasse a lidar com os legumes, as verduras, a terra. Na hora do cansaço ou quando faz trabalhos pesados e sente alguma dor, abraça-o. O marolo a abraça de volta. Ela esquece a fadiga e prossegue em sua vontade de servir.

sendo medicinal e produzindo a saborosa pimenta-rosa, é uma árvore bastante rejeitada, pois provoca alergia em certos indivíduos. Diante disso, foi preciso resistir a propostas para derrubá-la.

Uma interessante pesquisa científica comprova a reação negativa de humanos em estado de hipnose que, justo ao lhes ser anunciado estar sob uma aroeira, passam a se sentir asfixiados. Que significado especial terá a aroeira, uma vez que justamente nela a Virgem Maria pousou os pés em sua primeira aparição para os videntes da comunidade? Da árvore emana a presença de amor d'Ela, que nos lembra: *Os reinos devem ser reverenciados. Também eles necessitam de suas orações, queridos filhos.*

Uma ave de rapina passa de levinho rente aos jovens ciprestes, alegres por já terem sido feitas 33 mudas de seus primeiros filhos-plantas. O ar se envolve da essência cítrica do capim-cidreira quando ele colhe as longas folhas verde-claras em forma de lâmina para o chá calmante do entardecer.

Escurece. Retornamos, os passos mansos. Ele vai refletindo sobre a colaboração oculta de deusas, que respondem com agilidade ao mínimo que os humanos fazem: *Precisamos crescer em fé. Fé sempre é pouca, sempre há como estar mais entregue.* Em silêncio, descansamos os olhos nas nuvens flutuantes em forma de asas de anjos. Aves se despedem do dia. Dão graças às dádivas da vida fértil, aos mil frutos que desabrocham de mil ramos.



Os devas e as podas

Ideias dela: Antes de podar uma planta, eu lhe peço licença com respeito e reverência. Pergunto-lhe quais galhos não lhe servem mais. Então peço que o meu Anjo Guardião e o deva daquele ser me guiem.

É uma oportunidade permitirmos ser podados pela vida, saber que a poda é uma liberação.

Os vegetais são nossos grandes mestres. Seres vivos de extrema sensibilidade e delicadeza nos ajudam a desenvolver essas mesmas qualidades. Têm percepções sutis e respondem ao amor. O casal transmite seu saber sobre esses seres puros.

Ela diz: A planta tem medo ou se alegra com nossa presença e se entristece quando as ignoramos. O aroma e a beleza que oferta para Deus oferta para nós, porque Deus é tudo.

Ele acrescenta: Quem trabalha com os reinos precisa manter a postura de colaboração e ter abertura para não ir contra a corrente dévica de construção. Os devas e seus ajudantes, os elementais, constroem e esculpem galho por galho e todas as formas, mesmo as de coisas aparentemente inanimadas. O ideal seria trabalharmos unidos a eles, nos deixar ser inspirados. Cada planta é um ser, assim como cada um de nós é uma alma. Não podemos generalizar: toda oliveira eu podar assim... Ao fazer uma poda, primeiro me alinho com os devas e lhes peço que não me deixem errar. Depois me coligo ao poder oculto do ser que vou podar e a seu regente. Se deixar por mim, coitadinha da planta! Também

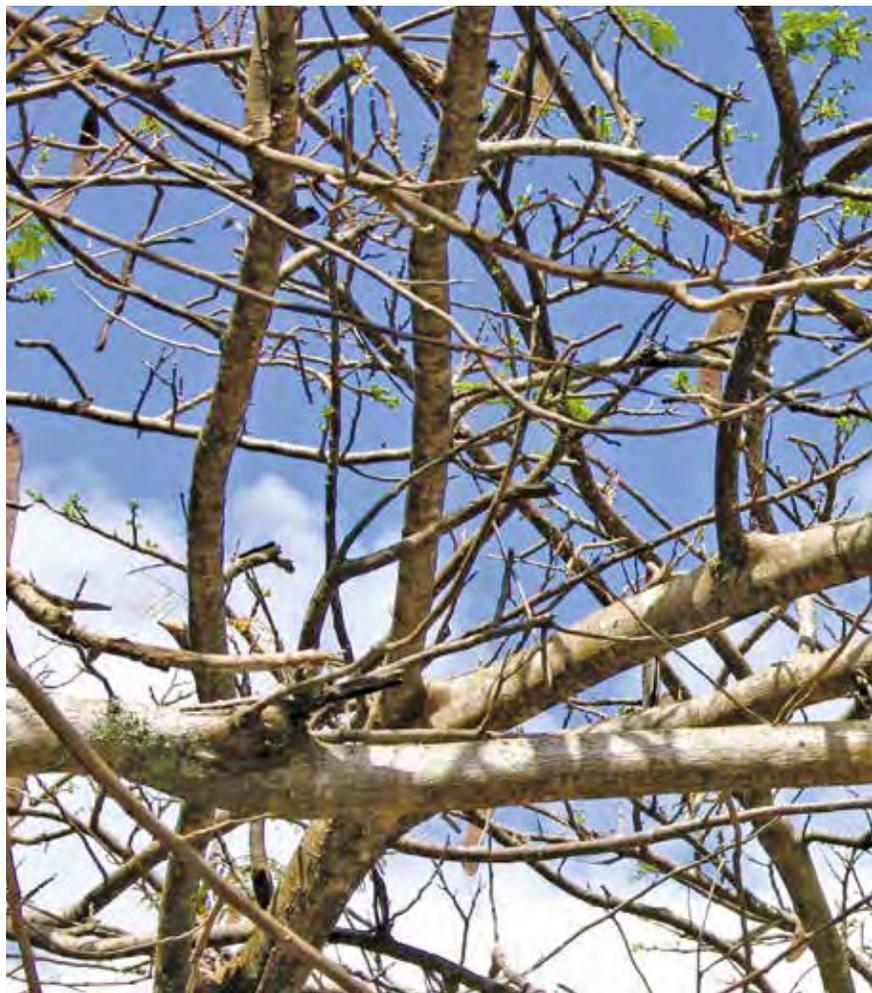
falo alto: “Olhe, vou presentear-lá com uma poda. Como sou muito incapaz, mostre você mesma do que precisa.”

Ela: Uma poda incorreta deixa a planta mutilada e bloqueada. E o que se faz com uma repercute em todas.

Ele: Nós, humanos, somos muito orgulhosos e queremos sempre acertar. As técnicas são positivas, desde que não alteremos a expressão vegetal. Criamos uma estética humana, mas não para impô-la. Devemos, sim, considerar certos conceitos estéticos, bem como a saúde da árvore, e arejá-la eliminando os galhos velhos, os pesados, os que a desequilibram. É inconcebível prever: “Hoje estou com pressa e vou podar este pomar todo.” Temos de tirar da cabeça a ideia de produção. Vou podar uma por uma, com respeito, no ritmo que tiver de ser, no ritmo que cada planta indicar.

Ela lembra: Nada está separado; é preciso lembrar das fases da lua. Os antigos sabiam de sua influência sobre nós e as plantas. Minguante e lua nova são épocas boas para podas. Também os meses sem r: maio, junho, julho e agosto. Comercialmente não se faz isso. Em um viveiro fiquei triste. As rosas europeias estavam lindas, cheirosas. Perguntei ao atendente: “E a lua para a poda?” O rapaz respondeu: “Precisamos produzir. Podemos muito e nunca observamos isso.” Elas são pura oferta e gratidão, mesmo quando usadas visando ao lucro comercial: ganhar, ganhar, ganhar de forma inconsciente.

Ele: Temos uma dívida com o reino vegetal. Na maior parte das vezes o vemos com um olhar de utilitarismo: “Vou podar





uma frutífera para produzir melhor, uma roseira para dar mais rosas.” Nossos movimentos deveriam visar a colaborar com seus arquétipos; não podar apenas para produzir ou por razões estéticas. É diferente chegar com um podão ou com um serrote e ir invadindo a planta. Isso é uma agressão, e ela precisa de muito amor.

Ela reflete: Uma das lições mais curativas que o mestre reino vegetal nos ensina é a doação e o despojamento de si. Ao podar, vou-me perguntando: “O que tenho de podar em mim?”

Interação entre quatro reinos

Em uma poda, o reino vegetal, o das aves, o humano e o dévico interagem. Quando um calmo jardineiro se oferta à condução dévica, os anjos sopram em silêncio: *Ouves?* E lhe sugere quais galhos retirar, que forma a planta almeja ter. Aves, devas e o reino vegetal são interligados, entendem-se, complementam-se. O delicado arquiteto João de Barro estuda os caminhos do vento, da chuva e da iluminação antes de instalar a casa da família no melhor galho da copa, que a acolhe maternalmente. O ser humano entra como o zelador refinado. Elimina galhos inúteis, secos, pesados, que poderiam cair sobre o ninho. Deixa a árvore mais leve, arejada, harmoniosa. A seiva flui, ela rebrota e se enfeita para receber outras famílias, mais pássaros.



Generosidade vegetal

Prossegue a crônica:

Quase todas as plantas são resgatadas. Desprezadas no lixo das ruas, sofrem até morrer de sede. O último caco de cacto veio ferido, feio. Colocado entre os bonitos para não se sentir humilhado, ela o aponta: *Ficará lindo e não se sentirá mais assim.* O movimento dos reinos é perfeito. Triste por alguns cactos não terem suportado a geada, refletia: *Ah, se eu pudesse equilibrar isso...* Em seguida recolheram alguns em sacos de lixo. Ainda alguém e mais outro alguém lhe doou outros tipos. E ela: *Chegarem assim juntos é sinal de terem sido enviados do céu e precisarem de um tratamento especial.*

A vida perenemente vem, rebrota, vai, passa, doa, resgata o eterno, dissolve-se em outra vida. Vizinha à mata nasce a nova horta, ali semeada para recompor uma pequena erosão. Durante o inverno, forte geada afetara a anterior, impulsionando o grupo a superar tal desafio.

Várias hortas foram criadas pelo grupo ao longo das últimas décadas. Sempre com dois propósitos: produzir para o consumo humano e deixar algumas hortaliças viver seu processo até o final do ciclo, sem ninguém usufruir sequer de suas sementes.

Verduras e legumes crescem em setores dos canteiros apenas para serem observados, admirados e visitados por borboletas. Longos talos sobem. Folhas se multiplicam em caules finos, botões explodem. A floração chega, e as sementes se dispersam livres, levadas pela brisa eterna ou por aves polinizadoras, que as comem, digerem e, sem interferência humana, depositam-nas lá muito longe. Enternecidos, devas e anjos de mãos postas agradecem por verduras e legumes, em geral cortados bebês, vivenciarem o



ciclo completo de vida se relacionando com a luz, com o orvalho, com o zunzunar das abelhas. É uma rara oportunidade vê-las assim plenas. Por meio do ato amoroso, o grupo aspira a equilibrar um pouco da exploração do reino vegetal no mundo.

A coordenadora do Setor Reinos, que é também a cozinheira das Terras da Unidade, comenta em tom de alegria: *Não é preciso muito para viver e nos mantermos saudáveis: banana, mandioca, feijão, abóbora e cítricos, ora-pro-nóbis e couve. Pronto. É simples, mas bom.*

Dessa forma, plantam o que chamam de kits de sobrevivência para os humanos, ou seja, o suficiente para o consumo do dia a dia. Prossegue: *Agora é o momento da frutificação, e a União dá seus primeiros frutos. Tudo tão lindo!*

Um ralo sol matutino doura as rúculas. As plantas têm sede. Todas as manhãs e todas as tardes, ora uma, ora outra pessoa rega as alfaces, beterrabas, capuchinhas e quiabos. Caminha com o regador de canteiro em canteiro, animando cada repolho e brócolis, cada couve-flor e alface. A água embebe a terra fofa e estercada. As florezinhas cor da lua, cor do sol, folhas finas ou largas, verdes ou arroxeadas ficam salpicadas de gotículas tremeluzindo minúsculos arco-íris e faíscas prateadas.

Além de sementinhas trazidas por mãos humanas de seda, ali surgem as vindas do composto, como as de

linhaça ou linho e as de tomate. Os tomates, mesmo quando ainda verdes, têm sido bicados, demonstrando o quanto as aves estão a sofrer com fome.

As plantas exalam odores, substâncias químicas que influenciam o desenvolvimento de espécies vizinhas de forma positiva ou negativa, benéfica ou inibitória. Interação com antipatia, competição ou preferência, o que é chamado alelopatia. Por isso, o amor em ação do grupo entremeia o plantio de diferentes legumes, verduras e temperos a fim de que aprendam a se relacionar e, ao menos algumas espécies, treinem ser companheiras de todas, enviando para sua alma-grupo a experiência de uma relação mais harmônica.

Os canteiros nascem em torno de bananeiras plantadas em covas profundas para os rizomas irem aflorando. Dentro das covas colocam papelões com esterco das aves, que contém nitrogênio e fosfato, um delicioso repasto para elas. Já os papelões servem para abafar o mato e manter a umidade.

O solo desgastado da horta perdeu a memória original por ter estado coberto do capim braquiária, que é proveniente da África. Para que recorde a própria origem, a terra é coberta com folhas e galhos catados na mata logo abaixo. Além desse propósito interno, há um porquê material: colonizá-la com a microbiota nativa, microrganismos naturais da região, principalmente bactérias, fungos, micróbios.



Uma boca-de-lobo sobe e desce, sobe e desce, cava um berço no solo vermelho, tênue, macio, de transição entre o cerrado e a mata atlântica. No fundo ele joga terra misturada com esterco e centraliza a muda de uma abóbora laranja vinda da sementeira dentro de um tubo de papelão do rolo de papel higiênico, que protege as delicadas raízes. A muda será molhada por três dias, depois dia sim, dia não, até a rega se espaçar. Pela colina se esparramam longas ramas de diversos tipos de abóbora: moranga, menina, japonesa, salame ou enxuta. Essa, colhida quando o pedúnculo seca, pode durar até oito meses em locais secos.

Em um dos lados da horta há uma fila de cactos bebês, plantados para a proteção energética e dos ventos. Trazidos desmembrados do lixo urbano, ressurgem das cinzas. Parecem devas fortes. Por trás da barreira de cactos está o mandiocal, uma estranha visão de segura inóspita. As longas hastes sem folhas, perdidas no inverno, são pura aparência. Ocultas, há imensas raízes. Cultivadas por índios brasileiros bem antes da chegada dos portugueses, são conhecidas por mandioca, aipim, macaxeira, alguns dos múltiplos termos para designar o poderoso alimento que nos ancora à realidade.

Que universo! Ali tudo tem um sentido, um porquê. Para os desavisados, os metros de tiras de plástico preto próximos da horta podem parecer desarmonia. Mas servem como barreiras e são um artifício para

manter o solo sob eles a uma temperatura e umidade que controlem braquiárias e os nematoides, pequenos vermes parecidos com *Ascaris lumbricoides*, prejudiciais para as plantas.

O bom humor embala o trabalho. Entre brincadeiras sobre plantas e animais, uma colaboradora afia muitíssimo bem uma faca. Dá risada quando é instigada: *Ela faz parte do projeto “faça você mesmo e arrisque destruir por falta de capacidade técnica.”* Passado um tempinho, ela mesma descobre girinos nadando ligeiro numa das caixas-d’água instaladas junto aos canteiros, para facilitar a rega. Podem ter sido para ali transferidos até por pés de passarinhos. Chegou a vez de ela gracejar: *Sabe o que ele vai fazer com os batráquios? Deixar todos crescer pela horta. Chama isso de harmonia entre os reinos. Batráquios... com sapos eu não tenho tanta harmonia...* E passa a se lembrar da cobra surucucu de papo amarelo, linda, linda, comprida como a largura da estrada, que só não atropelara porque reconhecera a pele luzidia.

Anúncio do final da seca, o tempo das águas se aproxima. Os olhos sempre erguidos perscrutam o céu. Dos cúmulos cinza-chumbo penetrando o horizonte sudeste cairão as silenciosas ou trovejantes primeiras chuvas? Em torno das casas, mudas aguardam a morada final na terra encharcada. Homens e plantas quase já sentem o frio temporal, que limpa ramagens e escorre por caules até banhar raízes.



Um jardim rural

Elas molhavam o jardim, encantadas com a beleza das flores. E um perfume fresco respondeu, tomou conta do ar. Entravam em um conto de fadas pela trilha do aroma. A vida pulsante fazia as cores vibrarem mais, a luz iluminava mais as hastes vestidas de flores pequenininhas, modestas, exuberantes. Tempo ápice do colóquio vegetal, a primavera chegou! Recolhem uma planta da rua, colocam um pouquinho de água e a passam para a terra... em breve ela se enfeita. Diz a jardineira: *Quem dera respondêssemos assim às verdades celestiais. É difícil, pois temos corações tão duros. Porém os reinos guardam o poder de abrandar os temperamentos até nos deixar sensíveis e delicados. Devagarinho nos mudam, nos tornam mais espontâneos, verdadeiros. Uma hora traremos o mundo sutil para as vidas. Seremos eterna primavera!*

Jardins inspiram, acalmam. Aspiram a ofertar seus atributos e mistérios. Alegrem os anjos e ativam o bem nos homens. Fontes de alegria e cura, ao contemplá-los somos naturalmente tocados pelo sagrado. Uma troca ondula o ar: as plantas vibram com o nosso contato. Podem responder ao bom olhar emanando fragrâncias, mais beleza. Entretanto, um mau olhar pode lhes causar dano, desvitalizá-las, fazer murchar pétalas.

Entre esparsos latidos, damos uma volta pelo jardim rural. Sob a luz vibrante derramada do céu amplo, o casal o apresenta: *Dizem que as flores são belas para adorar a Deus; que devemos nos espelhar nelas para comungar um pouco mais com Ele e deixar emergir Sua vontade em nós.*

Chegamos ao Canto Primavera. Ali cultivam a docilidade, um dos maiores atributos da área. A profusão de pétalas de seda e veludo exala suaves dons femininos. Entrelaçadas entre hastes e em si mesmas, flores irradiam perfumes campestres e graças da fonte oculta. Nativas dos quatro cantos do mundo,

as plantas formam um jardim ecumênico. Originários do oriente e do ocidente, há lírios em glória. Da África vieram aves-do-paraíso, lágrima-de-Cristo, espada-de-joana-d'arc e os beijinhos. Rosas, papoulas e palmas, da Ásia. Já a dama-da-noite e o antúrio procedem das Américas. Da Mata Atlântica provém o manacá. Tantas maravilhas esculpidas pelo mundo invisível nos ligam ao eterno Criador.

Por ser o máximo da perfeição materializada, a natureza deve ser um exemplo. Nada descarta. Nela tudo renasce, revive, serve de adubo.

Enquanto o planeta aguarda ser um Templo, o povo do dedo verde espalha sementes e mudas: *Buscamos ter uma vida mais integrada, simples, bem simples mesmo. A proposta é estar com os reinos de forma silenciosa, nos abrindo para escutar suas necessidades, tão pequenininhas. Mas, atendidas, fazem a diferença. É estar na mata lá embaixo olhando as árvores para desenvolver um diálogo interno com elas, sentir sua presença, e elas a nossa. É tão raro uma mata no fundo do quintal!*

Asas de minúsculas abelhas de antenas finíssimas passeiam de flor em flor.

Como quem navega em um lago translúcido, chegamos ao berçário improvisado para orquídeas. Ele mostra: *Estas são filhas ou netas das três mil que trouxemos de caminhão quando viemos morar na comunidade. Chegaram há pouco para se recuperar de uma geada. So-*

freram muito; orquídeas realmente têm muita sensibilidade à geada.

Nas chuvas tudo é glória, mas em longas secas levam até cinco horas para regar o jardim. A brisa, a ventania e o sol ardente secam o solo, deixam as plantas abatidas. Flores se despetalam, quase desmaiando.

Ela relembra: *Aos pouquinhos temos recebido ajudas. Certa época havia tantas mudas, e eu não estava dando conta de mantê-las. Mas a Mãe Divina nunca nos desampara. Surgiu uma jovem criativa para passar dois dias porque perdera o ônibus e, conseqüentemente, o avião de volta para seu país. E ficou. Com o coração aberto para as plantas e para o novo, doa-se para o bem de cada uma, acompanha a expressão de cada arquétipo.*

O planeta clama por estudos sensíveis da vida natural e para o ser humano buscar um caminho de reflexão. Novas experiências florescem provando ser possível construir uma vida sustentável a partir de dejetos do ser humano.

Enquanto, por um lado, o consumismo para nosso usufruto e desfrute ensina o descarte e a ambição de comprar algo novo, ali trabalham a questão de ver o belo não apenas nos seres vivos, mas também em objetos rejeitados.

O sonho inicial era criar um jardim com grandes vasos de cerâmica para ervas aromáticas que não podem ir para o solo devido à insistente braquiária.



Melodias naturais e sagradas

As vagens da leguminosa leucena tilintam, chacoalham, dançam aqui, lá e mais além. Regida e entregue aos caminhos do vento, a percussão ecoa timbres tão harmônicos como o da chuva tamborilando em folhas. Cada planta oferece um tipo de resistência aos ares, às gotas, e toca sua melodia particular. Em conjunto, a vegetação cria poemas sonoros, um hino, um cântico natural.

Os que zelam para a harmonia prevalecer na área podem colocar um CD de música clássica ou sacra. Pessoas, animais e plantas se acalmam, expandem seu potencial.

Assim como as monjas carmelitas, o grupo tem sua hora de recreio, horário em que conversa, troca ideias e suavemente vai se quietando, cada qual na própria tarefa vai se unindo a sons externos e internos, até um papagaio devoto entoar mantras ou a Ave Maria. Os humanos se encantam. Sentem vontade de sorrir mais, amar mais.

Porém, vivem de doações e com o que têm. Como os vasos ainda não chegaram, ganharam a oportunidade de reciclar.

Em torno das quatro casas, dezenas de mudas crescem em sacos plásticos, vasos, latas, qualquer recipiente reciclável, pois não desperdiçam nenhum material.

Ela relata: *Durante uma limpeza fomos juntando vasilhas, recipientes plásticos sem tampa, outros rachadinhos, um liquidificador quebrado, um coador velho. Vimos que dava para ali ter plantas harmoniosas. Passamos a brincar com a ideia: isso aqui serve, isso aqui não, vamos fazer um arranjo, vamos tentar.*

E a jovem criou vasos recicláveis que interagem com o ambiente.

Ela prossegue: *Precisávamos também de ervas para chá, ervas para banhar os animais. Vamos usar o que temos! Forramos uns caixotes de madeira com telas e panos bem fininhos, mas resistentes, usados sobre as macas em sessões de acupuntura. Tecidos seguram a terra e com o tempo nela se decompõem.*

Em caixas forradas com as mantas cinza, verdes, marrons, brancas fizeram o jardim de ervas: poejo, menta, alevante, pelargônio, erva doce. Foi uma festa. Plantaram assim até em um velho carrinho de mão. E agora têm morangos e hortaliças – almeirão, quia-bo, tomates, brócolis, mostarda, capuchinha.

Colaboradores com ritmos temporários também trazem caridade. Chegam com sementes, dão atenção a animais, manifestam um vaso de plantas suculentas, limpam vidros. Acrescentam mais vida à vida. Iluminado pelo amor, o jardim prospera.

Infatigáveis, um dia cuidavam dos vasos no fundo das casas. Súbito os corpos se eletrizaram, estremecidos por um forte abalo. Sob os pés, um tremor de terra! O longo choro aterrado do cão, animais em pânico. Da primeira vez ficaram perplexos. Enfim, souberam que dinamitam minas para quebrar pedras a dezenas de quilômetros.

Tremores e estrondos cada vez mais violentos reverberam de vale em vale pela cadeia de montanhas. A fúria se propaga pela face da terra.

Treinados a se dirigirem sempre ao Alto e, de modo especial, nas situações adversas, a consciência refinada do casal diz com calma: *O reino mineral grita de dor por tanta violência. Em resposta, oramos e nunca perdemos a fé. Somos irmãos de todos.*

Construtor da paz, o pequeno grupo transmuta as dificuldades em alegria. Suas atitudes têm o valor simbólico de busca de renascimento. Celebra cada flor que brota, cada filhote que nasce. Sem pranto nem tédio, reverencia da floresta aos perfumes naturais para a Terra renascer luminosa na hora derradeira. Preenche o mundo do poder do espírito.



Uma história de devas e orquídeas

Há dez anos ela só usa roupas brancas para trabalhar, plantar, ir ao banco. Dizem: *Branco suja muito*. Todas as cores sujam igualmente. No branco o sujo pode ser logo visto e limpo. Usar branco no meio do barro, no meio dos animais é um desafio, uma tarefa quase insustentável. Mas ela persiste a trabalhar o branco, o raio da pureza.

Uma vez esticou delicadamente seu grande xale branco no solo. Haviam-lhe pedido para retirar orquídeas de uma árvore. Ela as empilhou no xale e se dirigiu a quem lhe havia repassado a tarefa: *O que fazer agora?* Diante do desinteresse da resposta, achou que seria melhor levar todas as orquídeas: não tinham espaço nem naquele coração, nem naquele local.

Voltava para sua cidade e ao abrir o porta-malas em uma parada para as orquídeas respirarem, uma conhecida as viu. Encantou-se e escolheu mudas para o seu jardim. Assim prosseguiu, doando-as com cautela e guardando algumas por companhia.

Passado um tempo, voltou a ter a mesma tarefa de soltar orquídeas de outra árvore. Foi. Ao chegar abaixo da grande copa, encontrou-as bem organizadas no chão, ao lado do tronco. Ninguém as retirara. Devas as desceram?



O mundo acaba, e as braquiárias ficam?

Quem se encanta com a beleza das flores róseas e lilases de capins bailando em brisas e raios de sol ao longo de estradas precisa despertar para uma realidade deplorável. Tanto esse florido capim-gordura quanto outros, como o capim braquiária, invadem e afogam a biodiversidade nativa com sua sombra. Rústicos e trazidos da África, afetam rapidamente a bela vida do ecossistema brasileiro e impedem sua regeneração natural. Isso gera um sofrimento mudo à fauna e à flora. Por terem a característica de plantas secas, causam aumento da temperatura em incêndios e a consequente eliminação do banco de sementes pré-existente no solo.

Que desafio criar jardins, horta e pomares nas áreas ensolaradas das Terras da Unidade! O capim braquiária as domina, as raízes dos extensos campos penetram o subsolo de forma apegada, decidida. Apenas plantas fortes sobrevivem em meio à agressiva gramínea; as delicadas permanecem em vasos. É difícil eliminá-la e, antes de erguer as casas ou plantar, precisa ser podada rente ao chão. No plantio de frutíferas, por exemplo, voluntários primeiro desbastam uma ilha no deserto verde de braquiárias, onde a cova é perfurada e depois se aplica calcário para equilibrar a terra ácida.

No macrocenário da existência tudo está interligado. O desvio de um é o desvio de todos, pois pertencemos ao mesmo manto de vida. Há milhares de anos bois selvagens vagavam pela Europa e pela Ásia. Domestificados, hoje chegam a bilhões, usados como cruel fonte de alimentação humana.

Na primeira metade do século XVI teve início a triste história da chegada de animais europeus e asiáticos ao continente americano: bovinos, suínos, equinos, porcos, rebanhos de ovelhas. O fértil solo brasileiro

era revestido por enorme biodiversidade de vegetação herbácea adequada à fauna local. Sobretudo para alimentar animais estrangeiros, desde o período colonial plantas forrageiras nativas foram destruídas, principalmente por espécies africanas altamente agressivas – os capins-gordura, braquiária, napiê, jaraguá. Originários de regiões áridas de solo pobre, foram se alastrando de forma indiscriminada. Acarretaram dramáticos malefícios a ambientes naturais, matas, lagos. Ameaçam até mesmo áreas preservadas de parques nacionais.

A degeneração da natureza inflige um sofrimento mudo à fauna e à flora. Sobretudo a braquiária não compete, sufoca o ecossistema original, interfere na microbiota e no banco de sementes da terra. Chega a matar árvores e impede a recomposição de florestas. Alguns países a proíbem, mas criadores de gado devastam até a Floresta Amazônica para plantá-la e a leguminosa soja. Como a indústria e o comércio da carne têm-se ampliado, são criadas espécies geneticamente modificadas cada vez mais resistentes. Como se não bastasse, herbicidas são usados com frequência para controlar essas gramíneas, o que polui o solo e os corpos híbridos. Assim, a selvageria consome rapidamente o planeta.

Animais preferem capim-gordura, saboroso e nutritivo. Consomem braquiária por carência de outro alimento. É de difícil digestão e lhe falta vitaminas. Cavalos reagem com alergia, perda do pelo. A verdade é distorcida quando a braquiária é chamada de doce de leite das vacas.

É preciso ter cautela para introduzir espécies estranhas, sobretudo se forem ocupar grandes áreas. A braquiária segura barrancos, erosões, dunas. Usada como instrumento de acúmulo e de ostentação, é devastadora.

Como o grupo segue o princípio da responsabilidade pelo outro, as essências dos capins-gordura e braquiária precisam ser contatadas. Exigem controle e persistente vigilância diária.

Com visão positiva da vida, o casal aprende de conjunturas desafiadoras: *O paraíso habita dentro de nós. Buscamos nos reconectar com o equilíbrio original, as sementes crioulas, puras. Acreditamos na força do amor, acreditamos que sempre há luz no fim do túnel. Ao tomar consciência sobre o que não está bem, precisamos sintonizar com algo maior em nós mesmos e nesse estado aprofundar a relação com os reinos.*

Nós nos desviamos demais da vida natural e urge encontrar soluções criativas. Sementes do Bem lançadas pelo Setor Reinos equilibram ações causadoras de descontroles climáticos, desmatamentos, desvio de rios, extinção acelerada de espécies.

Mesmo estando na crosta de nosso gigantesco potencial humano, uma impressionante transformação coletiva está em marcha. A superar os graves obstáculos por nós criados, caminhamos com esforço e firmeza rumo ao desconhecido. Unidos a vastos reinos que ocupam o Cosmos, encontraremos soluções e receberemos ajudas internas até a natureza reflorescer ainda mais bela.





Café, uma planta frustrada, e matas em extinção

Tanto as plantas quanto os deusas e elementais que delas cuidam sofrem por nossa rejeição, falta de reconhecimento, distanciamento. Uma das tarefas do grupo é se unir aos três, comungar com essências, conviver com ramos, tronco, folhas, resina, acompanhar comportamentos e reações vegetais. O contato frutífero faz fluir o amor entre as espécies, massageia e amacia corações contraídos de frio.

O reino vegetal vive em mudo pranto. Pede socorro em silêncio. Para glorificar espécies frustradas por não conseguirem se exprimir plenamente, certos exemplares são cultivados nas Terras da Unidade apenas para serem contemplados, admirados. Crescem plenos segundo seus arquétipos divinos, assim como foram modelados no etérico por deusas e elementais.

Originária da Etiópia, a bebida estimulante passou a ter grande importância não só para o mundo árabe. No estado com o maior cultivo de café do país, que é o maior exportador mundial desse grão, a vizinhança cobre as encostas com longas linhas de cafeeiros.

Para equilibrar o tratamento comercial milenar dado ao café, o grupo lhe oferta um trabalho simbólico. A homenagem simples se amplia e repercute nos níveis puros da vida interna. Foi exatamente do Oriente Médio que chegaram três mudas originárias para o casal, três preciosidades, cujo crescimento o grupo acompanha com amor.

Dependendo da espécie, a árvore ramosa de belíssima floração branca pode medir até cinco metros na





fase adulta. No entanto, manipulada geneticamente, diminuíram-na para produzir mais em menor espaço.

A colheita do grão tem passado de manual para mecânica. Tradicionalmente, mãos humanas colhiam os frutos vermelhos em um grande ritual coletivo. Agora se usa cada vez menos mão de obra.

Máquinas sacodem violentamente a planta. O que sentem as árvores abaladas? Uma única máquina de apanhar café extingue 108 empregos. Chamadas de máquinas robôs, fazem o serviço completo: apanham, limpam, descascam. E eliminam o trabalho humano. Sua compra foi subsidiada por certo governo federal, que dividiu o pagamento em seis anos. Um fazendeiro chega a ter três, quatro. Já o pequeno agricultor não tem direito à compra porque a garantia para o empréstimo são propriedades no valor das máquinas, que chegam a custar três a quatro milhões de reais.

Além dessas distorções, de três em três anos os cultivadores esqueletam os pés de café, isto é, fazem uma poda radical.

Outro horror provocado pelo mau uso do poder humano: criam as mudas em um espaço bem restrito e com pouca iluminação solar, para crescerem se sombreando mutuamente. O que se faz com o café é o que se faz com um bezerro para obter o *baby beef*.

Monoculturas cafeeiras provocam uma devastação incomensurável. Os defensivos, cujo nível químico

tem aumentado, são borrifados três vezes por ano e intoxicam a fauna local. Veem-se muitos animais mortos no campo e, pela beira das estradas, cobras, abelhas, pássaros, lagartos. Em época passada se resgata-
vamos mais aves com reações neurológicas provocadas pelos venenos. De bico aberto, agora morrem ansiosas e rápido, em meio a doloridas convulsões. Perderam a chance de sobrevivência.

Um fazendeiro comentou que o gasto do pai e do avô com adubos e defensivos era em torno de 3%. Na atualidade a média chega a 20, 25% do valor bruto obtido com o café. O lucro bruto aumentou; no entanto, a lucratividade ou lucro líquido caiu. Por hectare, um plantio de abacate pode lucrar 12 vezes mais que o de café.

Os monocultores reconhecem que deveriam fazer um cultivo diversificado, que plantar frutas seria mais saudável para a saúde da família, da comunidade, para a fauna, a flora, a água, o solo. Mesmo assim estão algemados a uma engrenagem nefasta. Justificam-se dizendo que a lavoura cafeeira é cultural, vem de pai para filho e que estão em um corredor econômico do café, em uma rota de caminhões para transporte.

O coordenador do Setor Reinos esclarece: *O único animal que digere o grão de café é o jacu, mas tucano pode comê-lo. Com a fome que estão passando, outras aves também o consomem. Apesar de não ser bem digerido, "enche a barriga".* Ele confessa: *É um exercício interno muito forte*

estar diante da devastação provocada por monoculturas. O equilíbrio natural foi mortalmente ferido. Das matas antigas restam resíduos, pequenos núcleos verdes. Um ipê amarelo se sobressai na estrada porque já é raridade. Ao vermos uma ilhota de araucárias, lembramos o quanto a área era coberta delas. Nos dias de hoje sobram as remanescentes, as últimas da espécie. Formas milenares e complexas de vida estão esfaceladas. A gente se coliga internamente com as árvores e se treina para não padecer com o mal que a humanidade faz. Precisamos ter muita compaixão de nós mesmos, desse reino humano que tanto sofre e faz outros sofrerem pelo que ele mesmo provoca. É uma insensatez insistir em criar grandes plantios só pensando em lucros materiais. Diante de tanta crueldade e ignorância, é preciso defender o coração, educá-lo para ser firme e neutro.

Chegará o dia em que oceanos de areia substituirão as matas? Em que árvores e animais serão conhecidos apenas através de fotos? Chegará o dia em que compraremos cotas semanais de água, insuficiente para saciar a sede? Essa ficção descrita por escritores há décadas parece cada vez mais próxima da realidade. Ainda assim, corações puros afirmam: o caminho sagrado existe.

A destruição provocada pelos homens nos tempos finais da civilização atual será um trampolim para o Bem. Construído por pioneiros fiéis e corajosos, nada impedirá que o Mundo Novo se manifeste no devido tempo!





A Natureza é sua melhor mestra. Ela discorre com singeleza sobre o renascimento do nada: *Tudo é vida. O nada é tudo. A palha parece morta, mas renasce. Morre e começa de novo. O segredo da vida é a própria vida, e a maneira de vivê-la. Temos de converter nossas tarefas em um sacro ofício, ajudando a manter a energia da ordem e do amor onde houver necessidade delas.*

O nada

Em profunda conexão com o verde, ela passa horas sozinha na natureza a entrelaçar o mundo externo ao mundo interno. À disposição das plantas, sua alma sensível se entrega ao invisível: *Nas Terras da Unidade sentimos o coração de Deus vibrar no silêncio e no espaço luminoso e sagrado. Os devas e os elementais são os melhores companheiros de cocriação, ela constata a partir da própria vivência. Eles moldam as formas no éter e esculpem a vida. E quando precisam de um trabalho concreto, usam as mãos e os braços disponíveis.* Ela de nada reclama, tudo está bem. Nos intervalos do trabalho, vai orando as 72 contas de um orândio de madeira, enquanto caminha ou toma um meio de transporte. Diz: *Sempre unidos a nós, os anjos precisam de olhos que orem, que façam do contemplar sua oração.*

Com um gesto me chamou certa manhã em fins do inverno. Eu a segui em silêncio. Atravessamos o portão e só então explicou com a voz sussurrante: *Quero dar um presente para a sua alma. Grave isso em seu coração. Venha ver o nada.* Levou-me até um barranco de terra vermelha com esparsos raminhos secos como palha.



Tive dificuldade em compreender o sentido daquilo que suas mãos ásperas da labuta manual apontavam: *Parecem mortos, mas renascem. O nada é tudo, é morrer para começar de novo. O nada é lindo!* Antes do inverno, haviam-lhe repassado um saco com tufos daqueles ramos secos, sem vida aparente. Distribuiu-os com esperança pelo aclave, cobrindo cada metade com terra, aguando quando possível, sempre a ofertar: *Meu Senhor, para a Nova Terra. Em Deus, com Deus e para Deus.*

Ela me leva um pouco mais adiante para apreciar as recém-germinadas folhinhas verdes da grama chamada amendoim, que solta ramificações em torno. Cantarola, encantada: *O frio passou, a vida é constante. Ressurreição, vida, ressuscitou.* Explica com pureza: *Uma que ressuscita atinge e desperta as outras, pois todas estão encadeadas por fios sutis, em cooperação, em unidade. Breve ocupação o barranco inteiro.* Em glória comemora cada haste e a primeira florzinha amarela que brota: *A flor é alegria que louva o*

Criador. Na Lei de Deus não existe morte, tudo é vida mas temos a cabeça dura.... Deus é nossa fortaleza, louvemos a Deus. Bendita seja a água, bendita seja a terra.

O sino badala à distância anunciando o almoço. Antes de cruzar o portão de volta para o refeitório, ela me instiga: *Olhe bem em torno. Quem são os dois guardiães das casas?* Do alto horizonte, duas silenciosas e solitárias palmeiras contra a face vazia do céu contemplam as infindas variações de cada canto da paisagem. *Pai e filho*, garante. Damos mais uns passos, e de repente ela acena com entusiasmo para uma águia planando baixinho: *Olá, olá! Ela é minha amiga. Vem me cumprimentar ao meio dia e às sete da manhã. Às vezes traz a família, ensinando-lhe a voar. Não é preciso saber o nome de um pássaro; o importante é fazer contato com ele.*

Ela intui símbolos no que vê: *Nesta pétala está o azul da misericórdia de Emmanuel. Nesta, o amarelo de Adonai. Nada pertence a ninguém, tudo é de Deus. Paz e amor, paz e amor.*

Pequenas atitudes

Gestos permeados de aspiração ardente podem gerar reações positivas. Da fila de um banco ela notou uma planta quase morta de sede. Ninguém a via. E havia tanta gente! Pegou uma garrafinha de água na bolsa e lhe deu de beber. Pensou na planta e agiu. O banco parou. Os clientes e os funcionários tiraram as vendas. Enxergaram uma planta pedindo socorro em um vaso. Reagiram. Uma atendente do caixa foi pegar água para regá-la. Adormecidos em uma névoa de ilusão, não apenas o mal nos habita, mas a grande cegueira. Ela reflete: *O contrário do amor é a indiferença, não o ódio. O ódio é uma distorção do amor. A vida tem um lado tão duro que a indiferença tem ganhado espaço na consciência humana. A maioria prefere se distrair como defesa para o sofrimento. Não é fácil entrar em contato com nós mesmos para mudar aspectos arraigados.*



A vegetação vermelha crepita. Os arbustos consumidos parecem esqueletos negros em meio a mil línguas de fogo. É hora de transmutar pela união grupal a ação de forças adversas.

A fúria de uma queimada

Mostra-se pouco a pouco. Bem longe, uma tênue mancha avermelhada embaça o céu estrelado. *O que é aquilo?* perguntam-se os quatro que retornam pela estrada de terra de um encontro de oração. Progressivamente, a nuvem incandescente se esparrama pela espessa escuridão da noite, e percebem: *É o clarão de um incêndio!*

Uma queimada! A fumaça rubra se eleva à altura de um prédio de seis andares.

Ao saltarmos da caminhonete para avaliar a dizimação, o motorista indaga: *Estão escutando o som vindo dos eucaliptos?* De um lado da pista, labaredas dançantes devoram um vasto campo. Do outro lado, barranco acima, um antigo plantio de eucaliptos chora.

O calor chega em ondas. Da ilha de claridade ígnea em meio às trevas, espocam faíscas mais altas do que as copas da mata nativa. E a penetram com furor. Galhos com ovos em ninhos tombam. Ali habitam tatus, cobras, lagartos, mas o terror do fogo criminoso ateado em círculo não deixa escape para a fuga. Logo atrás da mata há gado e uma casa de fazenda.

A dor fumegante é fronteira às Terras da Unidade, dela separada apenas por uma estreita estrada de terra. Nos atuais tempos de seca, basta uma chispa flamejante pipocar mais alto para atingir o capim ressecado, altamente inflamável, levando rápido as chamas até as casas no alto da colina, bem próximas. A situação é grave: queimada morro acima é bem mais veloz do que morro abaixo.

Uma aragem, no momento, sopra as labaredas para o lado oposto. Que o vento colabore, visto que o céu estrelado não oferece esperança de chuva.

Sempre e sempre, o maior serviço é orar. Cada qual invoca a seu modo, entregando o horror à misericórdia divina: *Que seja feita a Tua Vontade, Senhor.*

É necessário apoio grupal, ligar com urgência para o setor da comunidade responsável por situações de emergência, que, além do conhecimento e da prática, está treinado a ter prontidão para atender chamados.

Antes de prosseguir para as Terras da Unidade, os quatro se colocam lado a lado para ouvir. Concentram-se no inconfundível e alto ressoar de uma cascata jorrando em profusão. Vem de dentro dos eucaliptos. Como? Se ali não há água nenhuma...

O inusitado se faz presente.

Entram no veículo e vão deixando para trás as chamas a se alastrar em busca de combustível vivo para

prosseguir queimando. E, bem à frente da queimada, o altíssimo grupo de eucaliptos lança um lamento copioso e fluido.

Ele dá dois telefonemas. Orientações precisas instruem: *Nada poderá ser feito para apagar no corpo a corpo um fogaréu dessa extensão e com mais de um metro de altura.* Para controlar o incêndio se pode tentar fazer um aceiro, remover a vegetação do solo em torno do fogo, ou umedecer as bordas da queimada para que não avance. Seriam necessários uns 100 mil litros de água e mangueiras longas. *Que ninguém desespere*, foi a ordem. O grupo de emergência entrou em alerta e passou a planejar ações sobre como trazer um carro pipa. Para proteger a área, também iniciou orações.

O Corpo de Bombeiros da cidade vizinha avisou que não trabalha à noite, mas poderia vir de manhã cedinho.

Passados vinte minutos, as chamadas telefônicas finalizaram. E retornamos ao local do drama para acompanhar o perigo. Rodávamos devagar, calados, os faróis acesos em busca de sinais. De longe já não se vê a fumaça subir rubra.

Chegamos. Impossível. O incêndio apagou sozinho! Nem uma brasa arde. Nem uma chama. Nada. Só o vasto breu da noite. O fogo se extinguiu sem qualquer interferência humana, como se algo instantâneo o tivesse tragado para o fundo da terra ou sugado



para dentro do ar. A região estava escura, sem uma labareda, sem o ecoar da cachoeira, sem uma brisa, sem nem sequer o odor de plantas carbonizadas. Quieta, absolutamente quieta. Enlaçado à escuridão paira um segredo sublime talvez conhecido por estrelas ardentes salpicando o céu.

Pasmos diante do milagre, da ação do lado oculto da vida, as mentes tentavam visualizar como aquilo se dera. A cortina de água suprafísica ouvida nos eucaliptos apagara o incêndio?

Fomos analisar as fotos da queimada, tiradas por meio do celular: vimos o campo de batalha entre o fogo

material e, em torno dele, sutis formas azuis tubulares de energia translúcida.

Aquilo fora permitido para o grupo se formar, pois mesmo o negativo traz aprendizados. Foi uma aula e um alerta para o futuro. Cada participante passou por um processo interno, cada qual apoiou os outros com serenidade, ninguém se desequilibrou. O serviço orante exercitara o discernimento, a unidade, a fé. Diante do poder e da participação do mundo espiritual, agradeceu à Providência Divina com renovado ardor. Ao pressentir tudo sendo consumido pelas chamas, o grupo se aproximou do efêmero, do inesperado. O desapego também se fez presente quando alguém calmamente ponderou: *Se as casas pegarem fogo, evacuamos os animais para outro local.*

No dia seguinte, dois vizinhos buscavam um sentido no que nunca antes haviam visto. Observadores da natureza, entendem-na, sabem lê-la. *O mato seco, as moitas verdes bem no meio da cinza... tudo queimado, elas viçosas... até plantas distantes do fogo murcham... avaliavam muito intrigados. Estranho... o fogo parou de repente no meio do capim seco...*

Andando pelo campo coberto da cinza finíssima, o inexplicável quis se comunicar ainda outra vez. Em uma foto do solo da queimada, apareceu uma misteriosa forma esculpida na cinza, uma grande e bela cabeça emplumada de águia, um dos símbolos de Maria, a Águia do Sol.



Diálogo de gente sobre cobras e lagartos, rãs, pererecas, aves, plantas e eutanásia

Ela: *Esta perereca adorável se chamava Esther. Morou muito tempo no banheiro, dentro de uma bolsinha. De tardinha ia passear, de manhã retornava.*

Colaboradora: *Era fria! Pulava na gente! Eu dizia: "Se esse bicho pular no meu rosto, morro eu ou morre ela".*

Ele: *Não temos medo de bicho. Era linda! Eu a colocava no basculante enquanto tomava banho, e, de repente, pá! saltava no meu rosto ou na nuca. Confiava totalmente em nós e ficava nos olhando conversar. A gente coçava sua barriga, ela inchava... Um dia não apareceu mais; estava gorda, resolveu ter filhos e se foi.*

Diante de um *lap top*, três pessoas unidas à natureza travam comentários inusitados enquanto examinam antigas fotos de animais por eles resgatados e protegidos.

Ele: *Muita gente tem repulsa por cobras e precisa ir quebrando esse preconceito. Não é real ter amor por um animal e não ter por outro. É o comum na consciência da humanidade, mas essa aversão não é normal. Sempre lidamos com animais e nunca tivemos um problema de ataque de cobra. Temos de aprender a trabalhar nossos medos. Eu, por exemplo, tenho mais dificuldade com aves do que com cobras, lagartos, anfíbios, répteis de modo geral. Sabe por quê? Porque a ave bica, machuca, faz sangrar. Já me aconteceu várias vezes. O papagaio tem tanta força no bico que quebra uma noz. Quando vou pegar um psitacídeo, faço um trabalho forte comigo mesmo para tocá-lo amorosamente, para vencer a mim mesmo, permanecer impassível quando me arrancam um pedaço.*

Colaboradora: *A ave percebe quando alguém tem medo... Por isso, podem reagir.*

Ele: *Todos os animais percebem. O medo libera adrenalina pelo suor. Se sentirmos medo ao pegar uma cobra, ela reage: “Vão me matar, vão me atacar, vão me agredir. Tenho de sobreviver.” Ela não pensa: “Eu tenho de atacá-lo.” Pensa: “Eu preciso me defender.” Essa é a percepção física da cobra. Na Bíblia, Jesus cita a cobra como um símbolo da prudência. Quando Ele enviou os apóstolos de dois em dois para ensinar o caminho, a verdade e a vida, instruiu-os a ser prudentes como a serpente e mansos como os pombos. Além de prudente, ela reconhece a qualidade da vibração de quem cuida dela. Os indianos afirmam que contemplar seu movimento ondeante pode promover curas espirituais profundas, uma vez que isso nos coliga à origem das células. Para tanto aceitam sua visita em casa. Cobras são um intrigante aspecto do Divino.*

Colaboradora: *Vários povos as cultuam como animais sagrados. Outros têm profundos preconceitos, acreditam que elas nunca criariam um vínculo com humanos. Inspiram temor no Ocidente e são reverenciadas no Oriente, onde o deus hindu Shiva é representado com uma serpente venenosa enlaçada aos ombros e braços.*

Ele: *A cobra Prudência era tímida e recolhida. Ficou internada por meses no minhocário até se recuperar de lesões causadas pelo ataque de um gato. Estudamos seu temperamento, humores, linguagem corporal. Era cristalina, expressava com o olhar se aceitava ou não fazer contato. Cobras podem não se arredar de onde estão. Ou agem assim: “Já que você chegou, eu me retiro.” É preciso não ir além do que indicam, nunca abusar. Mesmo a tranquila cascavel pode um dia se zangar.*

Colaboradora: *As aves estão inseguras diante de tanto maltrato humano.*

Ele: *Não há diferença entre um pombo e uma galinha, um pato, um ganso – do qual arrancam as penas para fazer travesseiro. Todos estão unidos. Pertencem à mesma alma-grupo. Existe a grande alma-grupo do reino das aves e a enorme alma-grupo do reino animal como um todo, com seu regente. Quando pegamos um papagaio é como se ele visse todo o mal que fazemos com o reino das aves. Então agride. Dizemos: “A cobra é agressiva, o papagaio é agressivo, o escorpião é agressivo.” Só querem viver, foram programados para sobreviver e evoluir como espécie. É preciso dar tempo para eles confiarem em nós. Quando percebem nossa intenção de ajudá-los, mudam totalmente. Perdem o medo de nós.*

Colaboradora: *Sinto um arrepio ao ver essas fotos de cobrinhas enroladas em suas mãos...*

Ele: *A maioria das cobras não é venenosa. Essas não são. Veja como gostam de se relacionar, passeiam pelos dedos. Ela tinha acabado de receber uma sutura que, por seu tamanho reduzido, infelizmente teve de ser feita só com anestesia local, mas em seguida está à vontade para brincar. Cobras corais venenosas têm temperamento mais manso, mas é preciso cuidado para lidar com jararacas, mais ariscas. Conosco esteve um casal de enormes cascavéis. O macho era superbravo para proteger a fêmea. Nós as colocamos em um balde, e ele se enrolou em cima dela para escondê-la. Quando se trata de casal, é melhor lidar com uma de cada vez.*

Colaboradora: *Há jiboias como animais domésticos.*

Ele: *Até no nome científico, ela é boa: Boa constrictor. É um doce, tão delicada! Nunca soube de uma jiboia atacar um homem. Come uma vez por mês, um rato, e tem de ser vivo.*

Ela: *Rãs são muito divertidas, gostam de brincadeiras. Uma rãzinha perdeu dedos da mão e ficou conosco uns seis meses. Nós a encontramos ferida, mas recuperou os movimentos depois que a pusemos dentro de uma caixa-d'água e a estimulávamos brincando. Era contemplativa, assistia ao pôr do sol da janela.*

Ele: *O camaleão chegou ferido na barriga. Custou para ir embora; eu o soltava no alto da colina, e três dias depois ele reaparecia na varanda da casa; queria um pouco de carinho. Era superdelicado. Eu o coçava e soltava. Ficou meses indo e voltando. Conseguia virar um olho para cada lado. O lagarto Adamastor parecia um animalzinho pré-histórico. Mudava de cor, era um camaleão tipo calangão. Logo se recuperou. Adorava andar nas pernas da gente. Répteis e anfíbios gostam de cafuné no pescoço, no ouvido. Quanto mais confiança têm em nós, mais demonstram sua carência. Com o tempo de convivência vão se relaxando. E se apegam. Adamastor amava ficar entre as roupas das pessoas. A percepção dele é pela língua, bipartida como a de cobra. Come principalmente formiga, tatuquinho, esses bichos. Acho que não ataca; mesmo quando o tratávamos, nunca nos atacou. Engordou e, voltando para a natureza, emagreceu. Mora no jardim perto das roseiras. Há pouco voltei a vê-lo.*

Colaboradora: *A consciência dos animais é diferente da dos vegetais...*

Ele: *O reino vegetal tem corpo etérico, mas não tem corpo astral, como os homens e os animais. Consegue total união entre si e com os outros reinos, como se fosse programado para servir aos demais. Nisso é diferente. As plantas sentem e muitas vezes têm sensações superiores às nossas. Quando conversamos com elas, talvez captem mais a nossa essência do que um animal, ou nós, um do outro... Claro, todos os animais têm percepções, mas quem se comunica com plantas diz que a delas é em nível mais interno e superior.*

Ela: *Precisamos conversar com elas. As plantas sentem medo quando ameaçadas, sentem dor, alegria, mas é raríssimo alguém captar seus sentimentos. Há, contudo, quem se identifica tanto com elas que lhes sente a dor.*

Colaboradora: *Vegetarianos e veganos, por não comer carne, são importantes para equilibrar nosso pesado carma com os Reinos da Natureza. Veganos não tomam leite nem comem ovos. Um vegano de verdade, quando colhe alface, corta as folhas e deixa o pé vivo. Há níveis de sutileza e níveis de vegano.*

Ele: *Por mais que queiramos ajudar um animal ferido, é preciso cuidado para tocá-lo. Dizemos que são muito instintivos, mas às vezes controlam o instinto melhor do que a gente.*

Colaboradora: *Como a coruja...*

Ele: *A coruja ficava imóvel para suportar a dor sem bicar e reagir ao tratamento. Que autocontrole! Se alguém nos toca onde está doendo, nós o empurramos automaticamente, não é? O pernilongo pica, e imediatamente batemos a mão no lugar... um gesto instintivo de autodefesa.*

Ela: *Antes de atender um animal, pedimos permissão para tocá-lo. Às vezes queremos resolver o problema logo, e não deve ser assim. Temos de pedir luz para sentir se devemos intervir ou não. Acho que a dor sempre deve ser amenizada, mas nem isso sei se é certo, só Deus sabe, pois temos aprendizados com tudo, inclusive com a dor.*

Colaboradora: *Há mortes necessárias. E a eutanásia em animais?*

Ele: *A princípio, não somos favoráveis. São raros os casos graves em que é preciso interferir, pois podemos estar interrompendo o que o regente da espécie está fazendo no animal. Em situações dessa natureza, peço orientação à Hierarquia Espiritual e aos anjos, principalmente aos anjos, que estão tão próximos de nós. Há casos em que temos de nos trabalhar para não ficar indignados. Por que esse ser tão perfeito, tão bonzinho, tão educado passou por isso? Temos conosco animais tão humildes, percebemos seus temperamentos. Por que passaram por isso? Precisamos de humildade para admitir: “Embora não saiba a resposta, quem sou eu para julgar se seu mal está certo ou errado?”*

Colaboradora: *Temos uma história antiquíssima para equilibrar. Nós e os animais nos desviamos demais da Lei Superior em outros pontos do cosmos. Fomos atraídos para resolver essa questão na Terra, lado a lado.*

O filhotinho saruê

Kinkajú, que significa flor do deserto, foi arrastado por um temporal do ninho das folhas de efeito ansiolítico e tranquilizante de sua árvore preferida: a brasileira *Erythrina Mulungu*. Por que ganhou tal nome? Porque necessitava dos mesmos cuidados que damos a uma delicada florzinha. Resgatado de um bueiro, tinha 4 cm, mas em adulto chega a 20 cm. A formação do filhote termina no aconchego da bolsa abdominal da mãe, assim como os cangurus. Como esses mamíferos marsupiais são maiores e competem com os ratos pelo mesmo alimento, eles os controlam naturalmente. Saruês têm expressões parecidas com as dos humanos, como a de susto. Eles se relacionam muito bem com as pessoas. Quando o casal passava, Kinkajú sorria, abria os bracinhos e pulava no ombro ora de um, ora de outro.





Aves companheiras e não agressivas entre si, é fácil lidar com os gaviões. Já os tucanos brigam de se matar, assim como os papagaios. Têm também fortes preferências em relação aos humanos. Ora só gostam de sicrano e atacam fulano, ora só aceitam homens. Um quase arrancou o bico da maritaca, que teve de ser colado com super bonder. São como os humanos, com imprevisíveis temperamentos e predileções. Miriam, uma fêmea de tucano-de-bico-verde foi resgatada por estar com o bico quebrado.

Vou te guardar, filho, calma

Súbito, o tucano dispara rufando sobre mim. Encolho o pescoço: *Este é o Tantão. Gosta de fazer gracinha, diz o tutor. Entramos no viveiro, é hora de pôr os animais para dormir: Eu durmo cedo, gente. O tutor ora se dirige a mim, ora fala com a ave, ora por ela: Seu bico é uma gilete. Ele não tem consciência nem usa de força; basta esbarrar no serrilhado e nosso dedo é cortado. Eu te conheço, quer brincar de lutinha só porque viu a câmera. Quer mostrar que é forte? Tenho um humor afiado e o bico também.*

A bióloga explicou que seu comportamento de querer bicar é infantil: *Só faço isso com meus pais humanos. Estou aprendendo a ficar delicado igual a Shams, uma lady tucana. Quero ser um lorde. Adoro que cocem e limpem meu bico enorme e levinho. Tantão abana o rabo e toca o tutor com os dedos azuis. Ele lhe coça o bico, as costas, as orelhas. O tucano boceja. Aproveita para educá-lo: Sou mimadinho, carente e levado. Diga: “Sou velho, tenho de parar com brincadeiras bobas de fazer terror.”*

Na casa ao lado moram a jabota Jolie e mais três pombos: o filhote Zaqueu, Esther, que chegou atropelada e desfalecida, além de Miguel, pego na praça

por um cachorro. Só caminham e, ainda medrosos, se escondem. São o oposto do comunicativo Zaqueu, que nos sobrevoa, empoleira no ombro dele e lhe dá bicadinhas atrás da orelha. Empolgado com as demonstrações de afeto, pousa sobre minha cabeça, arrulha e esvoaça para bicar meu tênis, o tutor rindo solto com a arte do *filho*. Depois tira couve da boca de Jolie. Amicíssimos, Zaqueu chega a abraçar seu sensível casco. Ele: *É um preconceito acharmos que animais não convivem. Convivem super bem entre si, de modo geral.*

Quero entrar no meu quarto, gente! Mal a porta é aberta, Jolie atravessa ligeirinho para se aconchegar entre caixas. Na verdade, tartarugas e jabotis não são lentos. Cinco tartarugas aquáticas vivem no Sítio dos Reinos. Ele comenta: *Estar na natureza repercute na alma-grupo delas. Uma foi criada em um apartamento e, por falta de sol, o casco se deformou em forma de um coração. Jolie adora manga, abacate, mamão. É inteligente. Eu digo “manga”, e ela me olha questionando: “Manga?” Qualquer dia levanta a patinha para dizer “Eu quero.” Não é, filha?*

As aves são mais sensíveis ao vento do que ao frio. Por isso ele tranca a porta. O vento noturno pode lhes causar pneumonia ao penetrar nas macias subpenas, como penugens, cuja função é mantê-las aquecidas.

Seguimos para outro ambiente. Curiosas, as aves pararam de piar e me analisam até um papagaio: *Loura... Ei Loura, tudo bem?* De ave em ave o tutor me apresenta pelo nome e elas a mim: *Aquele é Azul*. Diz pela outra:

Eu sou Silêncio, uma maritaca muito educada. Esta pequena é um doce. É Miriam, uma fêmea de tucano-de-bico-verde, incommum na região. Ele fala por Miriam: Pessoas me assustam, mas estou me acostumando. Sou carinhosa, diz enquanto lhe faz cafuné. Miriam fecha os olhos.

Um papagaio dá uma risada e assobia um trecho lírico. O tutor vai dando papinha na seringa para alguns ganharem peso, e falando pelos papagaios Fellow, Star, Lilás e João: *Eu sou Lilás. Você é tão falante, hoje está tímida?* Bravos, brigam até a morte, por isso têm uma tela entre si. É mais fácil deixá-los soltos com o tucano do que um com o outro. *É que ainda não sabemos nos expressar de outra forma, mas vamos aprender*, ele justifica. *Gosto de cantar. Sei cantar Mahindra, sei cantar Nada te turbe, nada te espante.* Quando a ex-mãe humana de Star desencarnou, ele se entristeceu e parou de comer. Chama por ela: *Lúcia, Lúcia...* Começa a transferir o sentimento para a tutora: *Lúcia, Lúcia...*

A tendência é soltar de vez os animais capazes. O casal se despede de cada um, agradece pelo convívio e por quanto aprenderam. Pousa os alados entre ramas leves. E os vê indo céu afora em reta ou curvas, até perdê-los de vista. Pelo rés da terra, os répteis e batráquios seguem mato adentro. Todos retornam para comer. Readaptam-se aos poucos. Cada vez mais se distanciam do porto seguro até se desligarem.

Um filhote criado pelo ser humano não aprende com os pais a buscar alimento e a se defender de predado-



res. É preciso analisar e intuir cada soltura. Há os que entregam a vida nas mãos do grupo e criam ligações amorosas. Também a própria natureza envia animais especialmente para ter experiências com os humanos. Da íntima convivência diária pulsa o respeito mútuo e a confiança entre as espécies, um farol que ilumina as rotas traçadas pelo amor universal. Aqueles que no futuro vierem a seguir este caminho encontrarão menos pedras e obstáculos a transpor.

Zaqueu pede, a gente dá

Um pombo bebê, ainda com a primeira penugem, vociferava dia e noite. Comia sem parar. Acabava de comer, gritava por mais. Se não o atendessem de imediato, arrulhava em protesto. Foi feito de tudo para acalmá-lo. Até um ninho com paninhos. Um sonho da tutora lhe sugeriu reflexões: *Em uma sala bem clara me entregaram uma grande caixa branca. Abri. Vários pombos voaram dela. Estavam famintos e lhes dei milho. Uma mão veio de cima e me deu outra caixa branca. Abri, saíram mais pombos esfomeados, eu a lhes atirar milho. Mais outra e outra vez. Pensei: "Não sei se vou ter tanto milho". O milho surgiu, e nova caixa. Acordei entendendo. Zaqueu é um representante dos pombos famintos do planeta. Expliquei ao grupo para não deixá-lo nem um minuto sem alimento e água limpa. Já não exige. Serenou.*



Isso surpreende:
os cães têm quartos
iguais aos dos humanos,
pois as Terras da Unidade
e o Sítio dos Reinos
são casas deles.

Tirar pedras do caminho de cães

O grupo estimula os animais a acolher o irmão que chega. Diz ele brincando: *Há animais atendentes, enfermeiros, médicos.*

Lumí é o recepcionista e um dos terapeutas amorosos do Sítio dos Reinos. Aceito em todos os espaços, nunca é rechaçado por um cão e muito menos por gatos! Ele se infiltra nos gatis e se dá com os soltos. Tanto ele como a cadela Filomena brincam com os felinos até os cansarem. Nunca param. Os gatos se alternam para dar conta das brincadeiras.

Uma das primeiras pacientes de Lumí se chamava Isabel. Chegou com sarna negra em grau avançado. Sem nenhum pelo, o corpo em feridas, a pele se desmanchava soltando uma substância mal cheirosa nos panos em que dormia. O casal relembra: *Lumí demonstrou o amor que ainda temos de desenvolver. Os animais aprenderam mais com Cristo do que nós. Imediatamente cedeu a própria casinha de madeira para Isabel. No segundo dia tentou tirá-la do estado de prostração, da angústia, estimulando-a se exercitar. Isabel o olhava grata, enquanto Lumí, em sinal de afeto, lambia suas feridas e lhe dava*

mordiscadinhas como uma espécie de massagem. Animais fazem acupressão em pontos que o outro gosta. Ao longo do tempo, Isabel melhorou e viveu anos, sempre amparada por Lumí.



Cão é igual a criança. Como qualquer outro animal, cada um tem sua característica e precisa ser educado com firmeza amorosa para se tornar obediente e entender o que lhe falamos. É demorado conseguir que grupos maiores cheguem ao ponto de equilíbrio almejado. Exige-se estar sempre atento. Mas uma hora as relações entre os cães e os humanos passam a ser extraordinárias.

Estávamos nas Terras da Unidade quando foi sugerido: *Vamos passar pelos quartos e áreas dos cães?* O casal discorre sobre cada um e sobre o estudo de seus múltiplos temperamentos para promover integrações. O maior problema são os pequenos brigarem com um grande e ele revidar. Por isso, alternam a soltura dos grupos para o convívio humano.

Apontam: *Este branco é Agostinho, um brincalhão. A mãe teve doze crias em uma das áreas da comunidade. Os outros onze foram encaminhados. Aquele é Abel. Chegou com fratura exposta e parte do osso da perna dilacerado em um acidente. Tinha uma doença chamada babesiose. Profundamente traumatizado, estava sem condições psicológicas para passar por uma amputação no momento.*

Foi medicado e um belo dia pisou! Tiramós uma radiografia e constatamos um milagre: o longo osso faltante se regenerou por completo. Chegou magérrimo e está com sobrepeso. Come para compensar o que não teve no passado.

Em outra área, três jovens irmãos alegres aguardam um lar. Uma de suas características é pular. Bagunceiros, quando soltos tudo vira brinquedo: derrubam vasos, escavam buracos para se esconder, coisa de lobo. O tutor comenta: *Hoje vão ter trabalho, a chuva tampou seus buracos... gostam do contato com o reino mineral...*

A tutora se lembra de Amábile: *Íamos pela estrada de terra batida comentando que o próximo cachorro a aparecer se chamaria Amábile. Dez minutos depois, vimos uma manchinha atordoada na beira da estrada. Paramos, e ela pulou dentro do carro. É a menorzinha da turma. Não fale, que acontece!*

Mais além está Vento. Encontrado na rua, tinha uma ferida com bicheira tão grande na nuca que o veterinário achou que a medula do cão pudesse ter sido lesada. Assim que o rosto desinchou, notaram ser um *pitbull* branco. Marcas de *piercings* na orelha caracterizavam vitórias na rinha: fora treinado para brigar. Conversaram muito com Vento: *Explicamos a ele que tinha de “apagar” o passado para conviver com outros animais.* Tem muita força, mas mudou tanto que, atacado no rosto por uma gata com histórico de ter sido ferida por cães, não se defendeu. Apesar de cortado e sangrando, só rola na terra para escapar sem machucá-la. *É um pitbom.*

Ela: *Tivemos um caso. Bení, o idoso pretinho, não gosta de cobras. Uma cascavel resolveu brigar com ele e se deu mal. Ele ouviu o guizo, fica nervoso e a morde. Eu estava no mandiocal. Vi que atirava algo para o ar lá na varanda. Será a câmara de ar da bike? Achei estranho. Não é a câmara de ar, está meio duro. Quando cheguei, a parede estava suja de sangue. A cobra fugira. Horas depois a achamos morta. Bení foi punido severamente, ficou de castigo o dia inteiro: “Nunca mais vá fazer isso, ela é sua irmã”. Isso ele nunca voltou a fazer. Mas pega ratos.*

Ele: *Bení dorme em meu quarto à noite. Na verdade, dormem no meu quarto ou no dela certos animais residentes, ou os que estão se preparando para desencarnar, ou ainda os que precisam de assistência emocional. Procuramos trabalhar os animais além do nível emocional. Temos contato dia e a noite com os mais carentes, até se reequilibrarem.*



Somos folhas de uma única árvore. Se um irmão humano faz crueldades com uma criação, ocultamente eu e você temos parte nisso.

Dos milhares de cães por eles assistidos, receberam um dos maiores exemplos de perdão de um da raça boxer. Ao saberem ter ele sido castrado a sangue frio com uma faca comum, passaram a procurá-lo pela cidade. Tempos depois, uma varredora de rua chamou a atenção da cuidadora. Ela conta: *Senti um*

mau cheiro atrás de mim. Era ele. E nós o levamos para ser cuidado. Além da castração ter sido feita sem anestesia, uma necrose enorme com bicheira o fez perder a pele. Não havia como suturar. Conseguimos terapeutas para ajudá-lo. Cicatrizava e abria. Foi coisa de um ano até se recompor. Desde os primeiros cuidados, tentávamos devolver um pouco da dignidade retirada dele. O olhar mergulhado em uma sombra, envolto em profunda tristeza, era escuro, sem brilho. Estava insensível. Nem sequer reagia à dor física. Parecia dizer: “Podem fazer o que quiserem porque eu já estou morto”. Iam lhe explicando: “Vamos fazer um curativo, vai incomodar um pouquinho. Fique tranquilo, vamos ter o maior cuidado.” Seu nome era Core, coração. Um dia passou a ganhar peso, embelezou-se, abanava o rabinho curto. Levantou a cabeça para olhar a vida mais de cima. A luz renascia em seus olhos e foi descobrindo o próprio dom: ser um guardião do amor.

Viveu anos com o casal. Se surgisse uma situação em que sentisse dor, por exemplo, ao tomar uma injeção, ao invés de reagir de forma negativa, dava lambidas para agradecer. Encarava tudo como se fosse um carinho: *“Que bom, alguém olha para mim! Alguém vai tirar meu berne, que bom.” Ele nos expandia em compaixão.*

O caminho junto aos reinos reativa o mágico espírito de fraternidade e serviço ao outro. É uma via de mão única, sem retorno. Arrebatados pelo eterno presente, nos sentimos mergulhar em uma onda de alegria, percorrida cada vez com maior afã.



Quem serve aos reinos
está a cargo de vidas.
Deve se esforçar para
ampliar a consciência
e não pode ter vergonha
de se expor. Precisa
de coragem para agir.
Ao fazer um gesto em
direção a uma necessidade,
humana ou não-humana,
sabe que rápido o próprio
universo se move para
resolver aquele enigma.

Unido ao Universo

Uma cadelinha com sarna foi abandonada em um posto de gasolina. Chamados para tratá-la, pediam a Maria, a Mãe Divina, que os ajudasse a encontrar quem a tirasse da rua. No último retorno para lhe aplicar injeção, um rapaz se aproximou para saber o que ela tinha: adoecera com sarna por baixa imunidade devido à fome. Ele queria demais levá-la, mas a companheira não. Ela a se justificar: *Gosto de cães, mas nosso apartamento é pequeno*. Os cuidadores testemunhavam o fluir da vida, em silêncio. Os dois saíram para conversar. Gesticulavam. Ele retornou: *Sarna pega?* Ao ser informado que nesse caso não, afirmou decidido: *Vou levá-la. Se não puder ficar com ela, passo para um amigo*.

Vinte dias depois o jovem ligou dizendo quanto a cadela estava bem, como tinha gostado de tê-los conhecido. Queria reencontrá-los. Quis saber o que é um Centro Mariano. Episódios semelhantes se sucedem. Os cuidados que prestam nas ruas provocam reações positivas, e reorganizam improváveis circunstâncias.

O ótimo é mesmo inimigo do bom. Fazer perfeito é uma ótima desculpa para não fazer nada. Mal surge um



cão e vem a justificativa mental: *Não posso levar para casa...* Muitas vezes ele está bem na rua, só quer uma breve atenção, um olhar.

De outra vez foram deixados três filhotes na porta do Sítio dos Reinos. Minutos depois alguém ligou avisando quem os abandonara, uma senhora com boas condições. Com os três no colo, o casal tocou a campainha. Ela: *Vim trazer os cachorrinhos que deixou em minha porta. Isso não se faz.* A senhora, espantada. Travaram um diálogo: *Por que foram deixados em sua porta, a senhora os deixa na nossa? Se nos tivesse pedido, nós a teríamos ajudado.* A senhora reagia, ficava brava, justificava-se.

Uma tempestade estava se armando, o céu escuro. Ela lançou um olhar fugaz além das nuvens revoltas. Pediu inspiração para os bichinhos ganharem um lar. Três crianças desciam leves pela calçada. Três cachorros, três crianças... A conjuntura era relevante. E se dirigiu a elas: *Vocês gostariam de ter um cachorrinho?* Imediatamente cada uma escolheu um.

Eons de amor

Desde as profundezas dos tempos almas de *Canis lupus familiares* e de *Homo sapiens* se entrelaçaram. Laços sagrados enraizaram a verdade do amor "canumano" ao espírito e à história planetária.

Atrás, três mães. Foi ter com elas. Uma disse: *É o que eu sonhava.* As outras: *Mas é fêmea...* Ela: *A gente castra, vermifuga, vacina.* Assim foi. Dão o primeiro passo, e a vida conduz o resto com sabedoria. Basta reconhecer os sinais.

Com tantas ocorrências críticas de resgate, ela re-flete: *O que sentem os anjos diante de nossa indiferença com os reinos? Nossos anjos da guarda têm muita dificuldade conosco! O antigo povo essênio fazia contatos com o anjo do sol, com o anjo da presença, com o anjo das matas. Hoje a desconexão geral é enorme.* Quantos humanos e animais vagam sem destino! O serviço em sintonia com a vida interior, com a vida planetária e a vida oceânica é uma prioridade. Há um mundo de sinais de fácil entendimento. Ao lê-los, treinamos a reconexão com o invisível, invisível apenas porque estamos insensíveis.

Vivemos envoltos por um oceano de amor. Além da solitária vida pessoal, o amor indica a real necessidade de cada momento. Unida a ela, está a solução para cada grito de socorro. Os fatos falam por si.



Desafios e sinais dietéticos

Beija-flores sugam néctar de flores e sentem o amor vegetal. Mas, via de regra, aves caçam insetos suculentos ou pequenos animais e quase não bebem água; por isso sobrevivem no deserto. Dada a rapidez de seu metabolismo, alimentam-se do equivalente a seu peso por dia. Como o tucano que, fora a ração seca, ingere sementes e frutas – tomates, dois mamões ou quatro bananas.

Na voz do povo há um dito popular: *Ele come como um passarinho*. Ao pé da letra, é como se um ser humano adulto consumisse 60 ou mais quilos diários...

Atentos, os membros do grupo estudam as peculiaridades, os gostos, os horários, as preferências e as necessidades alimentares de cada espécie. Por desconhecimento do ex-tutor, certa vez atenderam um papagaio viciado em sementes de girassol... A cozinheira comenta: *Cachorros e gatos dão menos trabalho. Já os animais silvestres, cada qual com alimentação e forma de tratar específicas, exigem mais tempo e paciência*. Papas especiais são dadas para filhotes mais velhos, porém recém-nascidos ainda sem penas raramente sobrevivem sem as enzimas da mãe, que pré-digere o alimento e o regurgita nos biquinhos.

Peregrino, um filhote de águia, exigiu especial intuição. Como substituir a mãe? Tentaram-se várias técnicas. Em vão. A tutora clamou aos anjos por ajuda. Analisava o bico de rapina curvo, afiado para matar e rasgar a presa. Viu uma peninha dependurada no jovem peito. Foi tirá-la. Encostou-lhe a ponta dos dedos. O filhote abriu o bico. Repetiu o toque; ele o abriu novamente, mais uma, outra vez... Atirava pedacinhos de carne com pelo no bico esfomeado. Talvez a mãe se encoste no filho... Assim foi. Peregrino cresceu e hoje plana nos ares.

Gatos são sistemáticos. Alguns aceitam o alimento dado aos cães. Outros, só ração, que é balanceada e possui o aminoácido taurina, essencial para eles. Caso a ração não o contenha, precisam tomar taurina em cápsulas, senão os felinos tendem a caçar para encontrar o ácido nas vísceras de roedores, de aves.

A ração comercial para cães é um condensado de sofrimento do gado imprensado em pastilhas. Energética e materialmente negativa, é altamente cancerígena, tem conservantes, corantes, milho transgênico, hormônios. Por isso a dieta dos cães vem sendo complementada: arroz, polenta ou canjiquinha com legumes cozidos, cenoura, batata, chuchu, abóbora. O grupo ainda elabora uma farinha torrada e balanceada, que supre a carne: levedo de cerveja, aveia, milho, trigo, gergelim, castanhas. Ainda assim, cães debilitados podem eventualmente necessitar de carne de boi ou de ovos. Conduzidos com cuidado, os animais fazem periódicos exames de sangue, que têm dado excelente resultado.

Há três anos uma receita de biscoitos veganos assados vem sendo aperfeiçoada. Cinco voluntários se reúnem aos sábados na padaria da Casa Luz da Colina para elaborar 650 biscoitos. Cerca de 130 cães, a maioria da Comunidade-Luz e de colaboradores que habitam em Carmo da Cachoeira, recebem a energia de amor.

O alegre Grupo do Biscoito, como informalmente é conhecido, conversa com a massa até ela ir para o forno: *Minha querida, agora vamos processá-la; agora, tirá-*

-la da masseira elétrica. Como está ficando bonita, estamos contentes com você. Colabore conosco!

Cada cão ganha em média cinco biscoitos por semana em uma sacolinha jeans, feita especialmente para ele, com seu nome e a palavra “Biscoito”. Tudo lhe é amorosamente doado, inclusive o tecido e a costura. Ao tutor responsável pela sacola se orienta mostrá-la ao cão, afirmando: *Esta sacolinha é sua*. Ele compreende, sabe onde ela fica guardada e exulta de alegria ao receber o petisco. A troca tanto permeia seu coração quanto o do tutor, e ambos se aproximam, o que repercute no apaziguamento entre as espécies. Os biscoitos, por limpar o tártaro, embranquecem os dentes caninos, promovendo a saúde bucal com repercussão nos órgãos físicos.

A meta é colaborar para a individualização de todo animal. Vacas, cavalos, cães, gatos e aves são também considerados residentes. Fazem parte da listagem da Secretaria Geral de Acolhimento da comunidade, que tem seus nomes, o dos tutores, a espécie a que pertencem, a área onde habitam. Os coordenadores do Grupo do Biscoito acompanham a lista, sabem quando o animal vai a óbito, troca de área, de tutor.

O que existe detrás de um biscoito ou de ações comunitárias? O esforço consciente de inúmeras pessoas cuja intenção é construir um canal por onde o amor e uma nova educação possam fluir. Cada um tenta fazer o melhor. Invariavelmente conta com a química oculta, contraparte da saudável dieta material.



Biscoito vegano para cães

(rende 100 porções)

2 kg de beterraba

1 kg de cenoura

200 ml de óleo de girassol

3 kg de farinha branca

3 kg de farinha integral

1 kg de polvilho azedo

100 g de amido de milho

200 g de gergelim

200 g de linhaça

Lave, pique e bata os legumes no liquidificador, acrescentando água aos poucos para ficarem pastosos. Em uma bacia, misture lentamente à polpa de legumes o óleo, as farinhas e as sementes. Sove a massa até soltar das mãos. Se necessário, adicione água. Com um rolo, abra a massa rosada na altura de 1 cm e a corte em tiras de 4 cm x 3 cm. Modele os retângulos no formato de 5 cm x 3 cm x 3 cm (para cães pequenos, use a metade desse tamanho; para os de porte grande, o dobro). Asse por uma hora em forno a 170 °C. Os biscoitos não crescem, sempre racham, são bem secos e duros, para a arcada dos cães rasgá-los.



Ato que refresca a alma,
adotar uma criatura de
quatro patas como irmã,
equilibra o pesado carma
coletivo humano criado
por maus-tratos inflingidos
a animais, desde sempre.

Encaminhar um ser vivo

A primeira meta do Setor Reinos é colaborar na caminhada evolutiva dos animais. Sendo parte de um Centro Espiritual, é ampla a sua responsabilidade. Para tal, trabalha a consciência do adotante. Acompanha cada fase do processo de adoção com cautela e extrema delicadeza. Visita a casa do futuro tutor a fim de conversar com ele e conferir as condições em que o animal viverá. Só então o encaminha.

Encontram quem, influenciado pela publicidade mal dirigida, pensa mais em si e não no bicho, quem deseja e compra cães e gatos de raça porque isso dá status. Mas há quem almeja tê-los como membro da família.

O coordenador explica: *Um animal resgatado de uma situação de emergência ganha confiança em nós e, de certa forma, esperança na relação com os humanos. Ele se recupera fisicamente, às vezes emocionalmente... Um adotante precisa dar certa continuidade a isso. No mínimo, muito amor. Que não o coloque em uma corrente no quintal a vida inteira...*

O casal não tem urgência, nenhuma pressa em encaminhá-lo. Orienta as pessoas a devolver o animal

se porventura ele não tiver o perfil daquela casa e família. Combina com naturalidade que o pegará de volta se o vir em uma situação não evolutiva. Assim, evita futuros comentários desagradáveis: *Ah, eu não sabia, ah, você vai tomar o “meu” cachorro...*

Aconteceu de uma adotante devolver uma cadela. Na verdade, estava a deixá-la sem alimento na rua. A coordenadora comenta: *Graças a Deus foi restituída; aqui sempre comeu na hora certa.* Há sete anos voltou a viver com eles. Há cães que doam e retornam. Demonstram precisar de uma existência mais espiritualizada. Logo sabem: *Este vai ficar conosco.*

Antes de encaminhar um animal, entrevistam o tutor em sua casa. Os seres humanos têm sonhos, e um animal não é um objeto para realizar um desejo! Participará do cotidiano de 10 a 20 anos, até se desligar do corpo. Alguém lhes pediu: *“Quero um cão grande parecido com um fila.”* Iria deixá-lo em uma pequena garagem. *Explicamos que o cão grande precisa passear, ter uma área extensa, tomar sol, que o espaço era pequeno... Urge que as pessoas se conscientizem das necessidades de cada ser vivo.*

Além de estudar o perfil do lugar, o casal se certifica se a família o aceitará. Às vezes a mãe o quer para o filho, e o marido não gosta, ou o marido quer, mas a esposa diz não querer mais trabalho. E o adotado ficará de lado...

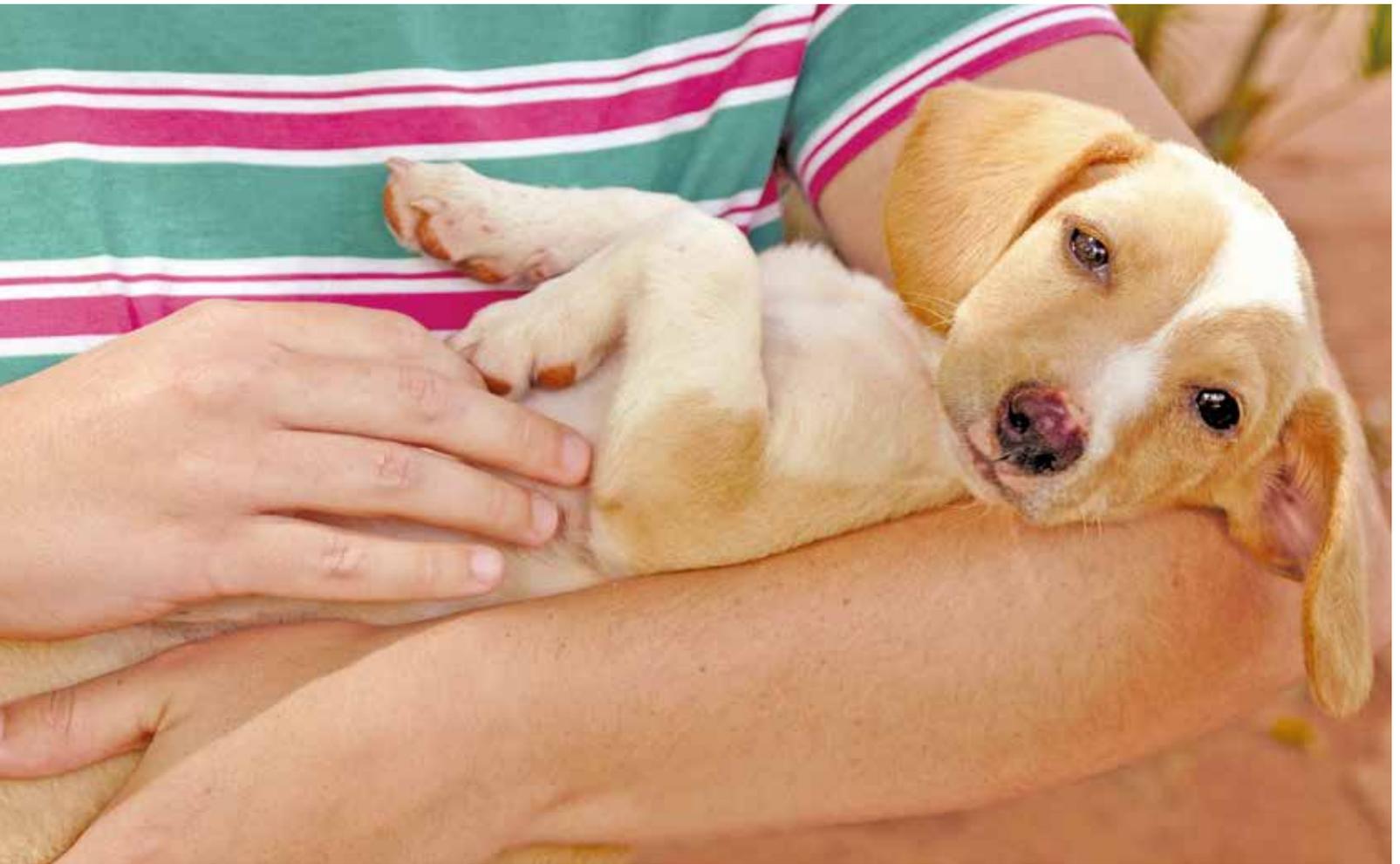
Em seguida, o casal analisa o tipo de animal que a família planeja adotar e lhe mostra os que estão disponíveis para adoção. Após escolher um, o responsável

preenche uma ficha de adoção. Mas a trajetória não finaliza aí. O período de adaptação é acompanhado. O casal ainda oferta a possibilidade de, a partir dos cinco meses, o filhote ser castrado na Casa Esperança. E também a de dar continuidade a futuras vermifugações.

Houve um caso de uma boa família, logo após adotar uma jovem cadela, ligar desesperada para devolvê-la. Rasgara as roupas de um varal baixo. A dona da casa, já sobrecarregada, por fim adotou um idoso quietinho.

Abandono vai contra o que acreditam. Por isso, fazem um trabalho educativo indo à casa de quem rejeita filhotes. Com frequência pais mandam os filhinhos deixar cãezinhos na porta de alguém, na rua, na beira do córrego. Ela prossegue: *Fico realmente brava com a situação em que alguns pais colocam os filhos. Isso é mais triste e difícil de trabalhar. As crianças gostam dos bichinhos, têm vontade de cuidar deles, de brincar, de lhes fazer carinho. Sentem conflito em obedecer aos pais. Sentem pesar, culpa, muita tristeza.* O casal procura as crianças para conversar, e elas demonstram medo de voltar para casa com os bichinhos. Vão com elas apoiar aquela família. Ajudam a castrar, vacinar, vermifugar e, depois, a encaminhá-los. Assim, a imagem tão ruim criada para a criança pode ser dissolvida.

A experiência do grupo cresce. Várias situações são desafiantes, mas a maior ajuda é o encaminhamento para as castrações. É raríssimo um cão ser devolvido. As famílias aprendem a assumir o compromisso.



Desde o início o grupo firmou um estreito relacionamento com a população local e a de fazendas do município e das cidades vizinhas. Atende chamados sem distinção, de homens, de bichos, da vegetação ou dos minerais. Ajuda o monge, o fazendeiro rico, seu caseiro ou a perereca que perdeu dedinhos. Sem distinção. Aprende com todos: cada relação de troca tanto acende impulsos fraternos quanto os exercita a ser neutros, ternos, diplomatas, objetivos, úteis.



Esquecer-se de si pelo bem do próximo: atendimento gratuito

A maior parte dos atendimentos urbanos e rurais são em resposta a demandas de moradores carentes. O Setor Reinos também trata de animais de rua sem tutor. Certa vez um senhor sinalizou da beira da estrada: *Graças a Deus pararam. Estou o dia inteiro esperando.* Alguns têm os números de telefone de membros do grupo, mas, no campo, caminham quilômetros até achar um celular para ligar. Sabem que não são veterinários, mas que algo farão ao menos para aliviar a dor.

O casal vai além da questão animal. Ampara também os seres humanos, como a jovem em profunda depressão. Durante uma conversa, o coordenador lhe indicou cuidar do *pitbull* da família em estado gravíssimo, sendo consumido por bicheiras. Ela, a princípio, rejeitou a ideia: *Como eu, depressiva, vou cuidar do pitbull?* Ele: *Mas essa é a chave da cura, parar de olhar para si e atender a um mais necessitado.* Assim ela fez. A cada dia melhorava, até o *pitbull* e ela saírem daquele quadro e se tornarem alegres cúmplices da jornada da vida.

Na área rural, além de as pessoas serem menos diferentes entre si e com as coisas do Alto, são mais

observadoras dos sinais e movimentos da natureza. Dizem: *Daqui a uma semana deve chover.* E chove.

Na cidade o povo se esforça e acaba por conseguir certo auxílio para as próprias necessidades e as de seus animais. Já a assistência à população rural é precária. A maioria vive em condições de miséria. O apanhador de café é mais bem remunerado. Entretanto, o camarada que mora em casinhas emprestadas na fazenda onde trabalha ganha, em geral, um salário mínimo para a própria sobrevivência, da esposa e de toda a família. O fazendeiro não obriga a família a trabalhar, mas o pai, único contratado, é incumbido de tantas obrigações que os filhos precisam ajudá-lo. Pior, a pobreza tende a se agravar porque a mão-de-obra vem sendo substituída por máquinas.

Mesmo nessas condições, as famílias chegam a acolher até 15, 20 animais. Têm grande amor e afinidade por eles, ainda que se alimentem de carne. Permitem que os cães entrem nas casas, subam nas cadeiras. Dividem a miséria entre si. Quando lhes perguntam: *Fulano, porque pegou mais este cachorro?* Já

tem tantos. Alegam: *Oh, ele estava sozinho, passando fome. Para passar fome, passa junto com a gente. Pelo menos aqui tem amor.* Não estão a reclamar, pois quase não falam de si. Para eles está tudo certo, do jeito que Deus quer. A pureza de seu contato com os animais ensina aos membros do Setor Reinos.

O morador rural aceita a morte com naturalidade. Só não quer que o animal parta sofrendo e sente culpa se ele não é socorrido. Agradece aliviado: *Que bom vocês aqui. Não é porque sou pobre que morreu à míngua.* Por vezes os moradores da roça se expressam de forma até mais elaborada e sábia do que os urbanos. Mas são desconfiados. Olhar em seus olhos os intimida. Constantemente criticados por feitores das fazendas e pelos fazendeiros, sentem-se tolhidos e inferiores.

O casal tenta ajudar da melhor forma possível. Atende sobretudo cães e aves, muitas maritacas. E galinhas, patos, as próprias vacas. Alguns tucanos, que as famílias encontram acidentados e adotam até melhorarem. Arames farpados são os campeões de acidentes. Há os com trator ou com ferramentas cortantes, como uma foice mal colocada, em que um animal fugindo de outro costuma esbarrar e se ferir.

Os dois analisam o quadro, às vezes fazem curativos, dão pontos. Um segura, o outro medica. Quando animais quebram partes do corpo, fazem o possível. Se o encaminham ao veterinário, o restante do grupo ajuda na despesa. O mais difícil é quando surge alguma

necessidade cirúrgica. São caras, e nem mesmo o grupo tem condições de custear. A veterinária que atende uma vez por mês na Casa Esperança retira tumores, faz pequenas cirurgias ortopédicas, costura um olho. Enquanto a aguardam chegar, fortificam os animais, pois sempre estão subnutridos ou têm doenças que dificultam os caminhos cirúrgicos, como hematoparasitas.

No campo tentam amenizar casos de subnutrição animal com o alimento que o grupo consegue doar. *É difícil acreditar que animais do Sudoeste do país estejam com tal fome,* comenta o atendente. *A população é inerte. Tem tanta fé que vive da fé, e a fé os deixa relativamente saudáveis.* Quando o casal pede para mostrarem o que têm para alimentar o animal, apontam vidrinhos de azeitonas ou palmitos com um pouquinho de arroz dentro. Vivem basicamente de milho e abóbora, que conseguem a preço barato. Plantar abóbora não demanda grandes cuidados, e ela dá com certa fartura. Do milho fazem fubá, angu, farinha, caldos, canjiquinha.

Certa época ela foi tratar cachorrinhos de um vizinho. Ao mesmo tempo, outro grupo da Comunidade-Luz se dedicava às árvores dele. Havia tanta harmonia no ar suave, e ela era tão delicada e humilde que o vizinho ousou interpelar: *Minha filha: me explique uma coisa. Cuidam bem das minhas árvores, podam meus sansões do campo. Por que fazem isso?* Ela sorriu, fechou os olhinhos, pôs a mão no coração: *Fazem isso por puro amor.* O vizinho também sorriu e apontou para um



conjunto de árvores: *Fico alegre quando cuidam delas. Uma vez perceberam que aquelas estavam asfixiadas por cimento. Perguntaram se eu deixaria cuidar disso. Sim! Criaram largos canteiros em torno delas e ainda construíram um banco. Olhe, ali na sala colocaram a imagem do Cristo Misericordioso.*

Estamos em um tempo desafiador, de grandes contradições. Arrebatado por corações amorosos, o diminuto grupo de voluntários se rende aos Reinos da Natureza, enxerga suas necessidades e o protege com carinho. Esforça-se para ser um ativo participante da luz na grande batalha entre o amor e a indiferença. As ações orantes coligam essa fraternidade de almas a esferas superiores de vida. Unida para ajudar o próximo, irradia luz e paz para a aura do planeta. Qualquer ato positivo é uma seta flamejante que clareia a escuridão.

Resgate de aranhas

Toda criatura é uma expressão da vida criativa. O casal foi convocado por uma demanda especial: resgatar um grupo de aranhas de jardim que impediam a abertura de uma janela. O morador pedia extrema atenção para não serem magoadas e para ressentirem o mínimo. Assim, as aranhas amarelas e pretas foram gentilmente transferidas para um abrigo próximo. Os decididos aracnídeos constroem sutis teias circulares. São um símbolo da sabedoria que liga a terra ao céu com fios de prata, sem neles jamais se enredar.



Em essência tudo é puro, pois fomos criados pelo Amor. Em essência somos amor, por mais que aparentemos o oposto.

Nunca devemos desanimar. O amor vive latente sob capas duras e de uma hora para outra desperta.

Jamais desanimar

O casal foi chamado para atender um cachorro com queimaduras graves. Um senhor discutia com a esposa e, quando o cão passou ao lado, ele lhe atirou o óleo fervente de uma panela onde se fritavam batatas. A casa irradiava medo, os filhos tinham marcas de maus-tratos e queimaduras de cigarro. Na cidade, todos temiam a força bruta, cega, daquele homem.

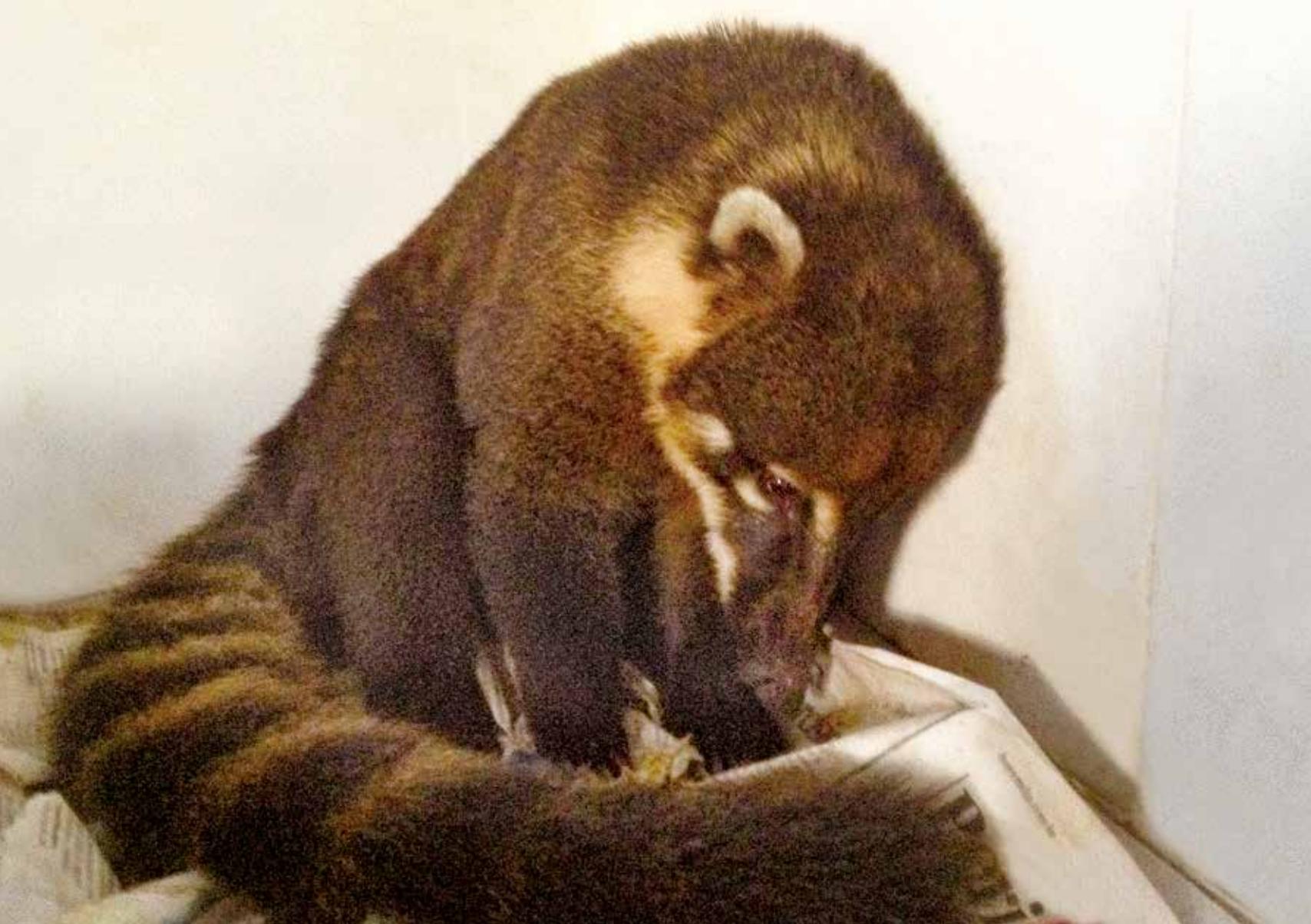
Foi longo o tratamento do cão sem nome. E o senhor só permitia irem à sua casa se lá estivesse. A certa altura o cuidador e ele chegaram juntos ao portão. A família não estava. Como o cachorro saltava de alegria para receber o dono, o cuidador resolveu comentar: *O senhor já percebeu como este cão o ama, como o recebe com amor?* O senhor, desconfiado.

Um dos trabalhos que o Setor Reinos faz é não julgar, nada apontar nem mentalmente. Acusar alguém não ajuda, apenas aumenta a carga do outro. Mas, naquela situação, ele sentiu que deveria falar: *Eu acredito que nem seus filhos o amam tanto quanto este animal. Aposto com o senhor: este cachorro levou seis dias para se levantar, mas acredito que logo veio recebê-lo no portão,*

como hoje. Aquilo penetrou no senhor. Seu semblante mudou, abaixou a cabeça, e os olhos marejaram. Chorou examinando o cão. Buscava na memória se assim fora. Cabisbaixo, desabafou sua infeliz vida infantil: o pai o havia tratado bem pior do que ele aos filhos. Justificava-se por ser o que aparentava ser.

Em duas semanas o senhor se transformara, como se sua alma tivesse tomado as rédeas daquela vida. Para reparar o passado, logo deu ao cachorro uma nova vasilha para comer e um cobertor. E permitiu aos filhos irem à escola, tornou-se evangélico, parou de beber e voltou a trabalhar.

Caso visse um cão precisando de ajuda, ligava: *Tem um cachorro aqui em tal rua.* Ajudava a tratá-lo, segurava o soro até terminar, levava animais para casa até se curarem. A ferida do cachorro curou a ferida dele. Os animais, os vegetais, a força do mineral ajudam na descida de uma alma humana. *Resgatando animais aquele senhor foi resgatado e virou resgatista,* o cuidador conclui. Atrás da face rude se escondera o Amor.



Quati, algo dele na gente

Ela diz: Pensamos entender de animais, mas, na verdade, cada qual é um universo singular contendo uma célula do Cristo. Eles têm mais facilidade de fazer a ponte até nós a partir dessa célula divina do que nós em direção a eles.

Nas conversas sobre fugas e cuidados, brotou a história de um quati. Aconteceu no Sítio dos Reinos. Exótico, é meio macaco, meio gambá, meio saruê, meio tamanduá. Fora atacado por cães, chegando com os lábios e o estômago feridos. Estava traumatizado, com muito medo. Tinha 1,20 m até a ponta do rabo, e o pelo era duro, fechado, marrom e preto. A tutora conta: *Fiquei hipnotizada. O brilho do olhar de animais da mata não é como o nosso. Parece que eles têm contato com algo que perdemos. O quati me olhava profundamente, mas não por fora. Tentava reconhecer o que eu tinha de melhor, tal qual um gavião uma vez me olhou. E me deixou constrangida.*

O casal nunca estivera diante de um quati. Soube que é bravo, os dentes como lâminas afiadas. Tratar a grande infecção abdominal seria doloroso. Havia sinais de estar entrando em septicemia e teriam de lhe dar antibióticos e anti-inflamatórios injetáveis doloridos.

Ela colocou luvas. Diz: A gente nunca sabe nada ao lidar com esses animais. Eu, imbuída de super-herói. Quando chegam, acho que posso tudo para ajudar. Não penso nas li-



mitações. Ela combinou com o companheiro: *Eu seguro, você aplica a injeção! Só que o quati me desarmou... Estava em um cantinho da sala de banho dos animais. Olhou-me como a dizer: "Você vai me pegar como?" Fiquei paralisada. Tirei as luvas. Fui chegando perto, devagar. Mentalmente enviávamos uma mensagem para ele: "Você precisa tomar duas injeções para sobreviver." Ele virou de costas, agachou, abaixou a cabeça e levantou a parte de trás. Tomou as injeções quietinho, escondendo os olhinhos com as mãos para não ver. Pensamos que o caso grave o deixara meio em choque, que quando começasse a melhorar não seria assim fácil. A mente da gente é um perigo, é terrível. A cada aplicação ele ajudava, repetia os mesmos gestos.*

Os quatis são fortes e grupais. Têm grande agilidade física, dentes de navalha, rabo que enrolam onde queiram se dependurar.

Em atendimentos rurais, os cuidadores conhecem incidentes de cães destruídos por eles, olhos e mandíbulas arrancados, feridas expostas. Os tutores dos cães falam: *Quatis? Têm de acabar com eles, olhe o que fazem!* O coordenador trava um diálogo: *O seu cão estava na própria casinha, e o quati chegou para atacá-lo? O tutor do cão diz: Não, foi lá na mata. E ouve: Ah, bom!!! Então o seu cão estava no lugar errado. Quatis são tranquilos, mas se defendem quando em risco.*

O quati, chamado Simão, observava todos os movimentos deles. Na hora de tratá-lo, explicavam: *Vai doar, mas não vamos segurá-lo, senão você fica tenso.*

Simão mesmo ensinava a forma de lidar com ele sem submetê-lo, com atenção e respeito. Os animais avisam quando não gostam de algo e não se deve insistir. Por isso custaram para limpar o sangue do nariz.

Ela prossegue: *Simão era civilizado no sentido de boas maneiras e educação. Comecei a cuidar do seu alimento. No jejum eu chegava com um banquete. A bandeja cheia de bananas cortadas, carne crua, ovos. Cerimonioso, primeiro observava o que estava sendo servido. Depois, ele sempre me olhava. Então comia devagar, com a delicadeza de um príncipe, com as mãozinhas iguais às nossas. Era sutil, educado, tão silencioso... Aquilo ia me tocando. Esse ser me ensinou demais. Eu lhe perguntava: "Quem é você que veio da mata?" Na verdade, ele estava fazendo um trabalho em mim. Aquilo foi aproximando meu coração ao dele. Eu pensava: "Um dia vai ficar bom e vamos soltá-lo na natureza. Ai meu Deus, como ele vai sobreviver? Gosta tanto de bananas..."*

As feridas estavam quase 100% cicatrizadas quando, uma manhãzinha, ela lhe trouxe a bandeja. Ele não estava na sala de banho. Tirara com delicadeza o forro laminado do telhado e se fora sem estragar nenhuma telha. Ao sair, ainda retornou para ajustá-la de volta. Ficou mal colocada, mas tentou. Deixou essa lição de gentileza, de reconhecimento. Era tão grato que os poupou de soltá-lo.

Viera para lhes mostrar que as coisas boas vêm, ficam por um tempo e passam. As coisas ruins também.



Cavalos renascidos

Detrás de um nome há uma história de amparo e proteção. Um nome surge com a intenção de produzir certo efeito, provocar um resultado. Eis três casos. O primeiro: uma cadela irrequieta, mas educada, foi nomeada de Peace, pois “*A paz tudo alcança*”. Segundo caso: uma bezerrinha acabara de perder a mãe idosa após o parto. Ganhou o nome *Wellcome*, com a recomendação: *Deve ser bem pronunciado!* Terceiro: chegou ao sítio uma égua inglesa explorada. Tivera momentos de glória na hípica, mas, ao envelhecer, até os óvulos lhe retiraram para reprodução. Precisava ser muito bem acolhida. É Benvinda. O nome a recepcionou, agasalhou, protegeu. As palavras têm poder.

O Sítio dos Reinos recebeu 4 dos 31 cavalos que puxavam charretes para divertimento turístico em uma ilha marinha, substituídas por carros elétricos. Trouxeram consigo doenças crônicas, desvios de coluna, ferimentos e sérios traumas gerados pela insanidade humana.

Anos antes, um rapaz de outro estado ajudara o casal a estabelecer uma nova conexão com outros dois cavalos resgatados. Neles reimprimira a pacificação. Em seguida à chegada dos da ilha, a tutora teve um sonho. Viu o rosto do rapaz. Olhava os céus a buscar algo além. Logo em seguida ele telefonou. Necessitava conversar, fazer contato com a energia dos reinos. E a tutora se pôs a indagar: *Como eu sonhara com ele, lancei uma pergunta para dentro de mim: devíamos convidá-lo para curar os novos cavalos? Resolvi aguardar, deixar a alma dele livre para agir a seu tempo.*

Ligeiro, ele veio vibrando pelo impulso interior de fazer o bem. Nada é por acaso. Justo no dia, o instrutor da comunidade enviou os quatro nomes para os recém-chegados. Um foi batizado de Salvato,

que significa: aquele que foi salvo. O outro, Renato, o renascido. O terceiro passou a se chamar Blando, que em espanhol significa suave. E o quarto, Pacífico. Os nomes auxiliaram a promover os renascimentos.

Espancados e subjugados, haviam esquecido como ser cavalos, segundo o rapaz. Ele ajudaria suas essências a emergir. Os tutores tinham fé de que a harmonia seria neles infiltrada, pois pisam em um solo sagrado. Ela relembra: *Foi tocante, um processo de oferta para Deus. Ele dava um toque, e o cavalo encolhia de medo. Em seguida, afagava-o. Por meio de cada um de seus gestos, ele ia refletindo o poder do amor.*

O tutor complementa: *O rapaz provocava que cada trauma fosse sendo a florado.* Trazia à tona as angústias recalçadas no interior de cada equino, conforme intervinha. Mostrava-lhe que já não precisava sentir pânico do contato humano, que estava seguro, que a proposta daqui não é a do animal se aposentar, mas ser como o Universo o criou.

Cada um tinha uma forma de expressar o nervosismo em relação às pessoas. Alguns contraíam os músculos em trismos de dor, às vezes com espasmos e sons aflitos.

O tutor se admira: *O bonito eram as massagens nas partes tensionadas e doloridas.* Cheio de cuidados, o rapaz distribuía delicadeza. Sabia o que cada parte do corpo representa. Foi trocando os registros negativos

de medo por registros positivos de carinho. De então em diante, os toques humanos não mais simbolizariam estarem sendo submetidos, mas amados e respeitados.

O jovem explicava os milhões de anos da linha evolutiva desses seres grupais, que corriam livres através de planícies. E que sua essência jamais morreu.

Por fim, selou os novos elos afirmando: *O mais importante vai acontecer durante a noite. A força poderosa da natureza dos cavalos vai se manifestar neles porque demos chaves para isso acontecer. Abrimos portas. Agora, o Universo saberá o que fazer. Amanhã acordarão menos traumatizados, mais dispostos a revelar os sentimentos originais sobre nós, os humanos. Assim desfechou: Demos os instrumentos para destrancarem espaços internos. Só precisam sonhar.*

O perdão natural

Alguns seres humanos imprimem dor em jegues e cavalos. Outros os curam. Vencer o sofrimento é uma vitória da grande batalha entre a fúria e a paz. Liberados, voltam a sentir confiança. Expressam ternura e amor um pelo outro, pelos homens, amor que traz alegria, une, amalgama, acolhe, irmana.





Bois, o despertar

Duas senhoras pararam para fazer um lanche em um restaurante da autopista. Amarrado a um poste no sol ardente, sem água, sem mãe, sem alimento, o bezerrinho as olhou. Ao lado, uma folha de papel balançava ao vento com a mal escrita frase: *Vende-se a R\$ 20,00*. Um bezerro era vendido pelo preço do lanche! Indignadas, conheciam o destino da criatura usada para satisfazer o paladar humano. Ligaram para o coordenador do Setor Reinos, que indicou resgatá-lo. Em seguida, pediram o bezerro ao dono, um velho conhecido, que o doou aliviado. Foram ao sítio acomodar colchões no porta-malas do veículo e retornaram para pegá-lo. O bebeção seguiu imperturbável, olhando a paisagem. Essa a história da vaca Serena, que leva uma vida amena em companhia de tutores, vacas e cavalos.

Ao mergulhar lentissimamente o próprio olhar no olhar de um boi, vê-se a tristeza de quem, como Cristo, conhece o próprio destino.

Os pais e numerosos irmãos de uma família vizinha criavam gado. Mas um deles não era semelhante a seus semelhantes. Demoliu em si o que a maioria dos homens faz desde a idade da pedra, herdado da tradição. Escolheu marcar pegadas em uma trilha preciosa e se tornou cuidador de flores para doação.

De seu vasto viveiro se derramavam buganvílias e rosas para a região e muito além. No jardim florido o ano inteiro, ele contou sua história.

A família se alegrava com o nascimento de cada bezerro, brincava com ele e lhe dava um nome. Mesmo tendo uma visão comercial, afeiçoava-se aos novilhos.

O cuidador de flores lembrou: *Um dia veio o caminhão do abatedouro. Eu vi. O gado sabia que iria para o abate. Bois e vacas eram chamados de um em um pelo nome. “Vamos entrar, Montanha”*. Iam. Cada um lançava um longo olhar nos olhos do pai, dos irmãos e entrava resignado, sabendo

do próprio fim. Único dos irmãos cuja sensibilidade não fora assassinada, naquele momento sua consciência se abriu. Da dor profunda surgiu a decisão: cuidaria de flores e de passarinhos. Viveu como um estranho no ninho. As aves andavam soltas atrás dele, uma galinha pequenininha branca, toda plumosa, sempre empoleirada em seu ombro. Um enfarte fulminante o levou lá para bem além, bem alto e longe. Tinha a galinha no ombro quando caiu. Deixou-a tomando conta dele e a ciscar a terra, como seus irmãos.

Vacas resgatadas pelo Setor Reinos, cada qual com sua história, tornaram-se grandes amigas. Rubi era uma delas. Mesmo sendo idosa, arrebitou a cerca, andou bastante para namorar e teve um bebê prematuro. Nunca fora castrada por ser arriscado já que 60% das vacas corre o risco de morrer da cirurgia. Ainda assim, fazendeiros comprometidos com a indústria da carne as castram para que engordem, e não se importam se elas morrem, pois as enviam ao açougue.

Rubi também quebrara uma perna e sofreu muito até desencarnar. Só deu o último suspiro após ver seu bezerrinho andar, sinal de que sobreviveria. Era sábado. De pé no ponto do curral onde isso se dera, o encarregado dos animais de grande porte relembra o fato. O grupo a envolveu com lençóis brancos. Como a retroescavadeira só fazia a cova na segunda-feira, havia tempo para o sutil se desprender e ir sendo reencaminhado pelo oculto. Graça, a enorme líder amorosa, e as

outras vacas participavam do processo. Mesmo sendo de diferentes raças, têm forte vínculo afetivo entre si.

Apesar de ser considerada pequena, Rubi pesava cerca de 450 quilos. O animal morto logo perde o brilho do olhar. Ela não. Na hora do enterro, nem sequer apresentava rigidez cadavérica. Parecia tão viva que, antes de carregá-la, o perplexo operador da retroescavadeira, habituado a enterrar grandes animais da região, pôs um espelhinho diante da narina dela para verificar se respirava. Homens e vacas seguiram Rubi em procissão até as antigas árvores. Contudo, as companheiras tentavam impedir a separação. Mugiam. Graça, Esmeralda e Concórdia choravam como chora uma pessoa, com engasgos e lágrimas rolando.

Na manhã do dia seguinte, foram levadas para o pasto, mas, ao retornarem, à tarde, de imediato se dirigiram para a cova a fim de prosseguir o lamento. Berravam, cheiravam, raspavam a terra com os cascos para desenterrar Rubi. Por fim, ali mesmo dormiram. Isso durou dois dias. *Nunca vi coisa igual. Eu jamais mataria um animal desses. Nem galinha mato, diz o encarregado, com reverência.*

Rubi morreu à noite. Na manhã seguinte, especialistas em abelhas da Comunidade-Luz chegaram ao sítio para recolher uma colmeia que, no jardim, oferecia riscos. Surpreendentemente, encontraram-na vazia... E contaram uma lenda oriental: *Quando um ser morre onde habitam, as abelhas se vão, guiando a alma que parte.*



As aves abrem com facilidade uma parte de nosso coração com a qual não temos muito contato. É como se cada uma nos ofertasse uma qualidade ou graça interior.



A real necessidade das aves

Aves ousam. Lançam-se em voos solitários ou grupais ao som da sinfonia de louvores que entoam dia afora. Nadam pelo espaço, nele mergulham, traçam círculos e espirais. Silhuetas voadoras planam entre nuvens, cortam o ar em setas decididas para alcançar o desconhecido. Constroem ninhos em ramos. Convidam-nos a segui-las com os olhos e o espírito para nos ensinarem a erigir ninhos celestiais.

Os pássaros chegam como um presente, diz a tutora. É a forma do Universo nos aproximar de seu reino para ampliar-mos a consciência do mundo e aprendermos sobre a unidade, que é Deus. Nunca imaginei estar tão perto deles, que vêm a serviço para nos oferecerem a oportunidade de conhecê-los. Sempre nos deixam um aprendizado.

Os animais sentem compaixão pelos humanos. Uma estudiosa respondeu por que surgem tantos nos desenhos dos *crop circles*: *Simbolizam seu perdão pelo mal que lhes causamos massacrando milhões diariamente. Através do perdão, avançam na escala evolutiva.*

Aves têm percepções mais sutis do que cães e gatos. Percebem como estamos e quem somos. Podem ser

curadas até por batidas de nossos corações, apenas por serem aninhadas junto a ele. Sua constituição física, penas, plumas, tem íntima ligação com o reino angélico. Isso permite a algumas, segundo revelado por budistas, vir a ser anjos, que não percorrem a linha evolutiva humana de reino após reino. No entanto, outras foram animais selvagens que encarnam como aves para aprender lições mais brandas. Como exemplo, um tucano pode ter sido uma onça.

À medida que o grupo se sutaliza enquanto lida com as aves e estuda sobre a vida material ou oculta delas, ele as compreende melhor. São cativantes! Têm expressões distintas e temperamentos próprios: sorriem e se assustam. Indagam com diversas formas de olhar.

Cada ave é única, e imensa a variedade de seus universos. No canto, na plumagem, na personalidade, no dia a dia. Por isso, o tratamento que lhes é ofertado também é diversificado. Conta-se com a ajuda de veterinários especializados em animais silvestres e domésticos. Também pesquisa-se em inúmeras fontes sobre a forma de segurá-los para não lhes causar

trauma, sobre com que alimentos supri-los, as características e personalidade de cada espécie.

Por vezes colocam no ninho um filhote que cai. A mãe está sempre alerta, pois na mata ou nos ares vários olhos os seguem, seja de animais, seja de gente. Ela conhece os alimentos específicos para o filho, engole-os, aguarda serem cozidos por enzimas e regurgita esse fogo de vida no biquinho esfomeado.

Perseverantes cuidados diários fazem a grande diferença. Diante da miríade de demandas, os coordenadores podem dividir e aprofundar as tarefas ao chegar um colaborador. Uma veio para cuidar de plantas e descobriu sua afinidade com as aves. Pelas manhãs ajuda na limpeza das gaiolas e lhes dá atenção, carinho, canta para elas, coloca-as ao sol, muda do sol para a meia sombra quando esquenta e as supre com alimento, pois comem o dia inteiro.

Zoahr, uma jandaia bebê, encontrada por uma monja na trilha de uma mata, só tem uma patinha. Parece uma pessoa, pelo jeito. Sempre alegre, desde cedinho anima-os, imita palavras. Certo dia a tutora a retirou do viveiro e a pôs sobre o coração da jovem, que conta: *Foi forte. Na hora surgiu um elo entre nós. Soube depois que está evoluindo para um dia ingressar no reino angélico.*

A tutora atalha: *Quando chegou, cuidei dela 24 horas por dia. De duas em duas horas lhe dava uma papinha específica para bebês. É da espécie jandaia-coquinho. Como nada vem*

separado, uns 15 dias depois chegou Judith, outra jandaia. Nomeada para criar uma personalidade mais definida, era brava, não permitia sequer entrarem com a mão na gaiola para trocar sua água. Mudou por completo desde que a jovem iniciou os diálogos com ela. Hoje as duas jandaias conversam, firmaram amizade.

A tutora tinha imensa afinidade com a maritaca Esmeralda. Certa manhã, ela a colocou para tomar sol, saiu de perto e ouviu os cães chamando: o viveiro caíra, abriu-se, a maritaca voou para o alto do ficus. Lá ficou. Ela, aflita: *Só tem um pezinho, temos de resgatá-la senão vai morrer!* Sem o pé, ficaria vulnerável a predadores.

Nisso passou um bando, ao qual Esmeralda se juntou. Diz: *Ela me olhou e seguiu o bando, mas por meses voltava ao sítio. O funcionário: “Corre, corre, ela está na árvore.” Vinha tranquilizar o meu coração: “Estou viva.”* O bando chegava, ela se afastava, ficava por perto e a ele se reunia no fim do dia. Esmeralda ainda lhe provocou outro conflito: *No curral, aproximou-se tanto que eu poderia pegá-la. Mas senti que a privaria da liberdade. Provara que conseguia sobreviver. A maritaca parecia se perguntar se preferia ou não ficar comigo.* Nas aves de rapina uma pata faz a diferença entre viver e morrer, pois precisam de patas ágeis e asas plenas. Não ela. E se foi, feliz.

De outra vez aconteceu o contrário. Azul, uma maritaca, fugiu. Do alto de uma mangueira a chamava pelo nome. Para ajudá-la a descer, conduziam um longo bambu até Azul, que o olhava e só queria

brincar. Por dois dias chamou a tutora, quietinha, no mesmo lugar, sem descer nem para comer bananas, acerolas e abacates do pomar. Queria estar "livre"! Finalmente se empoleirou no bambu e a colocaram no viveiro. Sem graça, parecia uma criança que fez arte escondido dos pais. Bebia água, comia, comia e olhava para a tutora como a dizer: *Fiquei com muito frio, muita fome e muita sede*. Ao ouvir a advertência: *Viu no que deu ficar dois dias fora de casa?*, a maritaca paralisou. Percebeu o perigo. Passa a vida a cantar e é amiga de Intin, o mico.

Angelino é um gavião do cerrado que chora se pararam de lhe coçar a cabeça. Chegou desidratado, via-se pelas pálpebras enrugando. Quando bebê, escondia-se debaixo dos braços do casal. Agora, adulto, grita de amor quando escuta a voz da tutora.

Salomão, o faisão, chegou por si só. Por meses rodeou o sítio. Insistiu até o compreenderem. Criado para servir de alimento dito sofisticado, conseguira fugir do ciclo da morte. Pedia asilo; portanto, o colocaram em um viveiro. Não pertence à fauna brasileira, é um galináceo exótico francês. A tutora relata: *O povo cria, mata, come e pronto. Um restaurante foi denunciado por servir galinha d'angola assada com a cabeça e o rabo empalhado de faisão! Por vezes usam suas penas, o rabo ou a cabeça como enfeite dos pratos. Que mundo é esse?*

Até receber alta, Leal, um pombo ferido, foi posto junto de Salomão que, feliz, se desafogou no canto.

Leal se curou e foi solto. Porém não quis ir embora. Catava carrapato dos bois como um gavião e criara tal dependência de Salomão que sobrevoava insistentemente o viveiro. Por fim, o deixaram entrar de novo. Não quer sair. Superamigos, ao entardecer, o faisão e o pombo dormem lado a lado no poleiro. Na verdade, o simpático e sociável Salomão atrai muitos outros pássaros. Chegam, o visitam e partem.

Falando de aves, ela reflete: *Tem gente arara, tem gente maritaca, tem gente papagaio, gente coruja*. Pergunto-lhe: *E você?* Ela sabe o que é: *Ah, não cheguei a nível de pássaro, ainda estou rastejando pela terra. Mas se fosse passarinho, gostaria de ser uma pequenina andorinha*.

Andorinhas são viajantes em busca de calor. Todos os anos se reproduzem no hemisfério norte e migram milhares de quilômetros de volta ao sul. Sempre em grandes grupos, vêm em setembro para anunciar a primavera. Bastante evoluídas, um dia irão direto para o reino angélico, sem viver a experiência humana. Ela explica: *Sobrevoam locais ofertados para tarefas espirituais. Silenciosas, desenham moldes invisíveis nos ares, vão plasmando no etérico a vibração daquilo que será erigido na terra. E só trazem alegria*.

Ao mesmo tempo que o tráfico de animais silvestres, cujo manejo e confinamento mata a maioria, é a terceira maior atividade ilícita mundial, o grupo abnegado aprende com os alados a ter asas para chegar aonde Deus escondeu a alma.



Asas envolvem e protegem
as Terras da Unidade.
O primeiro alado a chegar
foi Tantão, um tucano bebê.

Três tucanos: nada vem separado

Durante atendimentos no meio rural, o casal trata animais recolhidos por certa família com mínimas condições materiais. Lá estava um tucano fugindo de cães e gatos. A tutora relembra: *Parecia uma pessoa nos olhando de cima de um pé de laranja. Fiquei encantada. Fui embora, mas uma noite sonhei com um tucano sorridente me sobrevoando.* Quando lá retornaram para levar alimento para os cães doentes, ele continuava por perto, e a senhora lhe pediu o favor de levá-lo. Corria risco. Estava despertando a curiosidade de pessoas, e os animais o perseguiam. *Ai, meu Deus, um tucano!* Ela o aninhou em uma caixa de papelão e partiram. No carro, ele punha o bico para fora, os olhando alegre. E ela: *Fique quieto, estamos viajando.* No final já estava sobre sua cabeça. Ao chegarem, foi batizado: *Você é o primeiro animal da área. Vamos lhe chamar Tantão.*

No sítio, um senhor fazia um trabalho na solidão. *Nunca senti um silêncio tão profundo,* dizia. Tantão também fez um trabalho nele, que nunca havia cuidado de um animal. De início, levou susto quando a ave chegou.

Mas tratou sua gravíssima infecção intestinal. De pouco em pouco, foi a vez de Tantão curá-lo. Apesar de ele ser fechado, rígido em certos aspectos, só o chamava pelo apelido: *Tantão, meu filho*. O pai chamando o filho. Aonde um ia, o outro ia. Tantão vivia solto como um cão. Andava na cabeça dele. Conversavam. Pesquisava o que tucanos gostam de comer. Tantão ganhou uma suíte ambientada com galhos. Tinha horário para tudo. E o coração do senhor adocicou.

Logo vieram mais dois tucanos. O tutor comenta sobre essas aves vermelhas e azuis ou verdes e amarelas: *Gostam de carinho no bico e na cabeça. Do topo da cadeia alimentar, com “aquele bico cheguei” acreditam que o mundo é delas*. Os bicos levíssimos são irrigados de veias. Supersensíveis, perdem muito sangue se o machucam. Funcionam como um radiador que controla a temperatura para se refrescar quando bate o vento. Quando precisa de calor, põe o bico no sol para esquentar o

resto do corpo. Seu alimento diário equivale ao próprio peso. Come também por gula, daí a quantidade de fezes. São uns bagunceiros sem limite. Sujam e destroem tudo, tudo, papelão, madeira...

Ela conta como Shams e Angel chegaram. O casal tinha levado um cão para uma clínica, e o veterinário pediu que ficassem com um tucano atropelado, que perdera uma asa e o pé. Saíram com Shams, em árabe, raio de sol, fêmea assim chamada por causa do bico bem amarelo. Deu trabalho até ser curada. Só se reconhece o sexo dos tucanos por meio do exame laboratorial de uma pena, o que não fizeram. A tutora explica: *Shams era delicada, tão sutil, tinha um jeito feminino de balançar o bico, e Tantão ganhou vida a cuidar dela, a protegê-la. Passado um mês chegou Angel, que partiu rápido para o Céu de Maria. Talvez por isso ganhou esse nome. Material ou afetivamente, nada vem separado. Um animal da mata muitas vezes atrai outros*.

Voos de alegria

Tucanos são alegres e divertidos. Incitam as pessoas a manter o bom humor mesmo em situações tão desafiadoras quanto os bicos afiados deles. Tratados em poleiro ou voando pelo céu sem fim, elevam o ambiente, expandem corações sensíveis. Entretanto, de modo geral, pessoas creem que animais silvestres são agressivos e indiferentes ao reino humano. Esse preconceito precisa deixar de existir. Claro, pegos de mau jeito, reagem. Na verdade, os silvestres buscam um contato mais próximo conosco para levar sementes de nossa consciência a seus mundos e, assim, despertar, tornarem-se intuitivos.





Corujas são misteriosas aves noturnas. Dormem de dia, entram em atividade à noite.

Corujas, seres simbólicos

O casal acolhe aves feridas, sem pés, sem asas, desde que chegou à comunidade. Aves de rapina são tidas como agressivas; no entanto, todos gostam de estar com a gentil coruja Ansari, nome de um sábio sufi. Ao longo de dez anos constatam que o divulgado sobre as corujas, inclusive de forma científica, nem sempre é real. Por exemplo, conta-se que um tratador do zoológico de uma importante capital só consegue tratá-las de uma antecâmara, para não ser agredido. Nem sempre é assim. Ao contrário: tudo depende da intenção e da energia com que lidamos com elas.

Ansari era bebê quando fora trazida com bicheira, o peito aberto, os ossos expostos, e teve de tomar dolorosas aplicações intramusculares. Maior coruja brasileira, estriada de caramelo, branco e preto, seu nome popular é coruja orelhuda. Nunca cresceu muito, por jamais se ter recuperado do sério acidente.

Ave recolhida, mal se deixa ver na natureza, por isso há poucas fotos dela e falta literatura a seu respeito. A veterinária explicou que não poderia tomar sol. No entanto, espreme-se justo nos centímetros ensolarados de sua área sombreada por árvores. Isso,

há uma década. Mesmo a veterinária e a bióloga que acompanham os animais têm dificuldade em saber suas preferências alimentares, mas é alimentada com fatias de carne crua cobertas de pelo de cão.

Até se recuperar, Ansari morou em uma gaiola na sala da casa. Depois foi para o viveiro debaixo da mangueira, mas se habituara de tal forma ao contato humano que só comia com alguém presente. Quase falava: *Nem adianta pôr comida se não ficarem comigo.*

Um casal de corujas brancas monogâmicas, Alba e Esfera, viveu anos no Sítio dos Reinos, até uma delas falecer. Passada a semana, a outra morreu de tristeza. Uma não tinha a asa direita. Faltava a esquerda de seu par, que se colocava em frente da outra para protegê-la. De certo ângulo, pareciam uma só com o par de asas abertas. Criavam um símbolo de sua tocante união: *O que falta em mim se completa com o que você tem.*

Por verem na escuridão, povos antigos esculpiam um símbolo com três corujas em urnas mortuárias. Acreditavam ser sábias guias de almas para os outros mundos.



Para os animais se sentirem em paz, as pessoas precisam estar alinhadas, senão as aves gritam, os cães latem e brigam, os gatos miam, o pato fica bravo, vira ganso. Reagem sobretudo a quem os mata ou deles se alimenta.

Onofre, o pato-ganso

Surpreendentes notícias se desenrolam semana após semana. Uns vêm, outros vão. Chega o lagarto teiú Jacinto, que atinge até 2 metros de comprimento. Tratado, recupera-se, é solto. Chega a loba guará Mariana. Com tiros pelo corpo, está prostrada. Chegam mais aves: as patas Rosélia e Megui, o pato Tobias, o galo Lírio, as galinhas garnisé Ethel, Margot e Marguerite e seus filhotes Caio e Samir. *Galinhas têm humor, temperamento próprio, percepção quanto a nós e ao ambiente*, diz o tutor.

Para esse alvoroço de penas se mudou o irrequieto pato Onofre, que desde pequenino viveu com gatos. Entre o heterogêneo grupo alado, o tutor comenta: *Onofre está meio ressabiado...* As aves têm muito a nos ensinar sobre o amor. Aceitam-se sem disputas. Onofre se adaptou como se ali não houvesse outro macho alfa. Em geral, lutam com os pescoços enlaçados até definir o líder. Onofre fora o protetor do gatil. Com certeza assumirá o posto de guardião do novo viveiro, em paz. Tendo aprendido a ser o rei do gatil, saberá que é pato?

Para enriquecer a convivência entre as aves, a vida enviou uma bebê cinza-azulado, perdida da mamãe



garça. Deram-lhe o nome de Sutil e a integraram à turma. O tutor das aves observa: *Um doce, mas medrosa e bastante histérica*. Mergulhadora de águas correntes, tem um gosto sofisticado: gosta de comer filé de merluza. Na natureza, pega pequenos roedores e devora uma cobra inteira, a partir da boca para a cauda. O fino pescoço longo se alarga na passagem do réptil para o estômago. Mas essas não são suas melhores opções.

Bem, sobre Onofre: em certo dia especial, uma moça se aproximara da tutora com uma ave bebê amarelinha. Cabia nas mãos. Contava: *Vi um vulto no escuro, perdido na estrada à noite. Procurei, procurei, e não tinha onde colocar o patinho. Fique com ele...* No que a tutora sugeriu: *Olhe... faça a experiência... fique você com ele*. A tutora realça: *A gente sonha com mais pessoas interagindo com animais*. Contudo, a moça negou. Assim chegou

Sutil, um filhote de garça

Pequena filha do Universo, desgarrou-se do bando migratório por incapacidade de voar. Corria risco. Alguém passava com um cachorro e a encontrou sozinha, caída na borda de um eucaliptal distante do ecossistema de que faz parte: o lago da região. Seria presa fácil de predadores. Ave aquática, vive sobretudo de peixes, crustáceos e pequenos insetos da beira d'água. Tal como outros pássaros que vivem entre o céu e a água, Sutil foi encaminhada para as Terras da Unidade pelos anjos, alados como ela.

Onofre, com nome do santo eremita que viveu no deserto do Alto Egito.

O casal nunca tratara um pato, e o bebê foi posto no gatil, por ser telado inclusive no teto. Muitíssimo bem aceito, cresceu, tornando-se um arfante menino hiperativo. Nunca foi um pato bobinho. Atento ao entorno, ele se delicia com chuvas e banhos de mangueira. O tutor ri: *É meio brutinho, mas queridíssimo. Sempre foi ele. Como brincam as crianças da roça: "Eu sou eu em dobro, sou muito eu, sou mais do que eu."*

Onofre gosta de humanos, mas já lhes deu revoadas repentinas e assustadoras, rasgando até roupas. Isso os faz reconhecer: *Hoje não estou bem, vou sair do gatil, dar uma volta e entrar mais calmo daqui a pouco*. O pato é um termômetro, nosso termômetro.

Ela se encanta: *Quando Onofre fica nervoso, eu o ponho no colo e lhe dou um beijo, converso com ele. Entendo por que faz isso. Além de ser um guardião, é afetado por nossas ansiedades, e imagino o que se passa nele em relação às pessoas. Sua consciência-grupo sabe que elas consomem patos! Parece não nos ter perdoado totalmente. Falo com ele: "Eu amo você, dou milho, troco a água, entendo seu sentimento"*.

Hoje, no novo ambiente, quando humanos se aproximam, Onofre esquece as galinhas cacarejantes e a garça arrulhante. É como se nem existissem. Abana o rabo veloz, grasna e anda de um lado para o outro roçando o gradil. Pede colo.



Caído no solo da borda da mata, na natureza, o pica-pau Michael teria sido pego por roedores, caso sua vida não tivesse sido ensolarada pelo casal.

Pica-pau, ser mãe e pai de todos

Um processo delicadíssimo está para ter início. É noite. O cuidador pousa sobre a mesa uma caixa de papelão trazida no colo como um tesouro. Dentro, um pica-pau ferido. Nunca lidou com um pica-pau, mas há sempre a primeira vez. Lado a lado dos anjos, assiste aquele que veio em busca de ajuda e para dar lições.

Como o pica-pau estava no escuro, o cuidador abriu gradualmente a caixa para ele ir se adaptando à luz elétrica. Ficamos por perto para o visitante se acostumar com a presença humana. Está imóvel. Deitado, tem abertas as asas negras chamuscadas de caramelo, os olhos amarelos arregalados. Mexe ambas as asas, um bom sinal. Um cão ladra no outro cômodo. Bem baixinho, ele lhe assegura: *Calma, filho, está tudo bem, viu?*

Aves são sensíveis e reservadas. Muitas morrem no trajeto pelo estresse de viajar de automóvel. A tutora comenta: *É uma construção cuidar de tantas ocorrências desconhecidas. É uma Graça contatar e acolher seres tão diferentes. Um universo de maternidade e de paternidade se abre quando aconchegamos animais silvestres, o poder de ser*

mãe e pai de tudo o que tem vida. Nossa alma bate asas de alegria, voa bem alto quando depois reintroduzimos nas matas um animal silvestre que chegou traumatizado. Ou mesmo se alguns fazem a passagem a nosso lado.



É preciso estar afinado para lidar com aves. Quem tem pressa ou ansiedade atrapalha o curso do relacionamento gente-bicho. Elas se exaurem com facilidade. Leem, não apenas o entorno físico, mas o energético.

Para ingressar no mundo das aves, devemos decifrar códigos. O tutor olha para o pica-pau. Tira o olhar. Olha-o de esguelha, tira o olhar. Vira o rosto e dá pequenos flertes, o que demonstra não querer fazê-lo de presa.

Na natureza, o predador fixa os olhos no agredido para descontrolá-lo, deixando-o nervoso. O medo libera adrenalina, aguça os sentidos e principalmente a vista. E os olhos congelam. Piscar nessa hora é ariscado, é como desligar sensores. Pode ser fatal para a presa. Porém, algumas piscam como estratégia de autodefesa, forma de dizer: *Não precisa me atacar, eu me submeto.* Contudo essa linguagem pode ser invertida à medida que criamos um fio de contato com os animais. *Olhá-los nos olhos pode vir a ser a garantia de que tudo está bem. É como um decreto, no qual acreditam piamente,* afirma o cuidador.

Após olhar e desviar o olhar várias vezes para lhe assegurar que não é um agressor, ele introduz, suave e gradualmente, o dorso de uma das mãos na caixa.

Em dado momento, o pica-pau pisca, sinal de que começa a se submeter, a confiar. Pisca mais vezes. Afinal, cerra totalmente os olhos quando o tutor acaricia o topo de sua cabecinha com a parte posterior dos dedos. Esse é um dos segredos: animais consideram um gesto de ataque quando veem se aproximar palmas de mãos abertas. Outro segredo: como os predadores evitam atacar a cabeça, por risco de serem feridos por uma bicada de psitacídeos, seus alvos preferidos são o tórax e as costas. Em vista disso, o pica-pau não teme ser tocado na cabeça.

A observação exige paciência, o que pode levar ao amor. Com gentileza, o cuidador examina o corpinho emplumado. Vira-o de barriga para cima com as pontas das unhas, sem pegá-lo. Testa os reflexos das pernas, que nunca segura para a ave não se sentir acuada.

A princípio o quadro foi de estresse: andou de carro, teve contato com humanos, passou horas na caixa. Observa que não está desidratado, pois a pele em volta da pálpebra ainda não começou a enrugar. A coluna não está aparentemente fraturada. Pode ter tido uma lesão, uma ruptura. Caso esteja com hemorragia interna, será um quadro difícil de reverter. Devido ao tipo de sangue das aves, coagulantes podem lhes provocar embolia pulmonar ou problemas circulatórios.

O topo da cabeça é como uma antena. Para acalmá-lo, pinga ali, sobre as peninhas, duas gotas de arnica montana. O fitoterápico, um anti-inflamatório natural, provoca um efeito sistêmico rápido.

Molha depois seu bico com água. Ele aceita. Oferece-lhe gota a gota, pois, se inalar um jato maior, o pulmão pode ser inundado e ele vir a falecer de pneumonia. Deixa água em uma tampinha próximo ao bico. Então saímos para que relaxe de tantos estímulos e para dar tempo do remédio atuar. A luz da sala, mantida acesa, permite que se familiarize com o ambiente. Mais tarde, o tutor o coloca em um viveiro para passar a madrugada seguro. Agora, é aguardar o dia seguinte, quando poderá ou não prosseguir nesta vida.



O pica-pau passou rápido do medo para a entrega. Diferenciou a ameaça da disponibilidade para ajudá-lo.

É mais fácil lidar com aves do topo da cadeia alimentar, como o tucano, a gralha e, acabam de descobrir, o pica-pau. São menos ameaçadas por predadores que as pequenas, que vivem mais inseguras.

Alegres pela ave ter sobrevivido, no desjejum ouvimos ele passar as informações: *Pelo som do piado é um filhote. Fica mais seguro na caixa do que exposto na gaiola. Está semiparalítico. E esfomeado.* Não quis comer da seringa a papa com proteína, pois comem insetos na

natureza. Preferiu lambê-la do dedo com a linguinha parecida com a de beija-flores. Deu-a devagarinho para o pica-pau não ter choque glicêmico nem entrar em coma por receber muita glicose no sangue, pois pode acontecer o dito por Paulo de Tarso: *Não fazemos o bem que queremos e fazemos o mal que não queremos.*

Vou visitar o pica-pau. Está no quarto dos três pombos e da jabota. Deitado de barriga para baixo, grasna com força, bate as duas asas. Em poucas horas reagiu e adquiriu confiança com rapidez. Fecha os olhos amarelos ao receber cafuné. O tutor sorri e brinca com ele: *Com esse topete vermelho você lembra um punk. Ou usa um cocar indígena?*



Logo viajo, mas recebo notícias do pica-pau. Foi chamado de Michael. Um dia o tutor me avisa: *Michael não está bem. Tem insuficiência respiratória progressiva. Sereno, vai se apagando como uma vela.* O casal lhe assegura: *Fique tranquilo, se tiver de viver ou desencarnar, tudo estará sempre certo.* No dia seguinte, volta a me escrever: *Michael morreu conosco hoje pela manhã.*

Faltou ar naquele que flutua nos ares. Partiu sem dor, sem pavores, sem fome e com um contato amoroso com humanos. Como os homens são os deuses dos animais, é como se tivesse desencarnado nos braços de Cristo ou da Virgem Maria.



Uma casa para almas animais

Qual o mais importante trabalho pelos animais hoje e sempre? Cooperar para que evoluam, subam um degrau evolutivo da escalada para a individualização. Ou seja: favorecer para neles ser formado um núcleo de alma. Os animais farão sua experiência como humanos em outro planeta, não neste. Na Terra, cada espécie tem a sua alma grupal, e o grande conjunto delas é guiado por um regente tão esplendoroso que nem sequer habita neste mundo. Todo o amor doado aos animais equilibra o pavor sofrido por eles ao serem abatidos, e também se integra à alma-grupo da espécie. A matança desses irmãos é a impagável dívida cármica da humanidade, dívida que vem sendo equilibrada por pequenos atos amorosos e pela Misericórdia Divina.

S seja nas cidades, seja nas matas ou nos campos, violenta é a luta dos animais para sobreviver. Geralmente têm uma morte lenta e dolorosa. São agredidos ou comidos ora por outros animais, ora por seres humanos. Por sua ligação instintiva com a vida física, sofrem em demasia para cruzar a ponte entre a vida e a morte. Em vez de se entregarem, esforçam-se para preservar a vida.

As aves, “um à parte” do reino animal, soltam-se com facilidade. Têm mais contato com o mundo oculto e, por isso, menos apegos. Ainda assim, é importante estar na presença humana, recebendo orientações amorosas e eventuais toques físicos. No caso grave do tucano Angel, ele se foi sem dor, apesar de muito ferido. Retirado do poleiro para o colo, pois as aves são seres livres, partiu rápida e suavemente, uma vez que elas não têm convulsões finais, como certos humanos e outros animais.

Não é comum um animal ser acompanhado por um ser humano consciente que o ampare e o equilibre ao desencarnar. Contudo, hoje se organiza, no Sítio dos Reinos, uma casa para animais moribundos receberem os últimos socorros materiais e espirituais, nos

moldes do trabalho de Madre Teresa de Calcutá com moradores de rua. A tarefa é motivada pelo desvelo de Irmã Dulce para com os doentes da Bahia. O espaço tem o propósito de permitir que os animais tenham uma passagem digna e sem dor no silencioso ambiente orante protegido pela paz. Ali a relação entre animais e humanos é restaurada e acendem-se fogos nos corações.

Um abrigo sem médicos, sem enfermeiros e sem instrumental hospitalar, conta com a energia revigorante ali instalada. Um quarto é para o plantonista. O restante da casa, para os animais. A coordenadora fala: *Os maiores instrumentos desse abrigo são as mãos amorosas e firmes, o olhar atento e os corações grandes para sustentar as situações que chegam. Na hora da partida, temos de lhes passar muita confiança e a alegria de que a vida continua.*

Seres criadores angélicos e dévicos trazem animais humilhados e destruídos para desencarnar junto do grupo amoroso. Cada atendente age como uma alma e clama aos anjos e deusas para que sejam seus guias. O coordenador afirma: *Somos o componente humano. Tratamos os animais como pessoas, mas temos de estar vigilantes e pedir Luz para saber até que ponto interferir em atendimentos graves.* Em vista disso, mesmo ele não sendo vidente, por vezes percebe a presença fraterna de um anjo inspirando a condução prática.

Um agonizante foi trazido: Natanael, cujo nome significa *Deus deu*. O cão morava no lixão e teve a coluna lesionada devido a uma surra, perdendo as-

sim a perspectiva de caminhar. Parecia que estava para partir, mas resistiu. O amor ressuscitou seus expressivos olhos brilhantes. Paralítico, vive deitado em uma caminha macia coberta por um lençol branco, onde é virado para não ficar com escaras. O precursor ganhou uma mãe humana, a quem chama por incessante companhia. Ela o leva para tomar sol, limpa-o, dá-lhe comida na boca e medicamentos na hora certa, troca curativos, ameniza as fortes dores. Sobretudo conversa com ele e o alivia com carinho e massagens. Implora aos céus para a misericórdia se derramar sobre Natanael. Como a maioria dos animais, ele sente tensão enquanto a vida se escoava dos corpos.

Até para falecer é preciso ter força. É mais doloroso e lento quando se está enfraquecido. O animal deve ser alimentado, hidratado, estar sem dor, sentir-se amado. Apresenta uma melhora súbita, e vai. Moradores da roça falam assim: *Deus não gosta de colher flores murchas.*

O Setor Reinos aguarda almas afins com a profunda proposta. Um membro assegura com sorriso luminoso: *Elas surgirão para ajudar a implantar uma vida mais iluminada no planeta. Sei que estão atrás, na frente, dos lados!*

Voluntários acompanham a morte dos animais do grupo e de animais da redondeza, vacas, cães, gatos, patos, nas próprias casas onde eles vivem. Os assistidos se sentem seguros com um contato físico durante a partida, com o devido cuidado para não prendê-los por apego. O casal os anima e passa confiança para

cada um: *Vai em paz, eu o amo. Vai para o colo de Cristo. Maria, Sua Mãe, fez um céu só para vocês. Vai para o céu dos animais, lá vai encontrar muitos amigos.*

Há um mar de histórias a contar, mas alguns lutos são inesquecíveis. Uma gari pediu que a coordenadora retirasse um cão pele e osso do asfalto, visto que impediria o trânsito. O salsicha com cara de *dobermann* nem conseguia se levantar. Após longos cuidados, saiu da depressão e cativou a todos. Seu nome: Pacífico. Passou a acordá-la com um forte latido toda meia-noite, até ela o compreender: *Ele era um cão de guarda, ficou velho e ninguém mais o quis! Levantei-me e fui lhe explicar que ali já não precisava ficar guardando nada. Agora nós cuidaríamos dele.* A partir daquela noite, parou de latir. Ainda viveu cinco anos felizes mesmo tendo desenvolvido um tumor incurável no nariz, controlado por medicamentos. Foi um instrutor do amor. Ela diz: *Os animais amam a vida, assim como nós. Com ele aprendi a amá-la ainda mais.*

Uma manhã o tumor estourou. Inoperável, Pacífico foi medicado com um anti-hemorrágico, mesmo ela sabendo que o sangue não mais estancaria. Estava para partir; ainda assim sua vida palpitava. Ela a seu lado: *Fique tranquilo. Estou com você.* Cobriu-o com uma toalha e ficaram na sala. Ele em um colchão. Ela, com uma pilha de toalhas ao lado, lia um livro espiritual.

Como se amavam e estavam gratos um pelo outro! Ela lhe dizia: *Vai!* Os olhos grandes respondiam: *Es-*

tou bem, não vou. Impassível, bebia água e mais água. Por vezes ela tomava um chá. Passadas doze horas, já noite, o sangue ainda escoava. Alguns animais partem rápido, mas ele não cedia. Ela percebeu: *A morte está me trabalhando também.*

O companheiro tomou o posto dela. Pegou Pacífico no colo e usou fralda descartável para recolher o sangue. Adotou um discurso um pouco mais firme: *Se tiver de ir, vai. Se tiver de ficar, fica. Mas se libere desta tensão! Relaxe! Vou ficar aqui até você resolver esta situação.*

Era para o cão estar desacordado, mas o olhava mais vivo do que nunca, em contraste com a poça de sangue. Por fim passou a relaxar. Ele dizendo: *Para que sofrer? De agora em diante começa um processo de falta de ar, de falência dos órgãos.* Finalmente Pacífico olhou para ele, como a dizer: *Agora sim, vou.* Deu um uivo inconformado, não de dor, lamentoso. Era 1 hora da manhã.

Após desencarnar, cada animal é coberto por lençóis claros e deixado em um local tranquilo, sobre uma almofada. Ali fica oito ou mais horas, como também é recomendado para corpos humanos, tempo para a energia angélica e a dévica fazerem o trabalho de purificação e desprendimento do corpo. Ademais, eles enterram todos os animais cujo desencarne acompanham, mesmo os que atendem no município.

Ela reflete: *Um animal pode sair do animalesco e se realizar. Pacífico saiu do fundo do poço. Abandonado como lixo,*

realizou-se no amor. As pessoas não têm noção de quanto os animais respondem. Quisera termos tanta gratidão pela vida.

A Lei espiritual permite que certos animais reen-carnem junto de quem muito amaram. Seraphis, um pastor holandês preto sem nenhuma agressividade, morreu sofrendo demais. Tinha um jeito único de balançar a cabeça. Passados anos, uma cadela teve doze crias. Após castrá-los, a tutora sonhou que a veterinária lhe entregava um deles, dizendo: *Este nasceu de novo.* Ao ir tratar da ninhada, reconheceu o mesmo trejeito em um filhote brincando. Seraphis estava de volta.

Mesmo lidando com tantos animais, o grupo sente dificuldade em se acostumar com o sofrimento deles. Para que possam desencarnar lúcidos, evitam anes-tésicos que tiram a consciência. Só usam opiáceos

em casos extremos. Assim como para os humanos, o aprendizado final é espiritualmente importante. Animais levam uma síntese da própria vida, o que facilita a evolução dos que têm um princípio de alma e também a de sua consciência-grupo.

Colaborar nem sempre é reter a vida. É preciso ler cada situação. Ele diz: *O Alto envia indicações quando pedimos guiança e condução.* O grupo eutanasiou apenas três ou quatro animais dos milhares atendidos, e só quando teve total clareza. Aguarda o animal dar sinais, como no caso da tartaruga que chegou atropelada, com o casco estilhaçado e ovos dentro de si.

O último toque de amor pode reverter um passado de dor, mudar um destino, ajudar um ser a transpor portas da vida interna.

Catitas, o medo da solidão

Acolheram cinco catitas órfãos, do tamanho da unha de um polegar. Na natureza, os roedores se refugiam em folhas no solo das matas ou em ocos de árvores. A tutora os aconchegou em uma caixa plástica transparente. Os bebezinhos prematuros eram amamentados com um conta-gotas para substituir os mamilos da mãe, que ficam dentro da bolsa abdominal, como no canguru fêmea. Os irmãozinhos mamavam, depois se abraçavam e dormiam. Ela observando a rotina. Sempre unidos, brincavam para lá, para cá. Após dez dias, um entristeceu, entristeceu, entristeceu. E morreu. Ela o retirou da caixa. Os quatro prosseguiram aparentemente bem, até morrer mais um. Tirou-o. Os três estranharam, o procuravam. Ficaram mais tristes, nem brincavam, mas ainda mamavam. No dia seguinte, morreu outro. Os vivos o sacudiam. Quando ela o retirou, ficaram coladinhos em quieto luto, as cabeças baixas. Quando mais um partiu, o último se desnor-teou. Andava pela caixinha de um lado para o outro, buscando o irmão entre os panos. Arruinado, sentou-se cabisbaixo. Nunca mais olhou para cima. Só, o minúsculo ser permeado de tão grande amor desistiu de viver.





Grandiosos são os
humanos e inexaurível
é sua força de amor.

A colaboradora fiel

Ela veio de longe, centenas e mais centenas de quilômetros, para se ofertar aos reinos. Mas antes, com os filhos criados, abriu veredas em si. Orava por duas horas diárias, sozinha, entregando-se, até a verdade jorrar de uma fonte oculta: *Deus me comanda!* Pouco a pouco surgia um amor desconhecido pela vida, e nele decifrou sinais reveladores da urgência em realizar um trabalho voluntário.

A filha seguia seus passos. Ambas liam e frequentavam estudos espirituais. Em dado momento, reconheceram: *Há uma grande falta*. Até um livro sobre a energia Brill lhes provocar: *Energia Brill, Centro Aurora, do que se trata?* Colocaram a questão para um professor, que indicou procurar a resposta em escritos do filósofo espiritualista José Trigueirinho. Meses antes ela engavetara um pequeno jornal ganho de uma cliente: *Sinais de Figueira*. Sentaram-se e o leram: *É isso. É isso!* Como a vida é perfeita, em duas semanas recebeu um convite para conhecer a Comunidade-Luz Figueira.

Sentiu-se em casa. Daí em diante, ia daqui para acolá entre dois Centros de Luz, Aurora e Figueira,

e sua casa. Transpunha espaços externos e internos curando-se, até reconhecer um potencial oculto.

Na ocasião viu da sacada o precursor, aquele que lhe abriu o portal de amor aos animais: um gato amarelo sobre os telhados. Ela lhe comunicou mentalmente: *Se vier aqui, cuidado de você.* O gato foi. Sem demora muitos outros vieram se alimentar dos potinhos que deixava na varanda. Brigavam entre si até ela observar, havia algo a fazer: castrá-los. Castrou 50, mesmo os ariscos, quase sem contato humano. Nascia a insuspeitada afinidade. Ainda assim, precisava de algo mais. Determinada, deu o grande passo. Seguiu para o Sítio dos Reinos. Trouxe três gatos, deixando filhos, a neta recém-nascida, a mãe.

Espontânea e atenta, distingue com olhos de cristal a mínima necessidade: a pata inchada, o tumor que cresce. Afirma com convicção: *Deus colocou estes seres maravilhosos no meu caminho. E me trouxe até aqui. Dedico-lhes a vida de segunda a segunda, pelo tempo que Ele quiser. Caso eu fale em um tom mais áspero com um animal, retorno, coloco a mão nele e lhe peço perdão. No fim do dia, sem importar se estou cansada ou aborrecida, ajudo a pegar as vacas. Converso com elas e as chamo pelo nome de uma em uma. Amo cada cavalo! Faço o melhor que posso, unida ao Plano Divino. Sou grata pela liberdade de estar em paz.*

Absorta pela tarefa, canta e entoia mantras para os animais. Os gatos a surpreendem: amorosos, hipersensíveis, dependentes. Se alguém agitado entra no gatil,

reagem com saltos, derrubam a vasilha de comida, dão batidas incomuns, vomitam. Quando os vê assim alterados, observa que uma energia estranha entrou ali. Ela mesma ou um colaborador está desalinhado. Docemente percorre o cerimonial da reconexão: para, silencia, clama pelo próprio Anjo da Guarda, aos anjos do sítio, pede ajuda para a Mãe Divina e repete: *Sinto muito, me perdoe, sou grata.* Como cada gato reconhece o próprio nome, chama os que brigam. Param no instante. Justo ao sentir o cenário purificado, diz fraternalmente para os bichanos: *Vamos sentir o vento. Vamos viver em paz, ter calma.* Para si: *Quando falo com eles, estou falando também comigo mesma.*

Estar com o reino animal é uma troca. Pelas ruas, atrai cachorrinhos. Pergunta ao que chega fazendo festa: *De onde me conhece?* Dá-lhe um afago, uma palavra. Tocado pela ternura, ele prossegue sacudindo o rabo, por mais que tenha padecido com maus-tratos.

Personalidades humanas têm grande dificuldade em conviver entre si. Até nisso os animais são seus mestres: *Retribuem o carinho de um desconhecido com a mesma meiguice que o ofertam ao tutor.*

Ela se transforma para transformá-los. Diz: *Nunca pensei em trabalhar com animais. Fiz uma oferta que foi aceita, me atirei no abismo e descobri que sabia voar. Peço todo dia: Deus, me ensina a amar para eu aprender a Te servir.* Descobriu em si talentos desconhecidos e inusitados. Quantos outros brotarão da fonte oculta?





Viajantes ou almas errantes

Somos irrequietos
filhos do Cosmos,
espíritos a transitar
de planeta em planeta.
Quem vai leva um
pouco do que encontra
e deixa um pouco de si
por onde passa.

No ir e vir, peregrinos escreveram histórias no Sítio dos Reinos, mas Sr. Néelson o marcou como o mais desapegado.

Por três anos, junto ao grupo de serviço da capital onde ambos nasceram, o casal distribuía uma sopa deliciosa e pãozinho à noite para quem faz das ruas sua casa. Na fila havia até homens de terno, quem já roubou, matou. A um ela serviu quatro vezes. *É de graça?* Ela: *Sim, tome à vontade.* Ele rodeando até, afinal, anunciar: *Já matei, mas depois desta sopa nunca mais mato!*

É fácil conhecer o abismo, pois a tentação é violenta. A vida social estimula e aceita a adicção. Basta uma pequena abertura para a droga e de repente a pessoa se vê submersa no obscuro mundo ilusório.

Ex-presidiários que, exaustos da escuridão, migram de um polo para o outro, se aproximam do casal de quando em vez. Um, resplandescente de alegria, atingiu tal sintonia ao entoar mantras no jardim que pássaros silvestres foram atraídos. Giravam em torno, tocados pela sutileza cantante.

Em dado instante, indagaram ao casal, que já morava no Sítio dos Reinos, se ele acolheria um senhor que desmaiara por bebida no meio da ponte. Vendo-o chegar, ela pensou: *É o Cristo chegando*.

Sr. Nélsion falava baixinho, era educado, bem magro, o cabelo enorme. Tinha pouco mais de setenta anos. Trabalhara em Serra Pelada, em busca de ouro, e na Amazônia. Conhecera Irmã Dulce na Bahia e chorava ao se referir a ela. Devoto de São Miguel Arcanjo e sempre com um tercinho nas mãos, oravam juntos.

Ela se abriu como uma mãe para cuidar do Sr. Nélsion, que foi levado ao médico, tomava vitaminas, recebia visitas amorosas de membros do grupo. Ganhou roupas, mas manteve o mínimo delas. Ensinava a austeridade. Tinha uma filosofia de vida. Explicou-a: *Filha, sabe a pior coisa da face da Terra? O pensamento. A gente liga, ele dispara. Não é como a luz elétrica, que desligamos. Ela aprendia.*

Insistia em saber o que Sr. Nélsion gostava de comer, mas ele nada pedia. Doce, ela sabia, pois estava a sair do processo de bebida. Ele: *Já tive tudo. Agora não preciso de nada. Fui um homem que não usava duas vezes a mesma camisa. E nomeava relógios e roupas de marca.*

Ela quis saber sobre a vida dos viajantes: *O senhor viaja, fica com frio, com fome, como é isso?* Ele: *A gente caminha, caminha, e cai de cansaço. O corpo exausto nem sente. Caminho entre casas de religiosas, samaritanas, fran-*

ciscanas... Sr. Nélsion nunca casara. Apaixonou-se à distância por uma jovem que faleceu e, a partir daí, seguiu sempre além, pelo vasto, sem morada.

Os meses passavam. E ela lhe propôs: *O senhor viaja há tantos anos... Pare! Nós o ajudaremos a construir uma casinha para viver aqui no sítio.* Ele, pensando.

Um dia... pegou a enxada. Carpiu a horta, contente em mostrar ser um bom trabalhador. Ela, observando-o. Ao finalizar, veio para se despedir trazendo um saquinho com roupas. Ela entrou em sofrimento, não aceitava. Ele, paciente: *Filha, eu tenho de ir embora. Minha alma é igual a um pássaro. Preso na gaiola, morro. Tentando convencê-lo, ela ouviu a ordem: Se me vir na estrada, não pare, não pare! Que Deus lhe dê resignação para aceitar as coisas.* Ela, inconformada: *O senhor é um viajante egoísta! Seu vício é viajar, ir para a aventura. E suas roupas?* Ele: *Um viajante não carrega peso.* Ela: *Não faça isso comigo!* O companheiro a ajudava: *Solte, solte.* Ele: *Filha, cada um carrega sua cruz.*

O casal o deixou na encruzilhada. Ela lhe entregou uma sacolinha com lanche, colocou um dinheiro no seu bolso, amarrou uma medalha de São Miguel Arcanjo em seu pescoço e lhe deu um forte abraço. Ele iria para as samaritanas. Ela insistindo: *Avisa quando chegar?* Ele: *Aviso.* Ela, apegada: *O senhor volta?* Ele: *Volto.* Ela não olhou para trás. Ele nunca retornou. O navegador solitário partiu, deixando a lição do nada querer.

Pouco tempo antes chegara um ex-presidiário que ela veio a amar como a um irmão. Ele se apresentara como um adicto e traficante que fora muito rico. Mostrou um carrinho de brinquedo amarelo dizendo ter tido um igual, importado.

Uma noite lhe contou do submundo, sobre as alas que comandava quando encarcerado no presídio de segurança máxima. Pediu desculpa, pois sabia que ela não dormiria bem à noite. Mostrou a tatuagem da prisão, um mar, umas pedras. Matara mais de uma pessoa. Uma saga. Ela, quieta: *Vamos deixar o passado e observar quem você é agora.* Naquela noite, teve pesadelos.

O ser humano tem em si a escuridão e também uma luz inimaginável. Repleto de força e energia, avisou que sua cura é pelo trabalho e escolheu ir para o pomar.

Ela apenas lhe pediu que fosse contatando as árvores, porém ele ressuscitou as frutíferas. Modelava coroas de matéria orgânica em torno, conversava com elas. Um dia a chamou, emocionado: *A poncã falou comigo. Disse que só podia dar três frutos porque estava fraquinha, mas agradecia.* Trazia os três, um para ela, outro para seu companheiro, o terceiro para ele próprio.

Hoje é pastor. Despediu-se por sonhar ter uma boa esposa e família. Ela: *Vá, mas nunca mais se envolva com as coisas do mundo.* Ele: *Fui guerreiro da escuridão, mas me tornei guerreiro da luz. O que precisar, me peça.*

Manteve contato com ela, ligava de vez em quando. Dois anos depois a campainha tocou. Trazia o irmão rebelde para ela cuidar, advertindo-o: *Ela é das bravas boas.*

Ele se tornara pastor para trabalhar com adictos que almejam sair da rua. Também o irmão quis deixar uma obra no local. Ligou para o pastor pedindo dinheiro, comprou o material e fez uma cruz de braços iguais entre quatro bancos.

Da turbulência violenta do mundo, ainda chegaram outros jovens, como um espanhol sonhador. Tocava violão. Ia almoçar de gravata e calça de saco. Amarrava o cabelo enorme para trás. Eles brincaram: *Menino, este cabelo seu é um ninho. Se perder alguma coisa aí dentro, nunca mais acha. Libere esta energia do passado.* Passaram-se meses até ele elaborar aquilo. Enfim, disse: *Corte!*

Ela completa: *Essas adicções são pouco se comparadas a nossos erros ao participar da rebelião que feriu o Cosmos. Servíamos à Luz e um dia nos sentimos superiores, não aceitando mais a vontade de Deus. Mas muitos, tendo saído do breu, nunca mais querem retornar.*

Nesta aventura celeste do insondável Universo, a misericórdia resolverá tudo. No porvir, a pureza dos viajantes cósmicos será resgatada. Assim o destino quer.



A trajetória de três
buscadoras ardentes
colabora para que o
Céu permeie a Terra.

Um golpe na pureza infantil

Três buscadoras que almejam o espírito travaram, no refeitório, um diálogo sobre gostos e desgostos da vida infantil. Uma relembrou um episódio dos anos 50, em que sua mãe tentara ensiná-la a matar uma galinha. Instigada pela história, outra trouxe à tona uma ferida antiga. Tinha oito anos quando, nos anos 90, deparou-se com uma verdade crua. Reviveu o fato com interjeições de susto e o semblante de pavor.

Brincava com a amiga na cortina de eucaliptos, quando ouviu gritos de um porco pequenino. Berrava, grunhia altíssimo. Perguntou horrorizada: *O que é isso?* A amiguinha, com a sensibilidade anestesiada por conviver com o costume tradicional desde o nascimento, explicou: *Hoje vamos comer porco, vamos comer costelas.* Soava como se aquilo fosse algo especial, uma comemoração. Nascida de mãe vegetariana, a menina ouvia algo insano: *Comer costelas...* Naquela família ingeriam carne vermelha, mas o dia do porco era distinto. Era um oh! A amiga a chamar: *Vamos lá, vamos lá.*

Para aprender algo, ela precisava assistir àquilo...
Correram na direção dos urros. O pai e o irmão da

amiga agarravam o porquinho pelas patas. As mesmas pessoas que a levavam do centro da megalópole para o campo, que a resgatavam da vida urbana, eram personagens da cena brutal.

Tensa e com a fala acelerada ela prossegue: *O porquinho se debatia horrorizado. O pai gritava para o filho de 13 anos: “Enfie a faca na garganta, não erre!” O garoto errou. Estava sendo obrigado a fazer aquilo? O porquinho, de cabeça para baixo, debatia-se sangrando. E o que se passou foi monstruoso. Tinham preparado um balde com água fervendo para colocar o porco morto. Mas o jogaram vivo!*

Na hora, a menina entrou em um silêncio sepulcral. Da ponta da longa mesa de campo, observava a família a comer. Não conseguiu provar nem as batatas. Estava em choque. Não sabia que matar faz parte do currículo da educação infantil de algumas famílias. Como ela não estava bem, retornaram para a cidade.

Permanecia semiparalisada, talvez pálida, sem palavras, quando a mãe a recebeu: *Que cedo, cinco da tarde. O que lhe aconteceu?* A menina: *Eles mataram um porco na minha frente.* A mãe, que percorre o caminho da irmandade com todos os seres vivos, a compreendia: *E você?* Angustiadada, a criança se lançou em seu colo na urgência de amenizar tanta dor. Chorava, sofria pela dor do porquinho, que é a amarga dor do mundo: *Foi horrível, horrível!*

Sem hesitar, a terceira buscadora contou sua história acontecida no início do segundo milênio depois de Cristo. Era psicóloga na creche de uma favela. Acom-

panhava 320 crianças paupérrimas e carentes, na faixa etária de até seis anos. Mesmo com hiporexia por carência alimentar, separavam os pedaços de carne de seus pratos e os atiravam debaixo da mesa. As menores se recusavam a comê-los, o que chocava alguns professores.

Na vida sagrada tudo está unido. Pouco tempo depois, a prefeitura enviou para a escola três cadernos de alimentação natural com instruções para reaproveitarem cascas e bagaços. Em seguida, substituiu a carne por soja, ovos e leite. Logo o leite de vaca foi trocado por leite de coco e de batata doce.

O coração da psicóloga se maravilhava com os milagres diários. Com acesso a outro tipo de alimentação, as crianças mantiveram suas preferências sem sofrer discriminações. Além disso, tiveram a oportunidade de ser diferentes dos pais.

Por sua vez, ela veio a ter um encontro mais verdadeiro com os pequeninos. Podia agora lhes dizer que também não se alimentava de carne e de laticínios. E os coraçõezinhos inocentes se relaxaram. Unidos à dor animal, ajudam a parar o derrame de seu sangue. Nos quatro cantos do mundo, nascem crianças mais evoluídas que promovem a transformação do planeta.

Ao se romper com estruturas retrógradas e insensatas, um fluxo celestial faz mudanças ocultas, como a promovida pela Prefeitura da metrópole.





Ela nunca teve medo
de morrer.

Três oportunidades

No que o automóvel capotou na estrada de terra, o motor rachou ao meio. Perda total. De cabeça para baixo, ela abriu a janela, soltou o cinto de segurança e saiu engatinhando, ilesa, sem um arranhão. Estava sozinha. Fixava os olhos nas quatro rodas para o ar ao dar o telefonema, balbuciando bem devagarinho: *O seu carro bateu, amassou um pouquinho, estou bem.*

Ela relata: Senti ser puxada para um lado e joguei o volante para o outro. Não foi o primeiro capotamento da minha vida. Tive três. Um com seis anos, outro com 18 e este. Espero que seja o último. Renasci três vezes. Aspiro a ter novos renascimentos, mas de outras formas. Prossegue: Nunca uso o cinto de segurança em estradas de terra, mas, naquele dia, parei e o coloquei a uns cem metros do acidente, logo antes de um trilho de trem. Sem o cinto talvez não estivesse aqui. Enquanto o carro virava, viu um ovo de luz transparente em torno de si. Do ovo ela emergiu para comungar com o coração oculto de cada forma de vida, com a Realidade das essências cósmicas.

Uns dias antes quisera trocar o nome de batismo por um que impulsionasse sua tarefa com os Reinos



da Natureza. O acidente deu o impulso. Daí em diante assumiu um nome aramaico, idioma falado por Jesus.

Residentes da comunidade, atentos em tratar de quem oferece tantos cuidados aos reinos, imediatamente a convidaram para entrar num retiro espiritual. Então teve um sonho explicativo: *Revi o carro parado antes do trilho. Uma velha índia de cabelos brancos soltava fumaças, rodava, dançava ao redor dele. Fazia uma pajelança dizendo certas palavras para me proteger e me inspirar a colocar o cinto. À direita do veículo, um senhor com uma*

Devoção que regenera

As flores do manacá e as do saião em esplendor nos levam ao encontro do grande mistério da natureza, onde tudo se renova a cada instante. As duráveis flores grupais do saião crescem em cachos lado a lado. Símbolo de devoção, as campânulas se inclinam para o solo em reverente humildade diante da Consciência Universal. Durante o ciclo vital, o manacá emite três cores: a branca, a lilás e a roxa, que simbolizam o tempo da juventude, o da fase adulta, o da maturidade. Assim como essas flores, a devota protagonista deste capítulo trocou de energia e cores em três momentos da vida.

blusa social, também de cabelos brancos, me olhava impassível. Aquilo me deu medo. E pus o cinto.

Seu primeiro acidente aconteceu na infância. O chofer dormiu no volante, provocando a queda do veículo em um bosque de eucalipto. Ficou presa entre as ferragens, também intacta. Quando afinal a deixaram em casa, a mãe, aflita, exclamava: *Ah, filha, filha.* A criança só disse: *Não me pergunte nada, eu não vou responder.* Ficou muda por uma semana, elaborando o trauma. A mãe a levou ao médico. Ela relembra: *Quando ele me apalpou e eu disse ai, concluiu: “Já está falando, pode levá-la de volta.”*

Aos 18 anos, assim que o automóvel capotou, vira a própria vida como em uma fita de filme, do momento em que fora retirada da mãe, no parto, até aquele dia. Na hora, sua vida mudou. Depois arrastou a irmã para fora do carro. Conta: *Um clic abriu um espaço na minha mente. Em segundos vi slides, como de retroprojetores antigos, unidos em uma fita perfeita. Pensava: estou vendo meu nascimento, minha infância.* Na época nada sabia sobre a passagem do filme da vida antes de desencarnarmos. Apenas anos depois, em estudos sobre experiências transpessoais, soube ser isso normal na hora da morte.

Ganhou três oportunidades: uma na infância, uma na juventude, outra na idade madura. Ela fala: *Tinham de acontecer, foram purificações cármicas. A mais forte parecer sido a última. Coincidiu com a troca do meu nome para eu dar passos mais amplos.*



Retiro, um convite do silêncio

No centro de cada homem, de cada animal, de cada planta, de cada célula e de cada átomo, há uma completa quietude.

Paul Brunton, no livro *Ideias em Perspectiva*.

O silêncio da área convidou-os a implantar o retiro, uma das vias de cura para a alma. As Terras da Unidade doam esse serviço para que irmãos de caminho possam ser beneficiados por um período de restauro.

O afastar-se do cotidiano facilita abrirem canais em si. Ao comungar com a silenciosa energia fervilhante da natureza, podemos atingir estados profundos e mesmo contatar reinos mais vastos. Um buscador ao encontro do Eu cerra os olhos. Sente saudades do Sem Face. Quer subir acima e longe de tudo, em direção ao cerne infinito além do espírito.

Ela estava à beira do fogão quando, inesperadamente, a senhora vestida de branco vinda da Casa Luz da Colina entrou. Anunciou: *Temos três horas para preparar o quarto de retiro*. Ainda tentou postergar o impulso ardente: *Vamos preparar um chazinho...* Mas a senhora, que já fora tocada por planícies ensolaradas durante a simplicidade curadora de retiros, estava decidida. A hora era aquela: *Tomaremos o chá no quarto*.

As duas agiram. Subiram a escada. Ordenaram um ambiente limpo, livre de supérfluos, para os futuros



peregrinos mergulharem no vazio. Deram toques delicados: a bandeja, a toalha branca. No alpendre deixaram um sininho sobre uma pedra, símbolo do Chamado Maior. Em vez de bater à porta, ela o soa com ternura ao deixar refeições leves sobre a mesinha.

Passada uma semana, entrou o primeiro buscador. Hospitaleira, percebe o que cada novo retiro de três a dez dias traz: *Fico disponível e em contato com a alma de quem chega com sede de algo*. Cada retiro é uma experiência diferente e única para aquele indivíduo, naquela altura, e para todos. Ao chegar, instala-se um padrão mais sutil de harmonia na área, um campo de silêncio, um vórtice de interiorização. Até os animais entram no canal. Ficam caladinhos ao sentirem al-

guém mergulhar em seu eu essencial. É uma fase de mistério. Nela se imprime a alegria de servir, e tenta adubar o valioso percurso do irmão.

No que o buscador trilha para o sutilíssimo dourado cristalino de paz, além das cortinas, a calma se instala. O silêncio vai se tornando quase físico. A mente clareia. O coração recebe lições do invisível. Um lacre se abre, e a alma vislumbra o lá atrás perdido. Em um lapso se torna ar, flor, estrela, mar, espírito. Se tocada, passa a vida inteira ao encaicho do que provou um dia.

Quem tem intimidade com a energia do retiro, até em meio ao tumulto a contata: basta fechar os olhos, observar a respiração e mergulha nas profundezas de si.

Um sopro para todos

O ar é vida, dá volta ao mundo, passeia por pulmões. Irmão sutil, exala fragrâncias e conduz sementes e partículas. Ora é brisa, ora é vento, ora é vendaval. Ares puros ou poluídos fluem por artérias do espaço. Mudam de rumo para atrair as águas ou para transportar nossa existência por vias desconhecidas. De que profundezas o ar vem? Para onde vai? Quem sabe? Surge de um lago cósmico, do logos, da essência do não-tempo? Símbolo de entrega, é livre, quase imaterial. É o sopro divino no rosto.



2ª PARTE

AMAR, ETERNO AMAR



O setor Eu Sou

Sentados em um banco sob eucaliptos, ouvi-o derramar reveladoras lembranças salpicadas ao longo de três décadas. Por cá, para lá, monges de hábitos brancos e castanhos transitavam na brisa solta, em quase silêncio.

Desde o início dos anos 90, após certa estrutura da Comunidade-Luz Figueira estar formada, uns poucos animais integraram gradualmente seu cotidiano. O primeiro, um belo cão de grande porte, chegou sozinho. Traria uma lição relevante para nutrir a consciência grupal de buscadores dedicados a construir uma vida integrada entre o visível e o invisível.

Chamado Anu, como a ave tão preta como ele, o cão percebia a energia dos humanos carentes de companhia animal e manipulava-os à vontade. Tornou-se a criança sem limites da casa. Era mimado. De repente sumia. Retornava sujo e caído. Aquele que observava a situação com neutralidade foi consultar Trigueirinho e de imediato recebeu a incumbência de zelar pela vida animal da comunidade. Ouviu, também, a instrução: *Fale firme com Anu, ele precisa entendê-lo.* O responsável

obedeceu. Ajoelhou-se diante do cão segurando a coleira e, olho no olho, deu-lhe duas opções: *Ou você entrega tudo e segue as regras do Centro ou vai embora. E não reapareça.* O visitante se alimentou de um quitute na palma da mão estendida, deu meia volta e nunca mais se teve notícia dele. Surpreso com a eficácia da comunicação, o servidor constatou a profunda responsabilidade de quem é nomeado como canal de certa tarefa e quanta ajuda interna lhe é prestada.

A meta sempre foi impulsionar a evolução de cada animal. Jaya e Naka, dois inteligentes e brincalhões irmãos boxers, foram adotados em seguida. Alimentavam-se de frutas, repolho e nabos crus, tendendo ao vegetarianismo. Pouco depois vieram os amigáveis e sérios irmãos da raça Akita Inu: Vis, Nuk e outro, preto, também chamado Anu. A conduta do dócil Nuk se destacava. Alcançou um comportamento evoluído. Exprimia elevação e controle do aspecto instintivo e sabia se conduzir sem ser muito ensinado.

Todo cão tinha um responsável. Da época, foi guardada uma listagem com minuciosas recomendações

tanto para o tutor quanto para quem o fosse ajudar no trato dos canídeos. Foram selecionadas algumas.

Trocar a água de manhã e à tarde. Dar aos cães duas refeições ao dia, acompanhando-os até terminarem de se alimentar. Não lhes oferecer alimento fora do local e dos horários das refeições. Só lavar o piso dos canis quando necessário e, durante a lavagem, não os deixar pisar no sabão nem molhar as patas, pois a umidade e os produtos químicos podem provocar fungos e afetar certos órgãos internos. Escová-los diariamente, lavar e enxugar patas sujas de barro e protegê-los contra moscas, passando um pouco de citronela nas orelhas e espalhando no pelo o que sobrar nas mãos. Ao passear com eles, evitar aceiros e porteiras, levá-los aos pomares e à colina, não os deixar passar em mata-burros quando conduzidos em coleiras, ter cuidado com tratores, ferramentas e soluções químicas e, ao término da caminhada, verificar se têm ciscos nos olhos, espinhos nas patas, cortes, e, se for o caso, providenciar tratamento. Não ameaçá-los com objetos, mas explicar o necessário com palavras curtas e claras. Como são muito curiosos e de temperamento emotivo, não exagerar em agrados. A listagem incluía observações específicas, tais como: Jaya come mais, Naka tem medo de tempestades.

Em dado momento, devido ao constante abandono de filhotes em frente a porteiras, manifestou-se

um serviço para acolhê-los. Nascia o setor Eu Sou, experiência pioneira organizada para o reino animal.

Base de treinamento e reflexão sobre a lida material e espiritual, cabia a seus integrantes, além de apoiar os do grupo, socorrer animais domésticos e silvestres acidentados da região, tais como pombinhas, tucanos, veados. Não atendiam inúmeros casos, mas se dedicavam a todos com profundidade.



Almas puras se uniram para a execução do Plano Divino, e cada uma contribuiu com sua parte. Encontravam Deus em cada latido, em cada pio, em cada rabinho que balança, em cada sorriso, pois para Ele não há o grande nem o pequeno. Para Ele tudo é visto que está no pequeno e no grande.

A aprendizagem harmonizava o excesso emotivo humano extravasado em animais. Os colaboradores também se treinavam para acompanhar, na hora terminal, os seres acolhidos. Veterinários deram início ao primeiro trabalho voluntário de castração. Além disso, houve, no setor, um período em que se preparava o alimento diário dos cães da comunidade. Um transporte recolhia as marmitas marcadas com o nome de cada qual e as distribuía de fazenda em fazenda.

A presença de galinhas d'angola e de gansos suscitava encantamento. Ainda hoje, gansos agitam as asas

brancas, guardam a área e sobrevoam lagos de uma fazenda. Vivem até 50 anos. Símbolo dos que compartilham uma meta comum e, seguindo um caminho comunitário, lado a lado avançam mais rápido e com mais facilidade, essas aves se apoiam e se protegem mutuamente.

A respeito de gatos, optaram por não tê-los pela dificuldade de educá-los quanto a não matar aves. Assim, os que se aproximam são tratados e reencaminhados.

Sob nuvens soltas flutuando no límpido azul, dois potros festejavam no paraíso de um pasto. Como precisavam receber nomes, surgiram dois. Mas qual para qual? O responsável examinava-os da cerca. Com o próprio ser unido às essências equinas, tirou do bolso o papel, leu um dos nomes e gritou-o. De imediato um alegre potro galopou em sua direção e lhe ofereceu a cabeça ao afago. Era Pajas e, o outro, Payán, batizado em seguida.

Os bois amigos Acamar, Altair, Canopus e Mizar decidiram fugir. Ao encontrá-los em um belo lago, o cuidador pensou quanto aquele espaço silencioso e puro seria ideal para retiros espirituais devido à presença de todos os reinos da natureza.

Anos correram, e as terras vieram a ser adquiridas. Nelas se implantou uma extensa casa verde conhecida como Núcleo Sohin, hoje Núcleo Coração Sagrado, onde ocorre um profundo trabalho de cura. A casa

de retiros foi erguida justo no ponto do pensamento premonitório.

Para seu odor não espantar animais silvestres, cachorros domésticos foram transferidos para outras áreas. Então, pacíficos lobos-guarás de matas preservadas subiam mansamente as rampas. Alimentados com frutas, brincavam como cãezinhos: só não aceitavam ser tocados. Davam voltas alegres levando na boca almofadas de cadeiras da oca indígena, erguida em meio a um eucaliptal como Sala de Oração. Ou mesmo se sentavam quietos próximo a um orante de olhos fechados. Ao sentirem a presença do lobo, uns abriam suavemente os olhos e os pousavam nos do canídeo. Outros se assustavam.

Por fim o trabalho foi direcionado para a Casa Luz da Colina, e o Sítio da Estrela adotou alguns animais. Ainda, cães, gatos, aves, jabotis, bois e cavalos com tutores continuam a habitar na comunidade.

Recentemente um dos monastérios locais ganhou algumas aves anilhadas: araras, papagaios de diversas regiões do país e o tucano fêmea Maria. Como seus gritos ásperos, *rraaak*, incomodavam alguns orantes, a maioria delas foi transferida para as Terras da Unidade, menos quatro. O papagaio Celeste roda solto entre casas, matas e morros com a irmã de criação amea-

çada de extermínio, uma arara-vermelha com asas azul-celeste. Atraente, mas de temperamento instável, ela pousa em braços, pica sapatos, parece brincar e de repente pode bicar. A fim de nela encarnar a doçura, teve as letras do nome invertidas de Raul para Luar.

Outras duas araras-canindé azuis e amarelas viviam soltas entre varandas, jardins e arredores do monastério: Luz e Anyum, que significa amor no idioma mapuche do povo indígena de regiões do Chile e da Argentina. Criadas em cativeiro, esvoaçavam de modo inábil e inseguro, razão pela qual um cão forasteiro entrou na saleta delas e conseguiu atacar Luz. O susto pela presença inesperada e a inabilidade em voar tornaram-na presa fácil. Socorrida de um furinho aparentemente superficial na região do peito, não recuperava, apesar de tratada com essências florais e medicamentos alopáticos.

Uma manhã, ao remover a cobertura do viveiro onde, como proteção, ela dormia, o responsável deu com suas penas arrepiadas, a cabeça baixa. Ao retirá-la para ser levada à clínica veterinária de uma cidade vizinha, o companheiro e protetor Anyum ficou bravíssimo. Berrava estridente, inconformado, apesar do cuidador tentar lhe explicar a urgência do caso.

Após inúmeros exames, finalmente se descobriu que Luz tivera o papo furado e entraria em cirurgia. Nesse ínterim, na sala de espera, era fotografada por atendentes e passantes: *Que linda!* E se empoleirava

em ombros, provocando exclamações. Porém, ele se despedia. Aguardava a intervenção quando, horas depois, gritou de dor, vomitou sangue e partiu, apesar de toda a assistência de especialistas em aves.

Luz retornou para casa sem vida e foi enterrada sob copas de árvores antigas. Anyum não viu o corpinho morto, mas assim que o responsável foi até ele, expressou-se com intensidade: elevava as asas, abaixava a cabeça, emitia sons roucos. Repetia o ritual uma vez, outra vez, como a se dirigir à companheira. Parecia estar vendo Luz impressa na aura do cuidador que, na clínica, a tivera recostada ao peito por horas. Unido em profundidade aos animais, ele se pergunta: *Como têm tanta percepção?*

Nada é por acaso, ele bem sabe. No entanto, a infeliz experiência de Luz marcou o terno coração. No dia seguinte teve uma conversa com a ave: *Anyum, nos perdoe por termos deixado a porta aberta! Agora nós dois precisamos ser amigos, já não temos Luz como intermediária.* De imediato Anyum subiu em seu braço. Pacificou-se. Hoje interage com quem lhe faz um agrado!



Nascido em uma família que há gerações vive em fazendas da exuberante Mata Atlântica nordestina, com nascentes e cachoeiras, quando jovem ele resolvera ter um cachorro fila brasileiro sob sua responsabilidade.

Localizou uma cor de leão, filha de campeões de alto pedigree. Baliza chegou com um mês, e cresceram juntos. Tinha qualidades de um cão evoluído: nunca aceitou cruzar nem se alimentar de carne.

Doze anos se passaram até o padecimento de Baliza ter início. Convidado a morar na comunidade, ele lhe explicara a importância da separação, mas a cadela perdeu a fome. Só ficava debaixo da cama. Quando ouvia a voz do tutor ao telefone, superava a ausência por uns dias. Logo recaía. Vencida pelo desalento, expirou.

O cuidador passou a sofrer de tristeza sem fim até Baliza lhe transmitir uma mensagem. No lapso entre certa vigília e o sono, a cadela se comunicou nos planos sutis. Veio andando em sua direção como uma leoa em máximo esplendor de beleza. Sentou-se diante dele a sacudir a pata em gesto familiar. Um jogo de espelhos se encaixando um ao outro a converteu vagarosamente em uma linda menina alegre, ajoelhada diante dele com mãos postas. A devoção de Baliza pelo tutor a fez retornar nos planos subjetivos para liberá-lo da dor ardente. Encerrada a anunciação, a garota se desvaneceu aos poucos.

Falando baixinho, percorremos paisagens vivas da memória. Em verdade, o espírito das lembranças trouxe à tona inspirados toques da vida que se entrelaçam, como finas ramagens, ao relacionamento conciliador entre homens e animais.





Matrimônio, união com o que nem se imagina

O casal ousa experimentar. Desde a infância, com firmeza mas com respeito por familiares e vizinhos, ela e ele saíram em busca de si mesmos. Seguiam aquilo que a consciência lhes ditava. Não o imposto pela educação tradicional da sociedade e da capital onde nasceram. Raciocinavam. Sem aceitar tudo o que lhes era dito, argumentavam.

Ele nasceu na família certa. Nela se deu um reencontro de almas que amam os bichos e o verde. O pai e o pai do pai tinham uma relação íntima com as plantas e com os animais. Mesmo na cidade, a mãe enchia a casa com todo tipo deles, ainda que incomuns, como tartaruga, mico. No sítio, o pai, médico, resgatava cavalos e alertava: *As árvores, os animais nativos e o reino mineral são os donos daqui, pois ainda estão unidos à Criação. Somos só zeladores, devemos respeitá-los e incomodá-los o mínimo possível. Nós, humanos, somos muito nocivos às cobras, deveríamos evitar perturbá-las.* Gracejava para o caseiro: *Você tem de ter cuidado, pois já matou uma cobra, e elas sabem. Eu nunca as matei.* Afirmava para os filhos: *Não precisam ter medo, vocês nunca fizeram nada contra elas.*

Com 13 anos, durante o almoço, o jovem se manifestava: *Não faz sentido... vocês beijam o cachorro, gastam um dinheirão com remédio e vitamina para o cavalo que está morrendo, resgatam e costuram o gato atropelado da rua... têm tanto trabalho e depois comem carne. Olhem: todo mundo a está comendo... ninguém consegue enxergar o bicho vivo? Só o vê picadinho, moído?* Quando ele decidiu que não comeria mais carne, a mãe fez a pergunta aflita: *Mas o que você vai comer? Vai adoecer por falta de proteína...* Ele a acalmou: *Fique tranquila, comerei arroz, feijão, salada, frutas.*

A mãe, preocupada, pressionava-o: *Carne é essencial.* O pai se calava por um instante para, quase em seguida, discorrer sobre o sabor das frutas e as cores dos legumes. Na família de descendência árabe, a mãe decidiu criar novas receitas de quibe de batata com recheio de azeitonas, e *esfihas* de tomate com orégano e alcaparras, o que levou os netos a eleger: *Preferimos as comidas requintadas feitas para ele, não as comuns com carne.* Pouco a pouco a cozinha da casa se fez gourmet, acrescida do preparo de alimentos ditos

sofisticados. Com 15 anos, ele prosseguia instigando a família a pensar: *Eu os desafio a comerem carne sem tempero nenhum, o gostoso é o tempero.*

Quando bebê, após receber o batismo, ele fora consagrado pela mãe ao Arcanjo Miguel, por quem sempre teve grande devoção.

Já a menina, ia se deixando guiar pelo céu, pela chuva e pelo sol, vislumbrados por entre arranha-céus. Apesar de morar em apartamento, seus pais, que tinham afinidade com animais, sempre lhe permitiam ter bichos: porquinho da índia, coelho, cachorro, gato, peixe.

Com seis anos, ao entrar na cozinha, viu uma galinha. Iria morar com eles, pensou. A cozinheira estava a colocar um prato no chão. Parada, sem acreditar, viu-a pegar a ave de súbito e cortar de um golpe o seu pescoço. A menina gritou: *Não, não, por que você fez isso?* E ouvia: *Saia daqui, se alguém tem dó, a galinha não morre.* Tinha razão. A galinha sem cabeça voou pela janela. A menina correu para a varandinha e viu a ave se arrastar por longo tempo no térreo do prédio, antes de falecer. Ninguém foi pegá-la. Naquele dia sem galinha para o almoço, comentaram: *Nunca mais podemos fazer isso na frente dessa menina, porque o bicho não morre.* E outra galinha viva jamais entrou naquele lar. De temperamento forte, a menina nunca aceitara comer carne até, ao atravessar a dicotomia adolescente, ingeri-la por poucos anos.

A mãe, espiritualmente eclética, frequentava palestras esotéricas e dava muitos livros aos filhos. Enfatizava os de poesias recebidas em contatos ufológicos, ensinando: *Nunca se esqueçam, olhem para o céu e para as estrelas sabendo que no Cosmos existem muitas vidas.* A menina, assim como o pai, católico, era devota de Nossa Senhora desde pequenina. Quando perguntou, na igreja do bairro, sobre aquela atraente caixa de madeira presa à parede e ouviu o pai explicar ser a caixinha de orações para as almas, seu coração puro saltou de alegria. Naquele instante, assumiu rezar vida afora pelas almas solitárias do purgatório.



O mundo foi levando os dois. Moravam no mesmo bairro, estudavam na mesma escola, até uma amiga comum afirmar que um deveria conhecer o outro: *Pensam tão parecido, gostam das mesmas coisas....* Assim foi. Do instante em que se conheceram, com 14 anos, até hoje, passadas décadas, falam-se todos os dias, seguem pelo mesmo caminho, nunca se separaram. E trabalham com os Reinos da Natureza.

Tinham 18 anos quando um livro caiu no chão à frente dele durante compras no supermercado de um *shopping*. Tomou-o, gostou da bela capa, do título: Mirna Jad. Leu a contracapa. Algo se moveu em seu interior. Comprou-o. Esse foi o primeiro contato com o ensinamento que transformou sua vida. A partir

daí, aguardava ansioso novos lançamentos do autor, Trigueirinho. A princípio, sua mente ora reagia sem entender nem aceitar o que lia, ora justificava: *Segue uma linha*. Ao mesmo tempo, algo forte intervinha: *Mais, mais... eu sentia sede daquilo, queria aprofundar. Lia e relia, era guiado para o desconhecido*.

Nesse ínterim, apesar de ela nunca ter tido este sonho, um dia Mene e Hayla se casaram por ele ser seu melhor amigo, um tesouro. Mas antes definiram claros acordos entre si. Um deles: não ter filhos. Contudo, o maior interesse dela era ainda a vida extraterrestre, naquela época em que havia tantos movimentos de naves pelos céus, naves que ela avistou e até mesmo conheceu quem as viu.

Ele prosseguia lendo avidamente os livros daquele autor. Já ela, apesar de achar o escrito real, afirmava que a linguagem, em que Deus é chamado de Único, não era a sua. Pedia, porém, para o esposo lhe relatar algo. À vista do crescente interesse dela, resolveram conhecer a casa que representa aquela filosofia de vida em Belo Horizonte. Durante a entrevista para receber tal autorização, foram despertados pelas palavras: *No Núcleo Céu Azul há um serviço voluntário de 24 horas*. Uma chave girou. Sentiram a conexão, um misto de surpresa e encontro: *24 horas?*

Ao chegar pareciam estar penetrando em outro mundo, tal a energia de beleza, ordem e paz. Então souberam da necessidade de colaboradores para ali

cumprir certo horário; entreolharam-se em consulta mútua. Apesar de só assumirem compromissos após muita reflexão, de imediato se ofertaram. Iniciaram um ritmo na mesma semana. A partir de então, por anos, seguiam religiosamente para lá toda sexta-feira ao término da jornada de trabalho profissional. Família e amigos sabiam: recusariam convites para encontros nesse dia.

Em seu apartamento eram tutores de um jabuti e dez cães e nas sextas retornavam de madrugada para tratá-los. A convenção de condomínio do prédio proibia animais. Os vizinhos não os tinham, mas aceitavam aqueles. Quando dali se mudaram, todos haviam adotado cães e gatos, menos um casal que, por sempre viajar, apadrinhara os deles, como fonte de contato com o reino.



Trilharam por anos a experiência do serviço voluntário acoplado à vida urbana material, externa, objetiva. Estudaram em universidades e obtiveram seus diplomas. Montaram o apartamento onde começaram a aprofundar o relacionamento com plantas. Na lavanderia cultivavam ervas para chá e mesmo *ora-pro-nóbis* em uma pequena horta; temperos e leves flores em uma jardineira na sala. Ela adquiriu bonsais sem saber serem miniárvores escravizadas. Mudava-as para vasos maiores sempre que cresciam

até, certo dia... vibrando em liberdade, plantá-las no solo do sítio onde vieram a morar. Despediu-se: *Filhas, agora vocês terão o céu como limite*. Viraram enormes, esplendorosos ficus.

À medida que ambos amadureciam, percebiam-se mais e mais na mesma meta. Uma grande harmonia se confirmava entre eles. Seguiam o dito há 2 mil anos: *Procura primeiro o reino dentro de ti, e o resto te será dado por acréscimo*. O modo, antes tão abstrato, de ser um casal espiritual foi firmado por um processo de matrimônio interior: travaram núpcias entre a própria alma e a personalidade.

Como, em primeiro lugar, cada qual busca o mundo interno e, como se respeitam profundamente, a relação flui com alegria e leveza, sem competição. Falas e reflexões de um complementam as do outro. Corrigem-se, somam a visão feminina à masculina. Analisam cada passo a tomar, seja no tratamento dos animais, dos vegetais, seja no de quem se aproxima. Suas núpcias influem nessas vidas, comunicam-lhes paz e devoção. Não pretendem mudar ninguém. Todavia, ao se transformarem, estimulam outros a fazer o mesmo.

Os esposos brincam, cantam, oram e suas mãos nunca param de ajudar. Tornam-se espelhos das almas. Seu jeito espontâneo de ser feliz abre caminho nos que encontram ou em quem chega para passar com eles um período, um dia, fazer um retiro espiritual ou apenas uma breve visita.

Deixam a sabedoria conduzi-los para qualquer local onde aplicar amor e serviço. Terminado um ciclo, são levados para lá, depois para mais além. Seguem as rajadas do vento. Lançam sementes e, em seu passado, plantas sadias frutificam.

Que trilhas cruzam, que ventos do espírito os levam? Sempre avante prosseguem decididos, mas suavemente.





O risco do paraíso pessoal

Sem saber, sem explicar ou entender, o casal foi sendo conduzido, pegada atrás de pegada, para um sítio a 48 km da capital. Em direção ao desconhecido, caminharam na fé. Não havia reviravoltas, nem sequer renúncia da vida anterior; apenas o fluir em busca da verdade. Tudo parecia já arquitetado para uma passagem natural.

Estudaram e se tornaram dinâmicos profissionais urbanos. Saíam cedo de casa para trabalhar e retornavam à noite, ele com um único dia de folga a cada mês. Diante da pressão sem trégua, um vento soprou a dúvida: *Será isso real, trabalhar tanto por dinheiro?* Internamente, a questão passou a atuar em ambos.

Em paralelo ao vaivém por ruas e avenidas, sempre haviam recebido o chamado dos Reinos da Natureza. Por fim a hora chegou. Atraídos por uma das regiões mais antigas do estado, próxima a uma cidade de cinco mil habitantes quase parada no tempo, onde não conheciam ninguém, foram tocados pela pureza de seus moradores, que permitiam a plena

expressão da natureza. Como o verde derramado pelo cenário imenso os levava ao recolhimento, alojaram-se entre aqueles vales e montanhas.

Amigos e familiares, intrigados por estarem de partida para um lugar perdido no meio do mato, perguntavam-lhes por que, ao que nem sabiam responder. Entretanto o universo, atento a cada movimento dos que buscam a Fonte, oferecia-lhes uma suave oportunidade de transição. Treinava-os rumo a um futuro maior. Ensinava-lhes a simples lição de sentir Deus na natureza e se deixarem ser curados por ela.

Permaneciam nos empregos da capital, mas logo uma abertura cármica lhes permitiu acumular os horários obrigatórios em apenas dois dias por semana. Liberados, faziam serviços voluntários à noite: distribuir sopa para moradores de rua e ainda atender animais sem teto.

A vida se equilibrava, inclusive financeiramente. Organizaram o sítio com certa beleza geométrica e racional. Estruturaram os espaços para os ani-

mais terem acesso a todas as áreas da casa, cujo andar superior era para os dez cães conviverem e avistarem a paisagem. Entre eles estava Vida, que por três dias aguardou na chuva em uma rua da capital, até ser vista. Na escuridão noturna, o farol a clareou. Ao lhe oferecer ração, a cachorrinha saltou no colo dela. A partir daí vive com eles. Silenciosa, educada e hoje com 16 anos, Vida dorme diariamente no quarto com ela e mais quatro cadelas e alguns gatos.

Como alimento para animais silvestres e domésticos, plantaram o pomar, 400 bananeiras, a horta e um mandiocal em covas com medidas milimétricas entre si.

Um grande pimental atraía pássaros, como as andorinhas, que consomem essas sementes picantes de ação analgésica e anti-inflamatória. Nas pessoas, a depender da polarização do corpo, pimentas aflo-ram tanto o positivo, ajudando-as a fazer o contato interno, quanto estimulam aspectos instintivos, negativos. As sementinhas ardidadas também podem estabilizar a temperatura fria dos corpos. E mais: por ajudarem a esterilizar o corpo físico, são úteis para proteger quem se alimenta em um local denso.

Para dentro da casa a natureza lhes enviou dois companheiros especiais, um morcego e um beija-flor. O beija-flor ficou por três anos em conexão de amor com ela. Livre no ir e vir, saía durante o dia e

retornava para dormir. Todas as manhãs a desperta-va deslizando em voo ligeiríssimo sobre sua coluna. Ela comenta: *Ser acordada pela vibração de um beija-flor, dádiva que desconhecia, deve ter elevado a energia de minha coluna.* Em seguida, o minialado dava uma volta pelos cômodos da casa e saía para beber néctar das flores.

O morcego, animal noturno em geral malvisto, era educado, não sujava a casa e dormia entre orquídeas resgatadas do lixo. Isso porque as pessoas enjoam das coisas e às vezes tratam uma planta apenas como um enfeite descartável. Como só se vendem orquídeas floridas e falta espaço nas lojas, essas plantas são dispensadas tão logo perdem as flores. Segundo o sistema do mundo econômico, não vale a pena guardá-las. Porém, comerciantes sensíveis sofrem por isso.

Nunca as compraram, mas ele veio a cuidar de mais de 5 mil orquídeas descartadas. Tudo começara no dia em que encontrou a primeira no lixo próximo a uma floricultura. Ao perguntar se poderia levá-la, acharam que só queria o vaso de cerâmica. *Tenho interesse na planta,* respondeu. Surpreso, o lojista ficou contente, como se sentisse culpa pelo que se obrigava a fazer. Ofereceu: *Ah, vou guardar outras para você; me dê seu telefone que eu ligo.* Daquele dia em diante, resgatavam orquídeas em portas de floriculturas e de casas de festa, que delas abrem mão ao término das recepções. As flores, sutis que são, sofrem demais,

logo perdendo a vitalidade e a beleza ao serem manipuladas para arranjos decorativos e pela posterior temperatura, luminosidade e energia dos festejos.

O segundo andar da casa era das esplendências. Passou a estudá-las. Até duas da manhã as borrifava e se relacionava com elas. Criou um berçário para as bebês. Após a floração, mudava-lhes o substrato e as adubava para prosseguirem plenas, pois os produtores com visão materialista e comercial lhes dão um substrato inadequado.



Em dado momento, a coordenadora do então Núcleo Céu Azul, hoje Núcleo-Luz Sagrado Céu, convidou-os para conhecerem a Comunidade-Luz Figueira, que estava sendo construída em fazendas do sul do estado. Nela habitava o filósofo e escritor dos livros responsáveis pela grande transformação do casal. Ela garantia: *Lá receberão um impulso diferente*. O casal foi com o grupo de Belo Horizonte e passou a retornar mês após mês. De fato, a cada vez se sentia mais profundamente tocado.

O tempo corria. Uma ocasião, seu sítio foi abençoado por um convite: tornar-se um braço do serviço aos reinos do Núcleo Céu Azul.

O casal havia se preparado para fazer o trabalho espiritual de forma cômoda. Todavia, justo no fim

de um ciclo de sete anos, recebeu uma proposta inusitada: morar na comunidade, onde se encarregaria do Setor Reinos.

O convite surgira para as duas almas não se perderem na comodidade. Os dois concluem: *Tempo depois de dizer sim, de obedecer, compreendemos. Protegidos pelo paraíso pessoal, estávamos entrando em uma fase perigosa, de altos riscos espirituais. Aliás, sabíamos quanto nossas vidas mudariam, mas aceitamos o chamado*. E os dois vieram a encontrar proteção nas elevadas torres do espírito.

Destemidos, preparavam seus pertences para a grande viagem, quando uma escura nuvem de de-sassossego se aproximou para sombreá-la. E ela soluçou: *Quem vai me acordar agora?* Sua maior dor era deixar o beija-flor, o morcego e as rosas, sua paixão. A casa era cercada de roseiras cultivadas por ela. Lamentava: *Como vou deixar as rosas? Elas vão morrer!* Ouviu o consolo do companheiro: *Não fique triste, os deusas cuidam delas*. Mesmo assim, sofria pelas rosas. Fez uma grande poda e encheu o carro de mudas, as quais, ainda hoje, se multiplicam pela comunidade.

Na última noite, estrelas fulguravam a fim de lhes indicar a rota a ser atravessada por entre montanhas acesas pela lua cheia. As rosas cintilavam, cheirosas. Quatro mãos suplicantes, unidas em prece, agradeciam.



Sítio dos Reinos

Sim, sim, sim. Preenchido pela Graça e aceso pelo fogo do ânimo, o casal decidiu se aventurar por um novo estilo de vida. Obediente a orientações espirituais, ofertou-se a qualquer tipo de serviço voluntário para criaturas humanas e não humanas. Aspirava a deixar de satisfazer os próprios desejos, a não pensar primeiro em si mesmo, mas pensar antes no outro.

Iluminados pela magia criadora da vontade de servir e de perseverar, ele e ela romperam velhos laços em busca do caminho ardente que conduz à essência. Percorreram trajetos sinuosos entre vales e montanhas mineiras. Como bagagem traziam o poder do amor, dez cães e mais três caminhões repletos com três mil orquídeas. Tudo tem seu ciclo: cuidar, cultivar e, depois, desaparecer. Pouco tempo se passou e lhe pediram que integrasse as orquídeas nativas nas matas da comunidade e doasse as exóticas que, por serem estrangeiras, só sobrevivem em vasos e não se adaptariam ao ambiente rural.

Jamais haviam pisado no Sítio dos Reinos, mas o casal não vacilou. Aceitou a tarefa encomendada:

revitalizá-lo, banhá-lo com a almejada Luz Espiritual. Um tempo antes, na primeira visita do instrutor ao recém-adquirido sítio Casa Luz da Colina, do qual o Setor Reinos é um ramo, ele fizera um comentário premonitório para a coordenadora. Estavam na porteira de entrada. Ao observar o portão do vizinho do outro lado da estrada, dissera: *Porteira defronte a porteira, aquele sítio precisa fazer parte da comunidade.* Ela pensara: *Nossa, aqui já há tanto a reformar, a limpar até a pureza ser instalada... vamos na fé...*

De início, o sitiante não pretendia vendê-lo, no entanto, passado um período, procurou-a. *Pensara melhor,* dissera... Com o objetivo de abrigar o Setor Reinos, o terreno de 40 mil metros quadrados ao lado da cidade foi comprado por meio de doações de membros do grupo. Para chegar a ele da autopista ao lado da cidade, basta cruzá-la de ponta a ponta ao longo de uns poucos quarteirões da rua principal. Terminado o asfalto, subir 400 metros por uma estrada de terra ladeada de árvores nativas. À esquerda, entra-se para a sede da Casa Luz da Colina; à direita, para o Sítio dos Reinos.

Ambos os sítios passaram por um processo de resgate e salvação, diz a coordenadora da Casa Luz da Colina. Ela prossegue: Para acolher uma Obra de Deus, acontece o resgate do espaço antes de se iniciar o resgate dos seres. Onde é a sede tinha havido envolvimento com drogas, chiqueiros de porcos. Tudo era desordenado e sujo. Muito vento curvou a relva viçosa e as flores em esplendor até as duas áreas serem resgatadas. Hoje a colina irradia a luz solicitada pelo Plano Maior.

Amigo do sol, irmão das flores, de beija-flores e morcegos, o casal soprou vida no solo coberto de entulhos, nas plantas e construções. Chega de escombros! Dia após dia ordenou e limpou a área. Das provas entre o presente e o querido passado, compreendeu: *A Hierarquia Espiritual é perfeita, nos oferece aquilo que precisamos para ser liberados.*

Com unidade, membros do Setor Reinos encontram consolo na alma ardente ao cerrar os olhos em adoração ao Alto. Assim, o solo de seu mundo interno é arado e dá saborosos frutos. Aceitam o que a vida traz, mas, mesmo contando com ajudas inesperadas, a estrutura material e energética do dia a dia tem de estar firmemente sustentada. Cada detalhe no devido alinhamento para receber quem chega. Por exemplo, diz ela: *A roupa tem de estar limpa, cheirosa de sol, dobradinha.*

Gente veio, gente se foi. E vacas, cavalos, aves, cães, gambás, répteis, corujas, cobras, rãs, lagartos,

gavião do serrado, gatos, pombos, cães, um faisão, mais outros bichos.

O trabalho é o de cuidar dos reinos, inclusive do humano. Recebido de braços abertos e visto como uma alma, cada colaborador faz a vivência que lhe corresponde. Ofertar-lhe a tarefa correta requer atenção. Pode zelar por certa planta ou por tal animal, triar a ração, limpar, organizar o armário de medicamentos. Ao se doar, o voluntário vai passando por uma cura, e cura os que recebem seu amor.

Comenta uma antiga e alegre colaboradora, que transcendeu o desejo de conforto para se dedicar a animais e plantas: *Logo no início do trabalho fui convidada para apoiar o sítio. Na primeira visita quis dar marcha à ré, nunca mais voltar. A energia era pesada, os bichos em adaptação. Ainda assim retornou e, por três meses, dormiu na sala com a inseparável cadelinha Renata. Por falta de espaço, organizou seu guarda-roupa no porta-malas do carro. Como aprendeu e foi feliz!*

O casal, em dado momento, tornou-se pronto, apto para acolher por meses um senhor viandante encontrado caído na ponte. Hospedaram também, com ardor e profunda reverência, jovens viajantes e andarilhos.

A demanda é constante. Amparam 16 animais de grande porte: dez vacas e seis cavalos cuidados por

um funcionário contratado. Como a área é pequena para suprir a necessidade de capim, recebem o complemento de fazendeiros vizinhos. Além deles, cuidam de silvestres. Cada qual com uma demanda alimentar. No Sítio dos Reinos há ainda três canis, um gatil e uma área de isolamento para cães e gatos.

A área de isolamento para animais que chegam da rua é ladrilhada e esterilizada com produtos hospitalares específicos para determinados vírus e bactérias. Nunca sabem que traumas e doenças trazem. Recebem muitas gatas para dar cria e, graças a esses cuidados, nunca perderam um bebê. Recém-nascidos contam com uma pseudoimunidade enquanto amamentados pelas mães, mas, ao parar de mamar, não suportam ambientes contaminados. Antes de se integrarem aos saudáveis do gatil, os gatos passam meses isolados.

Conforme dá passos para as alturas, o casal não apenas transforma o próprio destino. Os saltitantes, felizes, ágeis quadrúpedes evoluem gradativamente. Passado o delicado período de adaptação, os caninos enfim se tornam acolhedores de resgatados que chegam. Chegam muitos. Recepcionam e mimam os doentes com afeto.

A ilimitada afeição pela vida suprema e pela terrestre os levava até ali com a matilha de cães. Antes da viagem, por mais que lhe doesse, ela chamara os dez cães. Oferecia-lhes uma opção futura: *Vamos mudar*

para outro lugar. Quem não quiser ir, sinalize-o. Saia pelo portão que esta noite deixarei aberto. Claro, ela interpretaria a saída de algum como aviso para encaminhá-lo a alguém amoroso; não o abandonaria: *Meu coração ficou apertadinho... mas no dia seguinte estavam no mesmo lugar.* Até o pastor holandês, a doberman mestiça e outros que gostavam de dar uma fugidinha. Examinavam a tutora em silêncio, os olhos brilhantes, abanando as caudas multicoloridas. Mal o caminhão de mudança chegou, pularam dentro e partiram.



Naqueles primeiros anos ele buscava compreender por que, sentindo-se tão denso, estava em uma Comunidade-Luz, que considera o ápice da vivência espiritual planetária. Por que estava ali, naquele grupo onde há seres que têm contatos abertos com a alma e mesmo com o espírito. Ele mesmo se perguntava, ele mesmo respondia: *É inconcebível, sendo quem sou, ser colocado nesta obra sagrada. O que estou fazendo aqui? Deve ser a Misericórdia Cósmica.* Como a mente precisa de justificativas e explicações: *Devo representar outros seres densos, para que Deus lhes abra uma porta...*

Ele se considera um executor, um tarefeiro. E prossegue mesmo sem compreender, sem receber muitos sinais. Enquanto isso, aguarda a chegada de alguém mais preparado espiritualmente para assumir sua posição. Então será guiado por esse ser inspirado pelo

oculto. *Mesmo no escuro, sigo sem confirmações, diz ele, com um largo sorriso no rosto. Graças a Deus temos um grande instrutor que supre com seu manto nossas carências humanas e de trabalho. Todas as faltas são pequenas diante da Instrução transmitida por ele. Sentimos seu amor, sua assistência. Recebo tantos impulsos, tanta possibilidade de redenção! O Universo me organizou uma vida fácil nesta encarnação, sempre foi fácil. Nasci em uma família ótima. Devo ser muito frágil ou, se dificultasse muito, eu poderia errar demais. Sinto assim: do jeito que a humanidade está submersa na vida material, a Hierarquia da Luz aproveita qualquer um que se abra e usa essa pessoa como um canal para manifestar o que Ela mesma faz.*



No início, a casa escura cheirava a mofo misturado ao odor acre do curral próximo. Quando dos temporais, dali descia um rio de lama até a beira da varanda. O caminho de entrada e o pátio em frente ainda não eram pavimentados. Nele jaziam um velho fusca e uma pilha de peças metálicas amontoadas, últimas coisas retiradas pelo ex-proprietário. Para fitar as estrelas, da janela do quarto ela elevava os olhos rápido, tentando não fixá-los no entulho.

Na periferia da cidade, dormia de janela fechada por segurança. Até ganhar um precioso presente. Alguém apareceu sorrindo. Abriu a bolsa. Retirou uma corrente e a encaixou à pequenininha janela de lata

do seu quarto. E decretou: *Agora pode dormir com uma fresta aberta para o ar circular, e você olhar para o céu.* Cada vez mais ela descobria a beleza das pequenas ações: *Como uma simples correntinha pode ser tão bondosa!*

Chegou finalmente o dia da limpeza da caixa-d'água de amianto. Combinaram deixar as torneiras abertas a fim de aproveitar a água para lavar o chão da casa. De repente chegaram gritos do alto do telhado: *Fecha, fecha! A água está preta.* Por longo tempo haviam tomado banho e bebido água contaminada. A pele e os cabelos se ressentiam, mas não tiveram nem uma dor de barriga... Os animais a tomavam filtrada, e eles acreditavam tomarem-na também, até checarem a vela do velho filtro de parede. Nem sequer tinha vela! Havia tomado água preta por longo tempo. Mas o casal tem corpos resguardados por um escudo invisível.

Os extraordinários caminhos da água foram cientificamente comprovados por um cientista japonês. Qualquer água, mesmo os 70% que habitam nosso corpo, é afetada por palavras, sentimentos, pensamentos. O jeito orante do casal viver forma brilhantes cristais em cada gotícula de sangue e de água dos seus corpos. Irradiados para suas auras coloridas, os afasta de males. Grato pela proteção, refletiu sobre a grande servidora água, enviada do espaço sideral para trazer vida à Terra.

Oh! contradições planetárias! Em fazendas do município a água é viva, puríssima, solar, mineral, oxige-

nada e borbulhante; a encanada que abastece a cidade está degradada, quase morta. Coletada de locais impróprios, certas bactérias danosas não são eliminadas, apesar do excessivo nível de cloração. Os habitantes as absorvem mesmo através da pele, o que afeta a urina e pode provocar infecção generalizada, além de outras tantas doenças que levam à hospitalização.



Virava e mexia as raízes das grandes árvores em torno da casa iam buscar água no banheiro, entupindo-o. Em uma visita do antigo proprietário, quiserem entender: *Por que o senhor plantou árvores tão próximas?* Ele as plantara e construíra a casa sem afeto, sem planejar. O senhor quis então saber o que fariam com as raízes quando impedissem o uso do banheiro. Espantado, ouviu que construiriam outro. Não as machucariam. Sem pressa, o levaram até a horta. Ele observou em torno e comentou, indiferente, o porquê de folhas assim saudáveis, lindas.

Algo explodiu. O casal soube! Ali fora um abatedor de aves! Atingido por um relâmpago, constatou o nível de ignorante inconsciência que estava a ser transmutada. Naquele sítio prendiam, torturavam, matavam milhares de frangos. Houvera muita manança e sangue derramado exatamente no terreno escolhido para a horta. Entendeu o ininteligível. Soube por que, ao chegar, havia tantos ossos com carne

crua espalhados por todo lado. Imaginava terem sido atirados para alimentar cachorros...

Agora percebia quanto os legumes e as verduras ali plantados favoreciam a expulsão de visitantes obscuros atraídos por emanções negativas do sangue. Mesmo sempre aplicando ao cotidiano os ensinamentos filosóficos para atrair a vida superior, o grupo instalou com ainda maior afincamento as melhores condições de ordem, ritmo, harmonia. A beleza foi convidada a entrar. Em um canto da sala dedicou um altar aos Seres Divinos. Em comunhão com Eles, as indesejáveis brumas dos assassinatos por fim se dissiparam.

Removidos os vestígios do passado, a passarinhada constrói mais ninhos entre as densas copas do jardim. Sob as árvores, mamíferos se refugiam do sol quente lá em cima. Deitam-se entre os salpicos brancos de luz pelo caminho de pedras claras.

O planeta girou sete anos até a chama criadora resuscitar o Sítio dos Reinos. O espaço e aqueles a seu cuidado atingiram o patamar almejado para o ciclo: amplitude formal e elevação ao espírito.

À vista disso, o Setor Reinos se ampliou. Ganhou um espaço distante da cidade, que inclui matas e um córrego cristalino. Ali, nas Terras da Unidade, junto a plantas e animais resgatados, constrói-se a contraparte sutil do Sítio dos Reinos e da Casa Esperança.



Terras da Unidade

Mais, e cada vez mais, apareciam animais silvestres feridos e maltratados. Inspirado pelo repetido sinal, o grupo anteviu lhes ofertar uma espécie de arca de Noé em um ambiente rural, para se curarem antes de retornar a seu habitat. Nascia o poder para manifestar um futuro radiante, cujo único compromisso, quase esquecido pela maioria dos homens, é servir a tudo e a todos com simplicidade. A aurora desta história passou a ser planejada.

Um gavião lhes indicou onde criar o éden. Iam quatro pela estrada de terra para um serviço no monastério da cidade vizinha, quando a ave passou a voar bem à frente do automóvel. Abria caminho. Indicava-lhes algo. Percebendo, a coordenadora da Casa Luz da Colina sugeriu estacionarem o carro. Percorreu a vista em torno e exclamou: *Que bela área para o novo trabalho!* Justo naquele momento surgiu um desconhecido, a quem perguntaram se sabia de algum terreno à venda por ali. *Este*, apontou ele, com um largo gesto, os mesmos morros que a coordenadora mostrara. Quiseram saber quem era o dono: *Eu*, respondeu. Então, o sol matutino encheu-os de glória.

A compra da área rural de oito alqueires fluiu suavemente. A 1.080 metros de altitude, as Terras da Unidade pertencem à Região do Lobo, assim designada por terem vivido no local muitos representantes da espécie. Hoje, menos do que antes. Neste complexo de montanhas está a igreja da protetora: Nossa Senhora Aparecida do Lobo. Ali despontou um jardim para abrigar e preservar certos animais e vegetais conforme se intensifica a atual transição planetária.

A real habitante das Terras da Unidade é a poderosa energia dos reinos unida àquilo que não pode ser visto, nem ouvido, nem tocado, mas que tudo vê, ouve e toca. O ambiente coopera para um inter-relacionamento elevado e pacífico entre humanos e outros viventes. O local se torna uma escola de amor, um laboratório espiritual para se estudar o que a natureza permite ser desvendado. É igualmente um templo ao ar livre, onde corações acendem fogos um do outro.

Durante a escolha do ponto para implantar as casas, o propósito era causar o mínimo de impacto ao meio ambiente e às matas circundantes. Assim como



animais silvestres haviam indicado a necessidade daquele trabalho, e uma águia assinalara o local do sítio, uma erosão da terra vermelha sinalizou onde levantar as paredes.

Atenta a decifrar códigos e deixar a mão seguir o fluxo espiritual, a arquiteta analisou o espaço, fez medidas, deixou o interno traçar o projeto. Então soltou o papel. Diz: *Os animais são imprevisíveis. Ao lidar com eles, o casal aprende a ser maleável com a vida. Projetar para os dois é estudar as necessidades segundo os recursos que eles apresentam, e ser flexível. Eles também recebem ideias de outras pessoas. Fui só uma ajudante para desenhar um embrião básico no papel. Dei o filhote, e eles criaram. Trabalhar em um centro espiritual é isso. Não somos donos de uma ideia, apenas instrumentos para materializar a necessidade. A gente relaxa e é meio psicografada, a expressão divina conduz.*

Enquanto planejava áreas para os animais, três sobrados, cozinha-refeitório e a casa de convívio entre cães e gente, a terraplanagem teve início detendo, portanto, a ampliação da voçoroca.

Uma roda-d'água, sistema antigo de uso da força motriz de um riacho, acrescida de uma bomba simples, propulsiona a água cristalina que corre na mata abaixo. Das caixas, instaladas em um barranco, a água é distribuída por gravidade. Tanto irriga os pomares e a horta quanto supre as casas e os recintos dos animais. Para produzir energia elétrica, optaram

pelo sistema constituído por placas fotovoltaicas de captação de luz solar. A energia é enviada para uma bateria de 12 volts com um conversor para 110 volts. Usam lâmpadas *led* por gerar boa iluminação, apesar do pequeno consumo de 6 a 12 watts.

Por etapas, tudo é por etapas. Eu era ansiosa. Ai meu Deus, o animal precisa disso, será que ninguém vê? Fui soltando e falei com eles: “Vocês também estão a serviço do Plano Divino, então façam um pouco de sacrifício. Nós te amamos, te damos comida na hora certa, carinho. Tenham paciência, um dia teremos o que sonhamos.” Eles entendem, ela exclama.



Com o passar dos anos, o sentido oculto das formas vem sendo revelado. Nas moradias dos animais encaixadas entre as construções, percebe-se uma arca de Noé. O casco da nau parece ser delimitado pelo barranco de um lado e, do outro, pelo telado, que protege as espécies nativas de quem está dentro, e vice-versa.

O coordenador explica: *Durante a acelerada transição planetária hoje vivida pelos Reinos da Natureza, temos de acolhê-los mais ou menos como em uma arca de Noé. Assim: ajustar os recintos conforme chegam e buscar estar com eles de forma integral.*

Além de áreas espaçosas com chão de terra para um, dois ou três cães, há a casa das aves. Uma bióloga orientou-os a encerrar os 15 gatos em um gatil para

não afugentarem a passarinhada livre que passeia agilíssima pelas flores do jardim. Outro motivo é por serem gatos domésticos, não habituados à vida silvestre. Confiam demais. Seriam presas fáceis dos hóspedes silvestres da mata. Ou de perigosos caçadores que rondam com matilhas de doze a quinze cães treinados para capturar e matar sem piedade o que se mexe defronte deles, até mesmo outros cachorros, pois a caça está rara. De vários tamanhos, a cada cão do bando da caça é dada uma tarefa: farejador, sinaleiro. De tempo em tempo, a quietude noturna é abalada por estampidos de tiros e pelo desespero de bichos fulminados. O mal humano deforma a essência de bondade dos quadrúpedes e atrasa sua evolução.

O ambiente é vivo, alegre. Cães imitam os humanos e, como falamos demais, latem. Até incomodam ao alertar a chegada de estranhos. Logo calam.

Todos crescem em percepção. Distinguem a variedade de notas, zumbidos, falas, miados, pios, vozes do vento e da chuva. O ronco longínquo de um avião. Ouvem o sutil: o sempre eterno e efervescente sagrado silêncio. Vagarosamente, esses rumores calam. Ecos da natureza interna os atraem para o resplendor da alma.

Na entrada do terreno se implantou a Casa de Convívio para receber quem almeja experimentar uma relação com cães. O hóspede confraterniza com eles em passeios ou na varanda. Convive na sala de oração, onde há uma pequena biblioteca, ou na sala do tear.

Em caso de pernoite ou de períodos mais longos, aceita ou não que os cães durmam em camas baixinhas próprias, colocadas ao lado da sua. Alguém pergunta: *Os animais gostam de dormir no quarto com humanos?* Respondem: *Amam. Todos querem; fazem fila.*

O amor e a compaixão são as chaves para descaminhos ancestrais serem corrigidos. É responsabilidade dos homens erguer uma ponte entre os reinos sub-humanos e os supra-humanos.

O Setor Reinos facilita essa ascensão. Como cada reino vem sendo sutilizado para atingir uma forma de vida superior, o grupo atua com extremo cuidado. Sem regras fixas a seguir, investiga com ternura como cada ser vivente responde a toques e tratamentos. A isso se somam conhecimentos científicos que por vezes provam ser errados. Seu contato com animais e plantas evolui ao revolver, adubar, eliminar ervas daninhas do solo e de corações feridos.

Quem se aproxima do Setor Reinos é convidado a apreciar de perto uma árvore, ouvi-la farfalhar, esparramar um olhar panorâmico pela vastidão, assistir ao caminhar do sol e das estrelas. É convidado a se admirar com as vozes, chilreios, uivos, relinchos, com o coaxar dos primeiros sapos. E pode sentir um frêmito a cada descoberta, enquanto a brisa sopra e a esperança de união flutua pelos ares.



O pão irradia

Nas Terras da Unidade foram plantados milho, arroz, aveia e trigo. Parte da colheita segue para a padaria da comunidade e retorna semanalmente em forma de pães integrais, ora de trigo, ora de milho.

Esses grãos sagrados foram trazidos de outros planetas para nos dar um impulso evolutivo. Tornam-se um alimento material-espiritual quando manipulados com amor e respeito. O pão pode ser mais do que uma nutrição física se estivermos gratos, seja ao lidar com ele, seja ao ingeri-lo. Os cereais guardam o poder de abrir nossa compreensão e nos impulsionam a descobrir de onde viemos, qual o nosso planeta de origem antes de chegarmos à Terra.



Olhos do coração: Casa Esperança

De maneira quase imperceptível, a cidade vem sendo inundada por toques de cura. Sementes de bondade são sopradas em esquinas, casas...

Como sóis do amor, o pequeno grupo fraterno constrói, há dez anos, um novo cenário urbano. O antigo quadro era triste. Levas de cães doentes e deprimidos vagavam sem rumo. *Kombis* vindas de fora despejavam ainda outros pelas calçadas. Indiferentes, os moradores não os acolhiam. Transeuntes tinham medo de doenças e deixavam os atropelados morrer sem socorro, além de os matar com veneno.

Docemente, duas voluntárias abnegadas lançaram faíscas do espírito nos olhos melancólicos daqueles peludos. Pelos meios-fios e terrenos baldios, três vezes por semana limpavam as feridas, restauravam vidas.

Os moradores observavam, puxavam assunto, aceitavam um doente em casa. Alguns pediam ajuda para seus enfermos. Ao conquistar a confiança da população, o trabalho se estendeu. Desde então, o Setor Reinos é convocado para socorrer animais em moradias urbanas e rurais.

Em 2007, o trabalho com animais, até então conduzido na Comunidade-Luz Figueira, passou para a responsabilidade da Casa Luz da Colina. Nomeado Setor Reinos, logo se percebeu a urgência de ampliá-lo para socorrer a carência dos animais de Carmo da Cachoeira. Uma rede dinâmica de servidores amorosos usava mãos precisas tanto para atender nas ruas como em residências de colaboradores.

Pouco depois foi instalada a Casa de Restauro, que veio a ser chamada de Casa Esperança e se mudou quatro vezes, quase sempre para moradias emprestadas. A atual dá sequência à oferta gratuita de cirurgias, castrações, atendimentos e curativos. Cada cômodo tem certa função, como o para animais sem doenças infectocontagiosas, outro, sempre esterilizado, para procedimentos cirúrgicos e curativos mais elaborados.

Sem pressa, sem pausa e sem jamais desistir, o grupo persevera. Paciente, dá exemplos. Enquanto age, orienta um a um com voz mansa, límpida: *Não deixe o animal de rua passar sede. Se não tiver o alimento para lhe dar hoje, peça aos vizinhos. Se não quer pôr a vasilha em*

frente à sua casa, coloque naquele terreno vazio. Se vir que um não está bem, chame a gente. O povo liga. E lá vão usar as mãos incansáveis. Ao final, convidam alguém para dar a próxima dose do medicamento. Inseguro, o convidado nega, mas acaba concordando ao lhe garantirem: *A gente volta se você não conseguir.*

A cada encontro repetem frases simples: *O filhote é igual a um bebê. Ficou quieto em um canto, observe se está comendo e tomando água.* A pessoa orientada pode abrir os olhos da alma quase sem notar.

Insistem: *Deixe a mente de lado. É o coração que tem de agir.* E moradores estendem as mãos, tratam, doam, ligam avisando: *Achei uma ninhada, sete, oito. Não tive coragem de deixar... O que faço?* A responsável pela Casa Esperança os orienta: *Vamos dar vermífugo, vacinar, castrar. Acolha e ajudaremos a doar.*

Também as kombis pararam de chegar conforme o trabalho de instrução se expandiu pela área rural: *Assuma estes animais. Trate com angu. O fubá fortalece, não é caro, é bom para o pelo...* Quando bebê, o cão precisa se alimentar mais vezes, mas na fase adulta pode comer duas porções ao dia, além de tomar água.

Tomada de amor, uma servidora relata como nasceu a ânsia por servir: *Meu coração passou a palpitar ao ver gente ou animais em estado depressivo pelas ruas. Essa compaixão e urgência em ajudar tinha vínculo com a energia de Madre Teresa de Calcutá.* Então, disse: *Vou fazer algo!*

Certa época, ela passou a organizar mutirões de bairro em bairro, uma vez ao mês. Alguém ofertava a varanda da casa e avisava a vizinhança, que fazia fila para ter cães, gatos e eventuais aves atendidos. Se surgissem dúvidas em relação a um caso, telefonava a outros membros do grupo pedindo orientação. Ninguém está só.

O grupo se depara com pequenos milagres cotidianos. A vida se transforma. A consciência da cidade se amplia. A alegria de servir foi despertada. O medo de pegar doenças, afastado. Ainda se veem animais abandonados, mas havia muito, muito mais.

O movimento repercutiu nas crianças, que se tornaram as maiores colaboradoras. Elas recolhem um bichinho da rua e o levam para casa. Quando mães ligam aflitas para a Casa Esperança, a responsável as convida com serenidade: *Venham aqui com o animalzinho. Vamos conversar.* Seu jeito maternal vai rompendo resistências: *Acolha este serzinho, sua filha está tão feliz! Não vá deixar este bebezinho na rua. Nós a ajudaremos.* As crianças choram diante das mães. Depois querem aprender: *Tia, como faço para dar o remédio de verme?*

Crianças educam os adultos e lhes relembram a pureza imersa em seu interior. Vão duas ou três, de casa em casa: *Dona, achei este filhote, e minha mãe não quer ficar com ele.* Os moradores ficam sensibilizados

ao tocar os olhos nos olhos radiantes de esperança de uma menina com o peludinho no colo. A cena os restaura para o estado de solidariedade. Os meninos pedem para a “tia” ir junto de porta em porta, explicando que doará vermífugos e orientará a todos aqueles que adotarem um bichinho.

Uma menina, em particular, sempre ligou pedindo socorro para acidentados: *Achei um cachorro em um buraco muito fundo.* A servidora ia com o coordenador do grupo, desciam o barranco com cordas e traziam o cão amarrado. Ainda hoje, mesmo casada e com filhos, essa jovem prossegue com o trabalho de resgate.



O Setor Reinos promove mutirões de castração segundo doações recebidas. Quando solicitado, apoia ONGs e oferece castrações itinerantes em municípios vizinhos, até mesmo no lixão de uma cidade.

Desde o início do atendimento comunitário, a instrução acompanha o serviço. O grupo quebra preconceitos arraigados contra a castração: *Se você não castrar o macho, ele pode ter um tumor venéreo, e o tratamento é quimioterapia. Como vai conseguir doar ou cuidar de tantas crias da cadela? Sabe o que acontece com um cão ou gato castrado? Ele se volta mais para você e se torna mais guardião do quintal, não foge para cruzar. Você vai ter um amigo do seu lado para educar e ajudar a evoluir.* Na rua, explicam, os cães pegam doenças de outros animais, sarna.

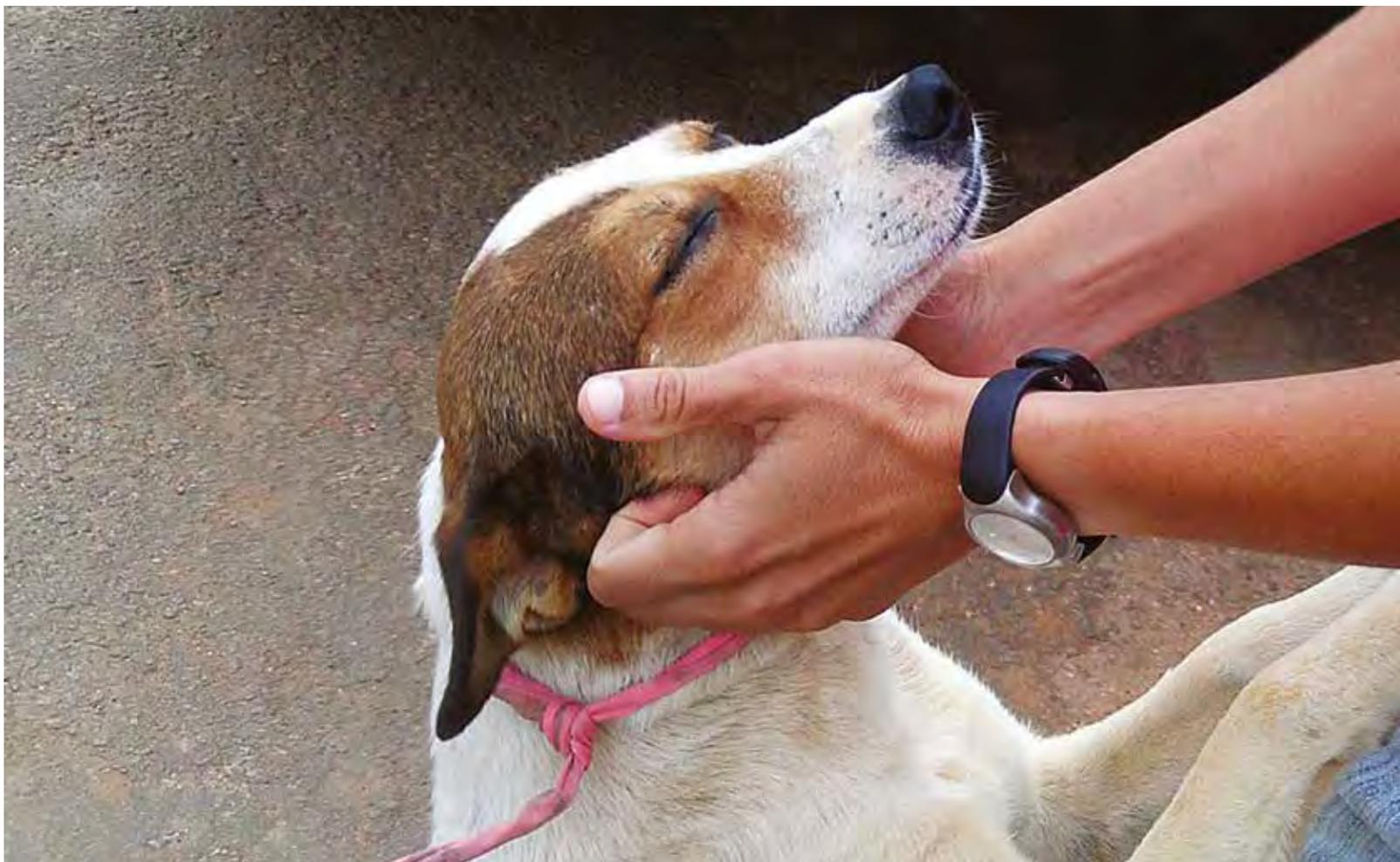
Ainda assim há quem negue castrar e, quando as cadelas dão crias, elas são abandonadas em caixas ou sacos de lixo.

A responsável por contatar veterinários e acompanhar os atendimentos cirúrgicos os organiza, em geral, na Casa Esperança. Além disso, uma vez ao mês há cirurgias gerais e atendimento veterinário.

Com temporal ou céu aberto, a veterinária e a responsável percorrem cedinho quase 200 quilômetros, e muitas vezes retomam a estrada de volta para casa de madrugada. Trabalham juntas desde o início dos anos 90, quando a veterinária castrou cavalos.

São apoiadas por uma equipe unida e alegre, que recebe os clientes, faz as fichas, lava os instrumentais. Após operados, os animais anestesiados são acomodados em camas, e uma ou duas pessoas atentas os encaminham para um cômodo separado quando surge risco de briga. A maioria dos colaboradores habita na cidade; outros vêm de fora e podem se hospedar na casa.

Servem-se também de tratamentos como a acupuntura, que passa pela alma. Uma cadelinha anciã, de dezenove anos, foi atirada contra um muro. Parou de andar e teve cinomose. Sustentavam a sua cabecinha para lhe dar de comer. Até um rapaz, recém-formado em acupuntura humana, abrir-se para curá-la. Em três meses, Flora se recuperou e corre entre pernas.





Os sóis do amor vão além, bem além dos limites. Saem por 15 minutos com uma maletinha levando os medicamentos básicos e ficam duas horas. Tutores reconhecem o carro e se aproximam pedindo ajuda. Com espírito sensato e audaz, quebram barreiras da vergonha e do temor. Protegidas pelo mundo interno, atenderam até em casa de quem é julgado criminoso.

Ágeis para responder a qualquer serviço altruísta, duas voluntárias tocaram determinada campanha para avisar o horário de uma castração. Ninguém respondeu. Foram entrando a chamar pela casa aberta. No quintal, uma senhora e um senhor aflitos e cansados apagavam o fogo do lote baldio ao fundo. Havia pedido socorro até na rádio, sem receber qualquer ajuda. De imediato as duas acionaram a equipe de atendimento de emergências da comunidade, que voltava de um treinamento para apagar queimadas. Por isso já tinha o material necessário no veículo, e tudo ficou resolvido com eficácia. A senhora: *Vocês são uns anjos!* Só então as duas lhe entregaram o papelzinho comunicando o dia e a hora da castração de seu cão.

Incansáveis, prosseguem. Jamais se estancam em uma calmaria. Ensinam e aprendem a amar bichos andarilhos ou domésticos. Fazem das palavras sementes de esperança. Multiplicam o tempo, reinventam caminhos, pacificam discórdias. As almas livres, governadas pela ressurreição diária e pela chama da oração, sorriem sempre, sempre.



Sítio da Estrela

Há um par de décadas, em um município vizinho, a responsável por castrações e cirurgias da Casa Esperança e seus pais, colaboradores da Comunidade-Luz, entregam-se a uma intensa rotina. Dia e noite salvam animais resgatados. Atualmente, cuidam de: avestruz, lobo-guará, macacos, jabutis, carpas, corujas, tucanos, gaviões, pintagol, rolinhas, pombas, patos, gansos, gaviões, maritacas, cavalo, jumento, porco, cães e gatos. Trataram veados, jaguatirica, urubu, tamanduá, gambás, bois, outras aves, e a lista prossegue.

A Polícia Ambiental, ONGs da região e bombeiros encaminham para o Sítio da Estrela animais silvestres feridos. Asas e pernas fraturadas, sem pés, vísceras expostas. Os que se recuperam são devolvidos para a natureza; alguns têm de passar a vida com o pai, a mãe e a filha. Outros chegam por si, atraídos pela energia vegetariana e maternal do lugar. Foi o caso do porco Benedito.

Era época de Natal. Ele fora vendido para servir de refeição natalina, mas quebrou a caixa onde seria transportado e fugiu antes do infortúnio. De tardinha,

os cães ladravam em demasia, anunciando a chegada do leitãozinho. Estranho, na região não há porcos... Arisco e desconfiado, desaparecia por dias. Enfim, um rapaz a cavalo cruzou a porteira atrás do porco; era dele, dizia. A família soube então que Benedito atravessara vários sítios, andando quatro quilômetros para chegar. O tempo passava até, enfim, decidirem não devolvê-lo. Foram ao rapaz do cavalo, pagaram o pedido e retornaram para casa. Mal desceram do veículo, Benedito se aproximou pela primeira vez. A filha lhe assegurava: *Não precisa mais ficar preocupado. Você vai morar aqui o resto da vida.* Ele, parado, compreendia. Ela agachou, esticou o braço, e ele vindo cuidadoso até roçar o focinho em sua mão e virar de barriga para cima pedindo carinho. Hoje, com 400 quilos, Benedito repete o gesto, e ela lhe acaricia o ventre. Dizem que porcos são mais inteligentes do que cães. Ele percebe e responde à energia das palavras, e sua bússola interna o atraiu para a salvação no ambiente de vibrações sutis.

Em dois meses chegaram ao sítio dois lobos-guará. A primeira convivência com grandes animais ferozes

foi determinante: *Afinal, estão mesmo dispostos a nos ajudar?* Essa a questão implícita no desafio. Para ser pacificado, o primeiro recebeu o apelido de São Francisco: Chico, e com o tempo relaxou a feição fechada. Quebrara três das longas e finas pernas. Precisariam ser reenfaixadas duas vezes por semana, por seis meses, em uma clínica de cidade próxima. Assim foi. Diz a forte filha, de aparência tão frágil: *Chico nunca foi agressivo. Sempre cedeu e, mesmo face a face com ele, nunca avançou. Chegou ao ponto de deitar sem reagir ao ser pego no cambão. Só ficava bravo na hora de aplicarmos, entre a pelagem avermelhada, a injeção para sedá-lo. Ao tratar o segundo lobo, perdêramos o medo, conhecíamos sua natureza. Machos competem por território. No meio da tarde, um lobo livre rodeava o cercado, mordida-o, brigava através da tela. Queria expulsar Chico e, como não o conseguiu, passou a surrupiar coisas da casa. Sumiam vassoura, rodo. Chegaram a filmá-lo levando uma pá. Três anos depois encontraram um regador verde jogado no mato. Ela ri: *Imagine que bizarro dar de frente com um lobo carregando um regador na boca no meio do mato!**

Tuí, uma gata que é um exemplo de fraternidade, ama as pessoas e acolhe os bichos. Mora na sala de recepção animal, onde ficam até serem soltos ou lhes construírem um viveiro. Filhotes de gambá ou maritacas que fogem à noite andam em volta dela. Tuí, impassível. Ali chegam gaviões com asas quebradas, tucanos machucados. Nunca reagiu. Nem ao rato que se mudou para trás da geladeira junto à sua cama.

Ave africana, um avestruz relaxado abaixa as asas. Voltadas para cima, expressam estar em alerta: algo o perturba e pode atacar. Certa vizinha que cria patos e galinhas para abate veio com o neto visitar Rubi, o avestruz. Mal ele a viu chegar, perdeu a serenidade. Corria aflito, sem cessar, o olhar de pavor. Por meia hora após os visitantes partirem, ainda disparava pelo cercado. O que viu na aura daquela que tanto o horrozizou? O que carrega consigo quem assassina animais?

Sensíveis, os animais distinguem as pessoas, reconhecem-nas: os cães ladram em excesso, o avestruz se agita, o porco avança como um cão. Se alguém tem consciência ampla, achegam-se, pedem carinho.

Rubi foi resgatado de maus-tratos. Com cerca de 150 kg e 2,20 m de altura quando estica o pescoço, era alimentado como um boi e vivia confinado em um minúsculo espaço. Tinha cicatrizes no pescoço e nas pernas. O antigo tutor batia nele com um pedaço de madeira. Quando a mãe e a filha foram resgatá-lo, esse senhor afirmou que ninguém, nem elas, conseguiriam entrar em seu viveiro. Em uma semana entravam. E o avestruz se tornou um querido. Chega a ser dengoso. Rubi reconhece quem é quem.

Em menina, a mãe descia a rua de bicicleta e se desviava para não matar as formigas. Mãe e filha admiram esses insetos íntimos do solo e sua vida social organizada por divisão de tarefas. Contudo, formigas passaram a cortar e a carregar sem trégua folhas de

primaveras e jasmins recém-plantados. A filha fala com qualquer criatura como fala com uma pessoa. Disse bravíssima para as cortadeiras, com o dedo em riste para enfatizar: *Vocês passaram do limite!* Os insetos caíram em si, entenderam-na, e rapidamente se retiraram em longas trilhas para só Deus sabe onde.

Abelhas sentem odores a três ou mais quilômetros. Comunicam-se e chamam as companheiras quando acham certos alimentos. Por três dias chegaram em levadas ao Sítio da Estrela impedindo as aves de comerem as frutas infestadas delas. A mãe e a filha contam: *As maritacas colocaram a boca no mundo! Iniciamos uma intensa oração para as abelhas serem encaminhadas para onde não causassem dano.* A fim de atraí-las, deixaram, afastada da área das aves, uma bandeja com água, mel, bananinhas e folhas em cima para não se afogarem. O tabuleiro agitado, coberto delas. E cada vez apareciam mais. Mãe e filha, a observar.

No quarto dia uma maritaca, das muitas que vêm se alimentar no sítio, ousou ir picar uma bananinha da bandeja. As abelhas a cobriram. A ave gritava em desespero. Mãe e filha correram para salvá-la do tormento, as abelhas entrando em seus cabelos. Deram-lhe uma injeção e o calmante Rescue, mas logo a maritaquinha morreu nas mãos da mãe chocada com a agressão. De imediato ela retornou ao local do crime para ter uma conversa com as abelhas. Disse firme, indignada: *Não precisavam fazer a irmãzinha*

desencarnar! E foi ouvida. No dia seguinte, a família constatou que já não havia nem mais um zumbido ali. Jamais retornaram. Na natureza, tudo se reequilibra. Encontraram onde ficar bem.

É hora do ritual noturno. A amorosa protetora estica a rede do mico Tobias e dá toques de seda em sua cabecinha. Despede-se também das aves, de uma em uma. Cobre os recintos para se sentirem aconchegados, pois na natureza se aninham entre ramos e folhas. Mesmo tendo pelos, penas e a própria regulação térmica, envolve-os ainda mais durante o inverno. Sem parar a suave atividade, ela vai relembrando o propósito maior de colaborar na caminhada evolutiva de cada ser, o que reflete no mundo interno das espécies.

Chega ao fim mais outro dia de atividades altruístas. Pai, mãe e filha se despedem. Cada um segue com alguns cães para o próprio quarto. O da filha é vizinho ao do lobo Chico. O da mãe fica acima das moradas de aves e micos. O pai guarda a casa grande. Ao se recolherem no sono, o precioso triângulo de almas humanas prossegue o trabalho.

Na vida onírica, organiza o dia de desperto que passou e o que virá. Homens e bichos se encontram nos sonhos. A família colabora com as essências animais que também dormem. Os corpos sutis vão pelo infinito universo interior onde todos evoluem. Recarregam a luz para, no dia seguinte, dar continuidade a tarefas práticas ainda mais resplandecentes.



O futuro áureo

Sem fronteiras políticas nem religiosas, a natureza une os países divididos pelo separatismo humano: *Esta montanha é minha, aquele vale é seu, este rio me pertence até tal ponto, o estado termina naquele horizonte...* Indiferentes a cobiças, os minerais, os vegetais e os animais não seguem as leis dos homens. Avançam pelos espaços ofertando, em sua beleza, mensagens sagradas da Criação.

Em absoluta dependência uns dos outros, somos os responsáveis por curar o atual e o antiquíssimo passado agressivo. Iluminamos ou atrasamos nossa evolução segundo o convívio pacífico ou cruel com os outros reinos.

Apesar da crise planetária, uma parcela dos seres humanos abre a alma e interpreta secretos códigos da natureza. Enquanto isso... outros parecem querer calar sua voz.

Estamos em um tempo limite em que a loucura humana assassina, tempo em que uma estranha e desvairada corrida cega nos conduz para o autoani-

quilamento. Os oceanos estão quase mudos, o planeta quase fosco. Abelhas se perdem, pétalas murcham, nuvens fogem, ciclones devastam, geleiras derretem.

Centenas de milhares de anos atrás, animais e homens foram recebidos por um ser vivo, a Terra, para, juntos, resolver desvios ancestrais vividos no Cosmos. A terra e as plantas nos aconchegaram em seu seio. Há cem anos, densas florestas acarinhavam a esfera azul, o solo era fértil, as águas cristalinas.

Homens, animais, plantas e minerais são curadores em potencial. Têm o imenso poder de transmutar, de elevar a voltagem de energia de ambientes e uns dos outros. Esse é um de nossos serviços ocultos.

Urge deixar a cura nos interpenetrar.

Os que doam a própria vida, como a flor se doa a beija-flores, almejam auxiliar com singeleza a cura física, emocional, mental e espiritual de si e do irmão. .



Cães dormitam, e ao mesmo tempo tudo soa na sala de jantar. Colheres tinem em panelas, a mesa é posta, falantes jandaias e a carinhosa recém-chegada calopsita de crista amarela tagarelam.

Com os olhos brilhantes, o despojado casal de pacificadores se completa com bom humor:

Mene: A Instrução nos ensina a ser as crianças puras que fomos, pois isso é o que verdadeiramente somos. O resto inventamos.

Hayla: Estar aqui hoje falando dos reinos, isso é ser sobrevivente. Sobrevivente é quem consegue se manter lúcido durante os desafios que o planeta enfrenta ao se transferir do profano para o sagrado. Se persistirmos unidos e conectados com o verdadeiro propósito da vida, veremos crescer a sementeira de luz que buscamos plantar.

Ele encerra: A vida em fraternidade vai nos tirando cascas que nos retêm na superficialidade. Dói, arde um pouco, sopramos a ferida exposta que, por fim, cicatriza. Minha alegria é dar consentimento para crostas serem retiradas de mim, de todos. E aguardar o momento de vivermos uma experiência mais fraterna. Uma vez vi alguém escrever: ser humano. Só que assim: ser um mano.

Ser humano é ser um mano. É ser um irmão. Temos de viver isso até a última gota, nos reconciliar com tudo. Sem medo. Ser um mano do planeta, da vida, ser um mano de toda a Criação.



Parte da humanidade não quer melhorar, mas não fechará o livro da natureza! Pequenos atos conscientes o conservam aberto e em discreto silêncio se multiplicam.

Os apóstolos do amor clamam: *Vem, ó Pai, deixa o mistério entrar em nós.* Escavam o interno de forma sutilíssima para desvelar o que o Universo aguarda dos humanos. E o pó vai se ligando às estrelas.

Duas jovens de corações ardentes tiveram um mesmo sonho sobre o futuro. Uma mora em uma fazenda, a segunda na capital de outro estado. Não se conhecem, mas trilham caminhos celestiais. Igualmente amam borboletas, orvalho, vendavais.

Sonharam com longas filas de animais terrestres e alados, centenas, milhares, caminhando para ilhas de resgate. De espécies conhecidas e desconhecidas, surgiam de neblinas ou densas nuvens cinza. Os que andam vinham acompanhados de seres humanos, e as duas espécies se aninhavam lado a lado pelos campos. Os que voam pousavam nas árvores. Ao chegarem, todos contemplaram na direção leste. Os olhos se ensolararam de dourado.

Previa o nascimento de um porvir supremamente feliz. O clarão de um milagre queimava o velho mundo. Ressurreição! O verde se fez mais verde, as flores se tornaram mais belas, as cascatas mais curativas, e a vida em júbilo cessou o pranto. Em cânticos, os homens entendiam a linguagem dos animais, dialogavam com florestas.

Plenos de esperança e alegria, deixemos a natureza existir para a Terra arder em Luz. Amém.



3ª PARTE

AS VIDAS ENSOLARADAS

As vidas ensolaradas

Nossa gratidão aos animais presentes no livro: abelhas, avestruzes, bois, cães, calopsitas, carpas, cavalos, coelhos, corujas, faisões, formigas, galinhas, gansos, garças, gatos, gaviões, jabotis, jandaias, jumentos, lagartos, lobos-guará, macacos, maritacas, morcegos, papagaios, patos, pica-paus, pererecas, pombos, porcos, quatis, sapos, saruês, tartarugas, tatus, tucanos, veados...

Milhares de animais vêm sendo curados neste trabalho grupal. Ao lado, citamos os nomes dos animais residentes nas Comunidades-Luz do Brasil, do Uruguai, da Argentina e de Portugal. E os do Sítio da Estrela, pertencente a colaboradores. Também as páginas de locais citados no livro. Companheiros de caminhada, estes amados irmãos menores acompanham seus tutores até desencarnar. Outros são adotados ou devolvidos à Natureza. Fontes de inspiração, todos nos ensinam a servir e a amar.

NO BRASIL

CASA LUZ DA COLINA

Em Carmo da Cachoeira, MG

Sede

Cadelas: Graça,
Jasmin, Luz, Munah

Cão: Azul

Gata: Linda

Sítio dos Reinos

Abelhas

Boi: Malaquias

Cadelas: Annah,
Blessed, Confiança,
Elande, Filomena,
Hortência, Isabel,
Micaela, Natália,
Paz, Pérola, Renata,
Seraphis

Cães: Coragem,
Core, Jacob, Horácio,
Irmão, Lumí,
Natanael, Pacífico

Catitas

Cavalos: Áster,
Blando, Pacífico,
Renato, Salvato

Cobra: Prudência

Corujas: Alba, Ansari,
Esfera

Faisão: Salomão

Gatas: Camomila,
Clarinha, Fiorela,
Gipsi, Hare, Mel,
Melissa, Misty, Nina,
Perla, Serena, Silen,
Sophia, Vicentine

Gatos: Ariel, Fratello,
Girassol, Hortelã,
Noah, Simeão, Solzinho

Gaviões: Angelino,
Peregrino

Égua: Benvinda

Maritaca: Esmeralda

Perereca: Esther

Pomba: Luzia

Pombos: Eugênio, Leal

Quati: Simão

Saruês: Kinkajú,
Mustafá

Tartarugas: Cedro, Naãn, Pax, Senda
Vacas: Ametista, Cristal, Concórdia, Esmeralda, Graça, Luz, Montanha, Rubi, Safira, Turmalina, Wellcome

Terras da Unidade

Abelhas

Cadelas: Alegria, Amábile, Amira, Amita, Brisa, Chiara, Esperança, Flora, Life, Milagros, Mirna, Peace, Primavera, Stela, Vida

Cães: Abel, Agni, Agostinho, Angelus, Bení, Elzebius, Fratello, Miguelito, Rafael, Vento

Calapsita: Solzinho

Galinhas: Ethel, Líria, Margot, Marguerite

Galos: Caio, Samir
Garça: Sutil
Gatas: Abigail, Alfazema, Ângela, Claridade, Efigênia, Flor de Deus, Jasmim, Lavanda, Querubina, Seraphina, Suri

Gatos: Gaspar, Romeu

Jaboti: Jolie

Jandaias: Judith, Zoarh ou Zozô

Lagartos: Nina, Adamastor, Jacinto

Loba: Mariana

Maritacas: Aparecido, Azul, Silêncio

Mico: Intin
Papagaios: Fellow, João, Lilás, Star

Patas: Megui, Rosélia

Patos: Onofre, Tobias

Pica-pau: Michael
Pomba: Esther
Pombos: Miguel, Zaqueu
Sapo: Olavo
Tucanos: Angel, Miriam, Shams, Tantão

COMUNIDADE-LUZ FIGUEIRA

Em Carmo da Cachoeira, MG

Em diversas áreas

Aranhas

Araras: Anyum, Luar, Luz

Bois: Amaranto, Benício, Lucius, Salvato

Cadelas: Alfa, Amani, Ânima, Aparecida, Bendita, Carmela, Celeste, Céuh, Diana, Hadar, Happy, Jade, Kajhin, Kiara, Lila, Lila F2, Lourdes, Lótus,

Mãezinha, Mel, Narumi, Nauá, Nina, Nina F3, Raposinha, Rubi, Serena, Sharuah, Surya, Tea, Una

Cães: Amadeus, Apolo, Arjuna, Compañero, Cuiashca, Fiel, Francisco, Frodo, Hermano, Inti, Jad, João, João Peregrino, Jonas, Júpiter, Nin, Patú, Quanti, Samuel, Sarimu, Sirius, Sleepy

Cavalos: Lucídio, Pajas, Payán

Gatas: Amita, Aparecida, Lila, Líria, Lucita, Margarida, Mulan, Saiti, Uaiki

Gatos: Athos, Cinzão, Francisco, Michel, Rayo, Saru, Shai, Tolhuin

Jabotas: Estrela, Luaflor

Jabotis: Coração,

Luz, Sol, Yellow

Papagaios: Celeste,

Kajih, Opus

Vacas: Estrela,
Serena

Setor Eu Sou

Bois: Acamar,
Altair, Canopus,
Mizar

Cadelas: Baliza,
Manah, Shanti

Cães: Anu 1, Anu 2,
Jaya, Naka, Nuk, Vis

Galinhas d'angola
Gansos

NÚCLEOS-LUZ DE FIGUEIRA

Em Belo Horizonte, MG

Cadelas: Ágata,
Aparecida, Estrela,
Gracia, Nina, Pepita,
Shalom

Cães: Nino, Pepe, Uirá

Gata: Íris

Em Boa Vista, RO

Cadela: Sister

Gato: Hermano

Gatas: Mercy,
Mirna, Vida

Em São Paulo, SP

Cadela: Oliva

Cães: Manu, Sikiuk

Em São Carlos, SP

Gatas: Esperança, Serena

Gato: Nino

COMUNIDADE-LUZ NOVA TERRA

Em Teresópolis, RJ

1 avestruz, 37 bois,
9 cabritos, 300 cães,
6 carneiros, 45 cavalos,
2 coelhos, 40 galinhas,
4 gansos, 60 gatos,
2 papagaios, 30 patos,
1 pavo, 1 perua,
pombos, 16 porcos –
quase 600 animais

SÍTIO DA ESTRELA

Em Soledade de Minas, MG

Abelhas

Avestruz: Rubi

Bois: Amon, Lótus

Cachorro do mato: Eli

Cadelas: Alegria, Amiel,
Amora, Anian, Clívia,
Cristal, Custódia, Estrela,
Florzinha, Lana, Lila,
Madalena, Margarida,
Mari, Mirna, Mitra, Oliva,
Petúnia, Renata, Rosinha,
Sálvia, Sinthi, Sissi, Sofia,
Sorela, Tulipa, Yumi

Cães: Alfa, Arcanjo,
Baltazar, Gaspar,
Helianthus, Hércules,
Oro, Santi, Spock, Yogi

Carpas

Cavalo: Nicolau

Corujas: Mariel, Prana

Formigas

Gansos: Quatro Arjunas

Gatas: Aparecida,

Florália, Lyra, Spica, Tuí,
Una, Xandú

Gatos: Mariano, Quíron,
Rafael, Shirin, Zimbrow

Gaviões: Cosme, Damião,
Gavin

Jabotas: Amina, Sophie

Jabotis: Fernão, Teodoro

Jumentos: Ásther, Gold

Lobas-guará:

Maria Clara, Pietá

Lobos-guará: Akira,
Benvindo, Chico

Macaca: Guadalupe

Macacos: Esaú, Eterno,
Tobias

Maitaca: Tibus

Maritacas

Melro: Olyra

Papagaios: Duda, Louro

Pato: Luar

Patatas: Floratta, Teresa

Pintagóis: João, Tomás

Pomba: Angélica

Pombo: Romeu

Porco: Benedito

Sauás: Clara, Graça
Seriema: Ceci
Tartaruga: Giovanna
Tucanos: Iti, Paz, Seiji,
Tuto, Uru
Veada: Bambina

NO URUGUAI

COMUNIDADE-LUZ FRATERNIDADE

Cadelas: Anilan,
Cristal, Divina, Corazón,
Flora, Liza, Paz, Serena,
Sol, Vida
Cães: Ami, Ankar,
Francesco, Lucío,
Maleo, Mana,
Pacífico, Shanti, Timbo
Carneiro: Quianuu
Cavalos: Redención,
Sindu
Coelha: Neema
Éguas: Inca, Saa,
Guatam

Gansos
Gatas: Agatha,
Celea, Maia, Vida
Gato: Zavor
Ovelha: Uari
Vacas: Milagros,
Guadalupe

NA ARGENTINA

COMUNIDADE-LUZ IRMANDADE

Cadelas: Armonia,
Lira, Pureza, Turia
Cães: Amadeus,
Benito, Theo

EM PORTUGAL

COMUNIDADE-LUZ FLOR DE LYS

Cão: Fênix
Gata: Vida
Gato: Cristalino

Espaços a serviço dos Reinos

Locais citados pela autora, palcos de relatos

Carmo da Cachoeira, MG: p. 15

Casa Esperança: p. 15, 30, 102, 106,
189, 197 a 201, 203

Casa Luz da Colina: p. 14, 98, 171, 185,
186, 197, 210

Centro Mariano de Figueira: p. 38

Comunidade-Luz Figueira: p. 14, 147,
169, 183, 197, 211

**Fraternidade - Federação Humanitária
Internacional:** p. 14, 19

Núcleo-Luz em Belo Horizonte: p. 183

Setor Eu Sou: p. 169 a 173, 212

Setor Reinos: p. 14, 15, 19, 21, 51, 62, 101,
105, 109, 120, 142, 183, 185, 189, 194, 197, 199

Sítio da Estrela: p. 171, 203 a 205, 212

Sítio dos Reinos: p. 15, 30, 86, 89, 95, 111,
115, 131, 141, 151, 185 a 189, 210

Terras da Unidade: p. 15, 29, 36, 39, 41,
51, 55, 61, 65, 71, 76, 89, 90, 127, 139, 163, 171,
191 a 195, 211

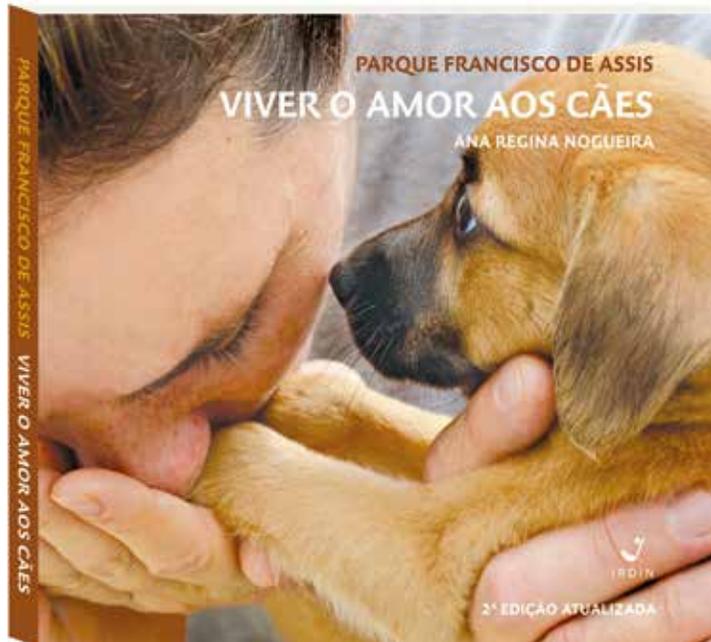
Um convite a você, leitor

Este trabalho baseia-se em colaborações voluntárias.

Alguns se dedicam a ele pessoalmente, e outros, com recursos financeiros.

Se você, caro leitor, deseja participar de uma maneira ou de outra, seu apoio será muito bem-vindo.

Una-se a nós no amor aos Reinos da Natureza, porque nosso planeta precisa de ajuda diante do atual quadro de tantas devastações.



VIVER O AMOR AOS CÃES

Parque Francisco de Assis

Ana Regina Nogueira

224 páginas | 20,5 x 22 cm

Com belas fotografias, o livro surpreende pela profundidade e beleza. Oferece chaves de como homens se curam enquanto curam animais.

Em linguagem poética, a obra narra a experiência de um grupo de voluntários que desde 2011 transformou um ex-matadouro de bovinos, suínos e cães, localizado em Lavras, MG, no amoroso e florido centro de resgate Parque Francisco de Assis, por onde passaram milhares de cães abandonados.



POR QUE NINGUÉM ME DISSE ISSO ANTES?
Segredos de bichos, plantas e pedras

Ana Regina Nogueira

160 páginas | 13 x 19 cm

Vinte crônicas expressam amor à Criação. A narrativa cativante e ao mesmo tempo forte e profunda está a serviço dos Reinos da Natureza.

A mensagem engloba realidades e mistérios ocorridos em paisagens urbanas e rurais de nove estados brasileiros. Escrita com o coração, expressa a constante unidade entre o mundo material e o imaterial. Tudo interage entre si e faz parte de uma única Obra.

A leitura é instrutiva, pois o ser humano age como se nunca ninguém lhe tivesse dito o que a autora diz bem alto!

www.irdin.com.br

